

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**LETÍCIA FARNETANI**

**Relação escola-lugar: as práticas socioespaciais cotidianas que vão além dos muros da  
escola**

**School-place relation: everyday socio-spatial practices that goes beyond the walls of  
school**

Trabalho de Graduação Individual II

São Paulo

2017

Letícia Farnetani

**Relação escola-lugar: as práticas socioespaciais cotidianas que vão além dos muros da  
escola**

Trabalho de Graduação Individual II apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Glória da Anunciação Alves

São Paulo

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer pela elaboração e finalização de um trabalho de conclusão de graduação é resgatar todo um processo anterior ao ingressar à universidade. É lembrar dos bons e dos péssimos dias antes e depois de conseguir cursar (e agora concluir espero!) uma graduação. É lembrar de cada pessoa que fez parte dessa passagem, de cada amiga e amigo, das palavras positivas e das que foram desnecessárias em vários momentos, dos sonhos conquistados e dos frustrados, mas que de qualquer forma contribuíram e contribuem em minha formação pessoal e profissional.

Então... Agradeço primeiramente e especialmente à minha mãe Dona Maria Luiza e ao meu irmão Matheus, que de muito, mas muito “perto” acompanharam e vão acompanhar e compartilhar muitos e muitos sonhos que estão pela frente.

Agradeço aos meus amigos de São João da Boa Vista, da escola, da rua e da vida que mesmo à distância continuaram comigo, Larissa, Aline, Thaize e Mayara!

Agradeço aos amigos que a geografia e São Paulo me trouxeram e que cotidianamente sofreram, refletiram, bandejaram e compartilharam muitos e muitos momentos nesses longos 6 anos. Especialmente à Ana Clara, Beatriz, Clareana, Rebeca, Eric, Cláudia, Marquinhos, Júlio, Branca, Marília, Nayara, Laila, Maria Gabi, Clô, Naty, Suse, Jacks, Gabi Fly entre muitos outros que não caberão aqui, mas sempre estarão em memória e coração.

Aos amigos e vizinhos CRUSPIANOS que são muitos, além de cada funcionária e funcionário alguns ainda presentes e outros não mais, as “tias do bandejão”, ao Seu Manoel porteiro/forrozeiro do Bloco B, ao Seu Silvio do Bloco D (obrigada pelos cafezinhos e bate-papos nos domingos), aos funcionários da USPÃO e tantos outros que talvez sem saberem influenciaram e ensinaram os meus dias e vida.

Agradeço aos amigos brasileiros que fiz do outro lado do Atlântico que em pouco tempo passaram a fazer parte da minha história e compartilharam um momento tão especial, revelador e inovador da minha vida Valmerson, Aldes, Oli, Ed, Aline e Thamis!

Agradeço especialmente à Professora Glória que desde do 1º ano com a extinta bolsa tutoria me acompanhou, orientou e acolheu com muita atenção e paciência.

Agradeço à todos os colegas de curso que passaram e compartilharam comigo a experiência de participar do Projeto de Extensão Semana de Geografia. Vivência que foi predominante e decisiva nos anos de graduação. Permitindo que eu entendesse e conhecesse um pouco mais da geografia cotidiana de São Paulo, além dos muitos alunos, alunas, professores e professoras de diferentes escolas públicas que tive a oportunidade de dividir saberes e conhecimentos que levarei para vida toda, especialmente à EMEF. Professor Paulo Freire e toda comunidade!

Por último agradeço à Escola Municipal Professora Marili Dias e comunidade do Morro Doce pela recepção e por cotidianamente lutarem por sua existência. Especialmente à professora Rosélia, Fábio, Daniela, Susete, Vivian, Renato e Eloisa. E à todos as alunas e alunos especialmente aos que diretamente contribuíram neste trabalho Vitória, Laura, Ivanilson e Wellington concedendo as entrevistas, e a tantos outros alunos e alunas que em muitas manhãs, tardes e noites lembraram-me do porquê continuar!!

## RESUMO

FARNETANI, Letícia. **Relação escola-lugar: as práticas socioespaciais cotidianas que vão além dos muros da escola.** 2017. 110 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho teve como proposta central compreender como as práticas socioespaciais construídas cotidianamente entre escola-lugar podem contribuir para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, possibilitando a apropriação pelos sujeitos do onde estão e simultaneamente quem são dentro de um contexto multiescalar. Nesse sentido, focamos nosso estudo nas relações espaço-temporal entre a EMEF. Profª Marili Dias e o bairro Morro Doce, localizado no extremo noroeste da capital paulista. Buscamos a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola compreender a importância da construção de uma geografia escolar que tenha significado para os principais envolvidos, comunidade escolar e local. Resgatando as estratégias de resistência e luta, como os projetos interdisciplinares adotados pela escola como política, desenvolvendo uma cultura/identidade escolar, baseada na pedagogia de projetos, que visa principalmente revelar as demandas e potencialidades do lugar de vivência dos sujeitos em formação, possibilitando a construção de identidades, memórias e uma geografia cotidiana própria. Metodologicamente, acompanhamos durante três anos os processos realizados na escola, buscando em prática compreender como essa cultura escolar foi se consolidando, considerando os conflitos, limitações e as contradições existentes. Preocupamo-nos ainda, em problematizar a importância do debate da educação pública para a sociedade, pois acreditamos que a educação vai além de uma simples mercadoria ou moeda de troca para o acesso. A luta pela educação pública e, consequentemente, pela escola pública é de responsabilidade humana, pois está atrelada à luta pelo caráter público e político do mundo que compartilhamos e das relações socioespaciais que construímos ao longo de nossa vida. É a luta pelo não esvaziamento e silenciamento das identidades, das memórias, dos sujeitos, dos lugares, dos direitos e da existência humana. Acreditamos que compreender as práticas socioespaciais construídas entre escola-lugar induz a curiosidade e incômodo de entender qual Geografia vem sendo produzida e apropriada pela sociedade introduzida em um sistema pautado no modo de reprodução capitalista, nos indagando buscar quais as estratégias que ainda (re) existem a esse projeto de escola e sociedade.

**Palavras-chave:** Lugar. Escola pública. Ensino. Geografia. Educação pública. Projeto Interdisciplinar. Resistência. Cotidiano. Raciocínio Geográfico.

## ABSTRACT

FARNETANI, Letícia. **School-place relation: everyday socio-spatial practices that goes beyond the walls of school**. 2017. 112 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This work had as a central proposal to understand how the socio-spatial practices daily constructed between school-place can contribute to the development of the geographic reasoning, making possible the appropriation by the subjects of where they are and simultaneously who they are within a multiscalar context. In this sense we focus our study on the spatio-temporal relations between the school EMEF Profª Marili Dias and the district of Morro Doce, located in the extreme northwest of São Paulo city. We seek, from the pedagogical practices developed in the school, to understand the importance of the construction of a school geography that has meaning for the main involved, school and local community. Rescuing strategies of resistance and struggle, such as the interdisciplinary projects adopted by schools as a policy, developing a school culture and identity, based on the pedagogy of the projects, which aims mainly to reveal the demands and potentialities of the place of living of the subjects in formation, making possible the construction of identity, memory and a daily geography of its own. Methodologically, we monitor the processes carried out at the school for three years, trying to understand how this school culture has been consolidated, considering the existing conflicts, limitations and contradictions. We are also concerned with problematizing the importance of the public education debate to the society, since we believe that education goes beyond a simple commodity or currency trading for access. The struggle for public education and consequently for the public school is a human responsibility because it is linked to the struggle for the public and political character of the world we share and the socio-spatial relationships we have built throughout our lives. It is the struggle for non-emptying and silencing of identities, memories, subjects, places, rights and human existence. We believe that understanding socio-spatial practices constructed between school-place induces curiosity and discomfort to understand which Geography has been produced and appropriated by society introduced in a system based on the capitalist mode of reproduction, asking us to search for the strategies that still (re) exist for this project of school and society.

**Keywords:** Place. Public school. Teaching. Geography. Public education. Interdisciplinary Project. Resistance. Daily. Geographical Reasoning.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>1 A LUTA PELA EDUCAÇÃO E ESCOLA PÚBLICA. POR QUE DEVEMOS CONTINUAR? .....</b>	<b>18</b>
<b>2 COM QUAL GEOGRAFIA ESTAMOS DIALOGANDO?.....</b>	<b>26</b>
<b>3 OS PROJETOS INTERDSCIPLINARES E A GEOGRAFIA ESCOLAR.....</b>	<b>57</b>
<b>4 AS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS DA EMEF. PROF.<sup>a</sup> MARILI DIAS VÃO ALÉM DOS MUROS? .....</b>	<b>64</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A – COLEÇÃO DE FOTOS ESCOLA-LUGAR .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA LETRA DE UMA MÚSICA E DE UM POEMA PRODUZIDO PELAS ALUNAS DA EMEF. PROF.<sup>a</sup>. MARILI DIAS- (2015) .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO C– ENTREVISTAS.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO D– LEGENDA DA FIGURA 9- ZONEAMENTO DO USO DO SOLO- LIMITES PERTENCENTES À SUBPREFEITURA DE PERUS .....</b>	<b>118</b>
<b>.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

“[...] A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há devir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surgem das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado.

[...] A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

[...] Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior.

Miami para eles? “Me ame para nós!”

(VAZ, S. *Manifesto da Antropofagia Periférica*. 2011)

Introduzir este Trabalho de Graduação Individual com alguns versos do *Manifesto da Antropofagia Periférica* (2011), do poeta de literatura marginal Sérgio Vaz, torna-se significativo e reflexivo para iniciarmos a apresentação e problemática acerca da temática do trabalho proposto. Buscamos demonstrar como as práticas socioespaciais articuladas e construídas na escola pública, tendo entre eles o ensino de geografia e os projetos interdisciplinares como veículos, conseguem interferir e definir novas práticas cotidianas; em que o onde torna-se elemento essencial para a construção do raciocínio espacial, principalmente se este “onde” localizar-se nas periferias das complexas metrópoles brasileiras.

Lugares que, assim como o poeta deixa explícito, são contraditórios, conflituosos e de luta. Espaços urbanos, socialmente e historicamente construídos em prol do modo de reprodução capitalista, em que a valorização espacial ganha destaque e autonomia, os processos globais reproduzem-se e os sujeitos e os usos desses espaços acabam sendo inseridos no processo de racionalização e mercantilização da produção espacial. Sendo que, as relações diárias com a cidade e o urbano são modificadas conforme as necessidades dos novos modos e meio de produção econômica, assim exemplificado por Seabra (2004):

... o cotidiano urbano, resultado da complementariedade entre industrialização e urbanização, é marcado pela aceleração do tempo; pela maximização do uso de bens e fatores produtivos, tanto quanto pelo aprofundamento da divisão

social do trabalho, a qual repercute na disposição de meios de vida, porque desencadeia necessidades novas... (SEABRA,2004, p. 191).

a reprodução da vida acaba sendo mediada pela lógica do mercado, a fim de manter o espaço concebido, regulando as desigualdades e segregações socioespaciais; assim apresentado por Alves (2017) em “Privação, justiça espacial e direito à cidade”; que as riquezas, o conhecimento, a informação são produzidos socialmente, porém são concentrados, distribuídos e apropriados espacial e socialmente de forma desigual, intensificando o processo do “desenvolvimento geográfico desigual”.

O processo de desenvolvimento geográfico desigual marca a expansão da cidade de São Paulo, sendo que as necessidades da lógica da especulação imobiliária junto à expansão financeira e aumento significativo da descentralização e deslocamento intra e inter migratório intensificaram ainda mais a reprodução do espaço urbano e simultaneamente as segregações socioespaciais. Movimento que prioriza a valorização-desvalorização dos lugares, expandindo horizontalmente a mancha urbana, as vias de acessibilidade, criando novas centralidades, aumentando ainda mais as hierarquias espaciais e as dependências sociais de grande parte da população que participa desses processos cotidianamente, pois; “... o espaço enquanto condição, meio e produto da reprodução da sociedade, nos leva necessariamente a discutir o papel do homem enquanto sujeito, percorrendo sua vida, valores, cultura, lutas, ansiedades e projetos, portanto o homem agindo” (CARLOS, 2013, Pg.70).

Sujeitos que em grande escala são expulsos das centralidades e áreas consolidadas das cidades, sendo expropriados do urbano. Mecanismo que estabelece novos aglomerados periféricos, onde grande parcela da população assenta-se, novamente, tentando sobreviver, reconstruir seu cotidiano e conseguir a tão sonhada casa própria. São “becos e vielas”, assim como coloca VAZ (2011), que concentram e extrapolam a ausência planejada da gestão pública onde a carência, a precariedade, a irregularidade, a falta de infraestrutura básica se estabelece, em outras palavras, ocorrendo a “espoliação urbana”.

Nesse processo, as pessoas perdem o direito a uma vida urbana digna e pouco participam e se apropriam da cidade fragmentada. Falta de acesso à moradia, aos espaços públicos, à mobilidade urbana e aos serviços coletivos; e também a não apropriação imaterial do cotidiano, em que o sujeito é expropriado de sua consciência, história e identidade, tornando-se mais um elemento do mercado, perdendo sua cidadania. Deixando de *ser* e passando apenas a *estar*.

Sendo assim, é considerável compreender se existe, e como essa parte da população constrói seus manifestos de luta, como articula-se, como cotidianamente existe, resiste e reproduz-se dentro deste processo de desenvolvimento socioespacial desigual e contraditório, que sua vida está imbricada. Como Carlos (2013, p.84) demonstra; "... espaço não é apenas produzido em função das condições de reprodução do capital mas também em função das condições de reprodução da vida humana".

Por isso torna-se relevante atentarmos para os movimentos sociais, culturais e políticos que surgem em bairros, em áreas vistas apenas pela reprodução do capitalismo como reservas para futuras valorizações; devemos problematizar como, cotidianamente, em lugares onde as dificuldades são sentidas em vários âmbitos da vida ocorre a elaboração e execução de ações que permitem a tomada de consciência desses sujeitos e a apropriação crítica de suas práticas espaciais, permitindo a construção e desenvolvimento de um raciocínio geográfico, projetando estratégias de luta e ações políticas por melhores condições; ou seja, compreendendo onde estão e simultaneamente quem são na realidade que vivem.

Com esse intuito visamos compreender como a partir das relações construídas entre escola-lugar é possível desvendar a geografia que pertencemos e nos realizamos, revelando os processos globais e locais, os conflitos e contrastes, as possibilidades e limites para desenvolvermos uma consciência espacial crítica; pois o lugar, assim apresentado por Carlos (2007, Pg.12),

... guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresenta como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento

Buscaremos dialogar e compreender que a partir do lugar é necessário olhar para o espaço em movimento e em constante processo de transformação, onde as relações são complexas, os sujeitos simultaneamente reproduzem-se materialmente e imaterialmente no âmbito do local, porém em articulação e confronto com as lógicas globais mediadas pelo modo de produção capitalista.

Desse modo, temos como objetivo principal, estudar as relações socioespaciais construídas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marili Dias e entorno, analisando a importância do lugar enquanto meio de compreensão da realidade para a formação de cidadania e ação política agindo além dos muros da escola, manifestando-se no espaço

público , em que politicamente teremos cidadãos livres e conscientes do onde estão e por quais direitos e justiça espacial estão lutando.

Procuraremos observar se esse espaço escolar se desenvolveu em constante movimento com a realidade local, com os sujeitos que o compõe; porém correlacionando com os processos escalares. Pretendemos então, analisar as singularidades das relações construídas na escola, atentando-nos as lógicas globais e estruturas que as escolas estão inseridas e subordinadas.

Assim como tantas escolas brasileiras, a EMEF Prof. <sup>a</sup> Marili Dias, enquanto instituição pública, ase constitui como um espaço contraditório e de conflitos, onde estabelece-se relações de poder e hierarquias relacionadas à uma escala maior de reprodução, servindo para a manutenção e transformação do modo de produção capitalista, intensificando o desenvolvimento desigual do espaço. As escolas públicas brasileiras refletem essas relações, sendo reflexos das desigualdades e dos contrastes existentes em todo o país. Nesse sentido, faz-se necessário desconstruir a ideia de uma escola ideal, sem problemas; mas ao contrário pretendemos olhar para escola enquanto lugar, ao mesmo tempo, da diversidade, do espaço público de sociabilidade e reflexão; mas também do conflito, da violência, da burocratização, da homogeneização, da resistência e emancipação, de uma escola em constante movimento, assim como as relações socioespaciais.

Ou seja, por mais que as escolas em geral pertençam a uma lógica estrutural de manutenção da produção capitalista em escala global, lidamos com dinâmicas locais internas e singulares, resultantes de relações socioespaciais que podem ser construídas localmente, conforme a história e as práticas espaço-temporal de cada sujeito envolvido. Relações que acabam por definir uma “cultura escolar”, entendida por Girotto(2009, p.19),

...enquanto arcabouço de normas e práticas que definem a instituição escolar enquanto instituição dinâmica, em processo constante de transformação. [...] que se deixa revelar na análise das práticas socioespaciais que ali ocorrem diariamente [...] permite tornar concreto os conflitos, as possibilidades que permeiam as escolas e os seus diferentes sujeitos espaciais, possibilitando assim a análise de uma escola em processo e não dada a priori.

Sendo assim, torna-se importante visar a relação lugar-escola pois, “criam-se vínculos, cotidianamente, se estabelecem percursos e vivências no bairro, os quais caracterizam aspectos particulares que contribuem para pensar o território, no caso a cidade, sua localização em diferentes escalas geográficas” (Callai, Castellar e Cavalcanti, 2012, p. 105).

Assim pontuado, este estudo pretende investigar a importância da realidade local como meio para ampliar, apropriar e construir nosso raciocínio espacial crítico, sendo a geografia escolar e as demais práticas ocorridas no espaço escolar, meios para esse desenvolvimento e aprofundamento da leitura e interpretação do mundo; ou seja, acreditamos que a partir da educação pública, em específico da geografia que se realiza na escola, em diálogo com a realidade local dos sujeitos envolvidos, alunos, professores e comunidade, seja possível ocorrer o reconhecimento da nossa cidadania, além da conquista de consciência, de autonomia, de liberdade e identidade.

Para isso visamos, em um primeiro momento do trabalho, resgatar o debate acerca da educação pública, enquanto direito político da sociedade. Recorrendo, principalmente, a obra de Hannah Arendt, “Entre o Passado e o Futuro” (2014), em específico o capítulo, “Crise na educação”; tendo o intuito de teoricamente problematizar que a apropriação de nossa consciência cotidiana enquanto sujeitos transpassa o espaço escolar, estando ligado, assim como a autora coloca com a nossa condição humana e histórica. Apontando que o problema da escola pública vai além da infraestrutura física em péssimas condições; estando ligada com uma crise do mundo contemporâneo, do mundo do trabalho que simultaneamente vêm transformando e limitando a educação há projetos de sociedade em que grande parcela continuará sendo segregada e se reproduzindo socialmente e espacialmente de forma desigual, perdendo não apenas seus direitos materiais, mas intensificando sua perda de consciência enquanto pessoa política no mundo.

Seguiremos nos próximos capítulos compreendendo como as práticas socioespaciais desenvolvidas na EMEF Prof<sup>a</sup> Marili Dias interagem além dos seus muros, analisando onde ela está localizada, pois a

... relação entre escola-lugar parte do pressuposto de que o lugar da qual a escola faz parte é também resultado de múltiplos processos realizados em diferentes escalas e por diferentes agentes socioespaciais, buscamos a compreensão das articulações, das resistências, das contraposições existentes entre os diferentes processos, dinâmicas e fenômenos que mesmo pensados globalmente se realizam no lugar (GIROTTTO, 2009, p. 28).

Em nosso caso introduzimos o trabalho com uma breve consideração do complexo processo de produção espacial, pautado na reprodução do modo capitalista, em que focamos a formação e relação centro-periferia presente na cidade de São Paulo, em que compreendemos que, em cada área da RMSP, há diversas formas-conteúdos de (re)produção do modo de vida urbano “periférico”, que cotidianamente sofre com a expropriação dos direitos mínimos de

sobrevivência, desde as famílias que vivem nos cortiços e ocupações localizados nas regiões centrais de São Paulo nos ociosos edifícios públicos, até as favelas encerradas nos bairros nobres da capital, chegando aos afastados lotes ocupados pelos CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) e pelas casas de autoconstrução. Ou seja, realidades distintas que revelam as relações periféricas em sua ampla complexidade e contradição, em nosso caso o lugar de estudo se espacializa no extremo noroeste da capital paulista, precisamente na região de Perus, administrativamente delimitado no Distrito Anhanguera, bairro do Morro Doce.

Considerada área periférica o Morro Doce, é um local que se encontra no limite do município, constituído predominantemente por moradias de autoconstrução, onde se concentram pessoas da camada de mais baixo poder aquisitivo, provindas de outras áreas periféricas da cidade que foram valorizadas, sendo, então, migrantes tanto do nordeste quanto migrantes internos do município. É um local de difícil acesso em relação ao centro da cidade, onde se concentram os equipamentos coletivos, públicos, culturais, infraestrutura básica, postos de trabalho entre outros elementos que são necessários para a reprodução da vida humana, mas que na área de estudo estão escassos ou ausentes.

Cabe, brevemente, contextualizar a escola que teve seu início de funcionamento em 2008, quando a principal característica atribuída à ela era de reunir os “alunos problemas”, rótulo que foi e é trabalhado na escola pelos professores que prezam pela desconstrução e problematização acerca dos estigmas criados, em relação de ser e morar na periferia, de ser negro, pobre e um “aluno ruim”. Inicialmente em algumas idas à escola, conversas e observações, nota-se que os principais meios utilizados pelos professores para a realização do desenvolvimento dos trabalhos para que ocorra esse processo de desconstrução são os Projetos Interdisciplinares, estes sendo os principais aliados para o desenvolvimento e ação política, social e cultural, visando desenvolver com os alunos e toda comunidade local. Estratégias que nos impulsionam, ainda mais, a entender como a geografia escolar, inserida nesse processo pautado na pedagogia de projetos, pode se tornar importante para a construção desta consciência política, crítica e espacial que EMEF Profª Marili Dias, aparentemente, pretende e busca enquanto Projeto Político Pedagógico.

Enquanto relação escola-lugar, nota-se que a escola se torna centralidade para o acesso à cultura, ao lazer; sendo local de forte articulação com o seu entorno, estudantes e moradores. Processo que nos indaga a compreender se ocorre uma mobilização política em prol da comunidade, da identidade, memória e direitos enquanto cidadãos, onde a escola a partir do

lugar, das condições, problemas, deficiências e conflitos reais consegue construir significados e sentido tanto para o espaço, tanto para os sujeitos que os compõem, até porque assim como defende (CAVALCANTI, 2010, Pg.141) “... a escola tem um papel político-social ligado à formação de cidadãos mais críticos, mais participativos e mais conscientes de seus limites e de suas possibilidades de exercer efetivamente sua cidadania.”

Geograficamente a escola localiza-se no ponto mais alto do Morro Doce, em específico na Vila dos Palmares, servindo enquanto referência de localização, recebendo crianças de outros bairros, como o Monte Belo, Jardim Rosinha, Filhos da Terra e Morada do Sol. Assim como já apontado é um bairro periférico consequência do violento processo de especulação imobiliária que impulsiona, em partes, a produção do espaço urbano paulistano. Desse modo, assim como Vaz coloca, “[...] *a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural*” (2011); a ausência das políticas públicas ativas e participativas afeta a infraestrutura e os recursos básicos de sobrevivência, impede que a periferia se aproprie de novas práticas sociais e temporais do uso do espaço público, da cidade e do lugar que vivem.

Assim é importante pensar como a periferia “...*unida contra os reis e rainhas...*” vem se articulando e se apropriando das relações socioespaciais que cotidianamente lhes são expropriadas, pois para Cavalcanti (2010, pg.140);

... conhecer a realidade presente nessas cidades, compreende-las em sua diversidade e complexidade, distinguir os processos que são responsáveis por seus problemas é um projeto relevante e necessário para a busca de superação de suas dificuldades, para uma reestruturação desses espaços em conformidade com objetivos sociais e políticos efetivamente mais democráticos, com maior participação e inclusão sociais

Buscaremos, neste intuito, observar como a Geografia possibilita meios para trabalhar e desenvolver o pensamento espacial dos sujeitos, em que eles próprios constroem e vivem cotidianamente, focando em como a geografia escolar pode contribuir para esse processo de formação e construção de conhecimento. Em que para melhores “resultados” é pertinente olhar para a geografia cotidiana desses alunos, pois é no confronto entre geografia cotidiana do espaço vivido de cada um e da geografia concebida academicamente, presente nos currículos oficiais, que ocorre a construção de novos conhecimentos. É o momento em que o incomodo surge, possibilitando novos olhares para aquela geografia que já está dada como única e verdadeira. Acreditamos assim que para uma apropriação e planejamento mais democrático, inclusivo e participativo para gestão de uma cidade a escola e a educação pública ganha relevância;

A escola e a geografia escolar têm a possibilidade de realizar a formação desse cidadão, compartilhando experiências de intercâmbio e de conhecimento, circulando informações sobre o espaço urbano em sua complexidade e sobre a responsabilidade da participação do cidadão na produção desse espaço (CAVALCANTI, 2010 Pg.142).

A escola pública nesse sentido ganha importância e até mesmo pode se tornar foco de resistência contextualizada nessa lógica de produção do espaço urbano desigual pautada no modo de reprodução capitalista, pois na escola pública ocorre, simultaneamente, o encontro, o conflito, os questionamentos e as possibilidades, em que pode ser construídos canais com a gestão pública, até porque a escola não está alheia à sociedade. Ainda assim, o presente trabalho comprehende que este estudo trata de um processo constante que lida com pessoas, relações e realidades diferentes, em que estamos cientes que o objeto de estudo dessa pesquisa não representa e não incentiva um modelo único de escola a ser seguida ou transposta a outros contextos.

Visamos apontar como a relação escola-lugar-geografia consegue tornar-se um processo de resistência e reação a um modelo de escola engessado, burocrático e limitador, onde os sujeitos são quantificados e objetificados, nos atentando que as relações em outras localidades são diariamente distintas, mas que também, a partir dos diálogos dos sujeitos, do local é possível construir identidades, identificar os problemas e as positividades, projetando outras estratégias de luta, emancipação, autonomia e educação. Ou seja, buscamos apreender a importância da tomada de consciência enquanto meio para o reconhecimento do onde pelos sujeitos, em que se apropriar da realidade local a partir do cotidiano, torna-se instrumento pela busca por mais justiça espacial, almejando, em um longo processo o direito à educação, a cidade e ao urbano.

## METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho realizamos primeiramente o levantamento bibliográfico acerca do nosso tema principal; as relações construídas a partir das práticas socioespaciais entre lugar-escola, buscando autores que debatam sobre a importância da categoria do lugar para a construção do conhecimento e do pensamento crítico espacial, a partir da geografia escolar. Recorremos ainda às bibliografias que problematizaram a importância social e política da educação e escola pública, visando fortalecer ainda mais o debate e reconhecimento da educação como direito humano e responsabilidade de todos.

Para a construção do segundo capítulo, “Com qual geografia estamos dialogando?”, foi necessário a produção de representações cartográficas temáticas, em que utilizamos e tratamos os elementos quantitativos retirados do banco de dados da plataforma GEOSAMPA Mapa<sup>1</sup> de autoria e responsabilidade da prefeitura do município de São Paulo. O objetivo da produção da coleção dos mapas foi de, a partir dos dados quantitativos recolhidos, conseguirmos espacializar onde estão os equipamentos urbanos de uso público, a fim de problematizar a distribuição e acesso desigual da infraestrutura no território paulistano. Buscamos ainda, em outra plataforma da prefeitura de São Paulo, Gestão Urbana, informações e dados sobre o mais recente zoneamento do uso e classificação do solo urbano do município. Além desse levantamento quantitativo de dados, foi relevante buscar referências bibliográficas para esse capítulo, considerando o lugar de estudo, recorrendo à literaturas que abordavam sobre o bairro em específico, pontuando seu processo de formação espacial e social em relação a produção espacial da cidade de São Paulo.

Para realização do trabalho foi necessário construir, dentro dos limites, um vínculo maior com a escola e bairro para melhor entendermos a realidade que iríamos estudar. Assim, foi entre os anos de 2015, 2016 e 2017 que iniciamos nossa interação com as práticas lá realizadas cotidianamente, analisando a organização do espaço e tempo escolar, os documentos oficiais da escola, os projetos elaborados, participando e observando às aulas de geografia entre outras atividades lá efetivadas, resumidamente assim como demonstra Eduardo Girotto em sua pesquisa, em que “[...] compreender determinada época, uma determinada espaço-

---

<sup>1</sup> Segue o link de acesso:

É uma plataforma interativa que os usuários podem acessar dados e informações acerca do uso de solo, dos equipamentos urbanos e de localização por exemplo.

temporalidade, faz-se necessário que nela estejamos implicados e estar implicado é vivê-la em todas as suas contradições. É incorporar, interiorizar a espaço-temporalidade que se quer conhecer” (GIROTTTO, 2009, p. 20).

Tentarei por meio de conversas com os sujeitos envolvidos compreender a escola além da visão geral e imposta sobre a mesma, apreender as relações ali presentes que são resultados de práticas socioespaciais que vão além dos muros da escola, estando ciente que dialogarei, enquanto sujeito que “olha de fora”, respeitando os limites dos envolvidos e o meu enquanto pessoa. Ainda elaboramos uma entrevista<sup>2</sup> com cerca de 20 questões a respeito do bairro, da escola e das relações construídas entre lugar-escola, em que, de preferência, ex-alunos, alunos e moradores respondessem, objetivando uma melhor compreensão da realidade, a partir da voz e percepção dos sujeitos que cotidianamente (re) fazem essas práticas socioespaciais. Sendo uma oportunidade de observar como ocorreu esse retorno de como foi ou é pertencer ao processo de estudar na EMEF. Prof.<sup>a</sup>. Marili Dias, de participar dos projetos interdisciplinares e de viver no Morro Doce.

A fim de complementar o trabalho, iremos no anexo apresentar algumas fotos do bairro e da escola, que decidimos que no corpo do trabalho não eram cabíveis em excesso.

Não esquecendo que buscamos a partir da realidade compreender o objetivo proposto, da relação escola-lugar, e nesse sentido diante do percurso encontramos empecilhos, novos olhares, mudanças e decepções; mas prezamos por um estudo que considerasse as relações construídas em uma escola pública real, propícia à transformações, pois lidamos com práticas cotidianas e pessoas em constante movimento. Buscaremos, por fim, realizar o diálogo entre as leituras das bibliografias, os documentos analisados, as idas à escola, as conversas, minhas experiências e reflexão.

---

<sup>2</sup> As entrevistas estarão disponíveis no ANEXO C do trabalho. Foi autorizado por 3 entrevistados dos 4 a identificação e citação dos nomes e idades no corpo do trabalho. Apenas uma das entrevistadas não confirmou a autorização do uso, sendo assim a identificamos como “Entrevistada X”.

## **1 A LUTA PELA EDUCAÇÃO E ESCOLA PÚBLICA. POR QUE DEVEMOS CONTINUAR?**

“ [...] Eu fiz meu rap virar cereal cerebral matinal  
Pra os moleque não morrer de desnutrição mental  
Trocá os programa enlatado, lotado de conservantes  
Por um instante, por ni brisant  
Conservantes, vim pra impregnar (rá) tipo cheiro de Cheetos  
E atravessar as gerações, que nem os Beatles  
Só vou desistir, abortar minha missão  
Quando a educação aqui virar ostentação [...]”  
(ANTUNES, A e INQUÉRITO. “Versos Vegetarianos”.2014)

Diariamente acompanhamos notícias, relatos, desabafos e a predominante descrença na educação e nas escolas públicas brasileiras, em que é frequente denúncias contra a violência, a precarização e o descaso entre os muros das escolas; porém a violência física e direta não é a única presente nas escolas. Devemos nos atentar a violência presente nos detalhes, nos discursos, de um ato e de escolhas construídas historicamente por uma minoria em superioridade, que definem práticas socioespaciais padronizadas, um projeto de sociedade que determina um cotidiano alienando de grande parte da população.

Nesse sentido este trabalho pretende compreender a importância e como as práticas socioespaciais construídas a partir da relação escola-lugar; tendo a geografia escolar como principal aliada para construção de um raciocínio e pensamento espacial ativo e autônomo; pode resgatar a seriedade e as resistências que ainda permanecem na escola pública, por meio de todos aqueles que ainda acreditam e lutam pela existência da educação pública para a sociedade.

Para isso, no desenvolvimento deste primeiro capítulo, ansiamos trazer a discussão problematizada, em especial, por Hannah Arendt, no 5º capítulo “A crise na Educação” do livro “Entre o Passado e o Futuro” (2014), tendo em mente os questionamentos; *porquê ainda seguimos acreditando e lutando em prol da educação e escola pública? Ou porquê só “desistir e abortar a missão quando a educação virar ostentação?”*. A educação está muita além de ser um simples meio de alcançar determinados fins e desejos atrelados a nossa vida privada; ter o melhor emprego, entrar na melhor universidade, especialização entre outras conquistas que limitam a educação apenas como mercadoria, ou ainda, a utiliza como meio de acesso ao trabalho e simultaneamente ao consumo.

Este debate nos remete a reflexão de como a educação e simultaneamente a escola, ao longo da história com as transformações políticas e econômicas, em meados do século XX; passaram a serem vistas como meio, apenas, para a ascensão social e privada da população. Em que com a democratização e burocratização das políticas públicas educacionais brasileira o acesso se universalizou, porém sem infraestrutura material e esvaziada de sentido, resumindo era um acesso que estava ligado ao discurso da garantia ao mercado de trabalho.

Discurso que atualmente, pensando nas escolas públicas localizadas, principalmente nas periferias brasileiras, não é mais cabível, porque ocorreram transformações nas demandas e necessidades do modo de produção capitalista e simultaneamente no perfil “adequado” para o mercado de trabalho, também não podemos esquecer que lidamos com uma crise mundial e social em relação ao mundo do trabalho, em que cotidianamente não nos identificamos conscientemente e criticamente das nossas práticas socioespaciais, dentre elas o trabalho que se torna abstrato, sem sentido e significado; ou seja a escola até nesse único sentido que a definia e lhe dava “significado” e importância perante a sociedade, hoje vêm se mostrando ineficaz e insatisfatória para população, assim resumida por Girotto (2009, p.157)

A democratização do acesso à educação significou acesso ao discurso da sociedade do trabalho e a não inserção de fato na mesma enquanto trabalhador assalariado. Há agora excesso de trabalhadores formados em uma sociedade na qual o trabalho é cada vez menos necessário [...].

Para Arendt, a educação vai além do mundo do trabalho, está interligada com a condição e experiência humana entre as gerações, em que se torna importante conservar o diálogo com as tradições, com as experiências do passado, com esse “fio” que nos prende e ao mesmo tempo nos conduz, nos permitindo estabelecer as relações, não de dominação, entre as gerações a fim de dar a devida continuidade ao mundo que construímos e compartilhamos (ou devíamos), na qual o recém-chegado ao mundo seria simultaneamente a possibilidade do novo, mas também estabeleceria e resgataria o passado; ou em suas palavras:

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece como tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. (ARENDT, 2014. p. 234).

Ou seja, “pegar” esses recém-chegados à vida e torna-los seres do mundo, sendo uma tarefa contínua, assim como Arendt coloca; uma introdução aos poucos que permita que esse ser novo chegue a “fruição” com o mundo, relação que no mundo moderno vem sendo destruída.

Nesse sentido torna-se responsabilidade comum da humanidade olhar para essa questão enquanto problema político presente em nossa sociedade atual. Sendo assim apontaremos como e se as práticas cotidianas entre escola-lugar podem e tornam-se um meio de resgatar e dar continuidade a esse “elo” que compartilhamos entre gerações, onde tenhamos acesso a esfera política de decisões, rompendo com as relações privadas habitando de fato o espaço público e político. Desse modo, devemos olhar a educação como um processo, em que o mundo é apresentado aos novos (alunos), em que podemos participar politicamente no espaço público, respeitando a pluralidade presente no mundo que compartilhamos, questionando nossos direitos, ouvindo as nossas vozes e as dos outros; a fim de problematizar e nos conscientizar que ter acesso à educação, construir conhecimentos e saberes acerca da realidade que vivemos, reflete e estabelece relações de poder e liberdade individuais e coletivas, indo além da simplista e concebida visão de que a escola deve fabricar o indivíduo ou para ser trabalhador, ou atualmente para ser consumidor, a escola e educação pública pode ir muito além, assim apresentado por Girotto(2009, p.158)

[...] a escola não pode ser pensada enquanto lugar do trabalho. [...]É, antes, lugar da ação, do nascimento social dos homens. [...] É pela escola, que, os alunos podem iniciar algo novo, inserir-se criticamente num mundo posto, que de forma, alguma são obrigados a aceitar”.

Retomando nosso objeto de estudo, buscamos apreender como as práticas socioespaciais construídas entre bairro e escola; pode-se recorrer as experiências de cada indivíduo e tornando-se meio de mobilização para a construção de um raciocínio espacial crítico, considerando que a escola pública permite o encontro da diversidade de recém chegados ao mundo, que já carregam, enquanto pessoas, experiências que refletem em práticas cotidianas diversas. A questão é de como utilizar essa diversidade para educar para o mundo que já existe, pensando em construir algo em comum, que não se torne passageiro? Como resgatar das relações de conflitos construídas entre os muros da escola aquilo que permanecerá e resistirá no mundo que compartilhamos?

Estamos cientes que as relações construídas nas escolas são principalmente de âmbito pedagógico, assimétrico entre aluno e professor, em que este último deve reconhecer seu papel diante da responsabilidade de compartilhar conhecimento entre as gerações. Momento em que

por meio da autoridade, seja na especialização disciplinar que optar, o professor deve conseguir por meio de práticas diárias construir estratégias que permitam a continuidade e conservação do espaço público. O professor, ao assumir essa profissão, deve estar ciente de sua escolha, em que perante a sociedade desempenhará um papel importante, em que suas ações podem legitimar e reconhecer novas relações sociais.

Uma autoridade que está ligada a responsabilidade de não nos alienarmos das práticas socioespaciais que diariamente realizamos e que nos realizam, em espaços como a escola que é construída e nos constrói, a partir das relações socioespaciais contraditórias, em que simultaneamente resistem e avançam junto com o modo de produção capitalista. Constituindo a partir desse processo novas práticas e ações, que vão desenhando, se refazendo e estabelecendo coletivamente e individualmente memórias, pensamentos, identidades, ações e experiências, que dialogam além dos muros fisicamente e simbolicamente construídos nas escolas.

Reconhecemos que a escola não deve limitar a democracia apenas entre seus muros, pois a democracia pertence ao espaço público comum a todos nós, em especial o direito à cidade e ao modo de vida urbana que cotidianamente vem sendo expropriado da população, que historicamente perde sua voz de igualdade na luta pelo uso do espaço público comum a todos. Sendo assim as relações construídas na escola podem permitir a construção de raciocínio geográfico crítico, considerando a vida desses sujeitos que já existem e estão no mundo, a partir das práticas socioespaciais construídas no lugar de vivência.

Nesse sentido, consideramos as relações intraescolares enquanto práticas pedagógicas assimétricas pois lidam com o professor, um ser que vive há mais tempo no mundo em constante diálogo/conflito, com o aluno um novo ser no mundo. Práticas pedagógicas que influenciem no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que o aluno se torne parte do processo, apresentando as relações que já existem há muito tempo no mundo, dando sinais de como nossas vidas interagem com o mundo que já está “dado” e problematizando como seu cotidiano e suas práticas socioespaciais influenciam tanto na produção material quanto na produção imaterial do mundo que partilhamos.

Podemos então refletir, assim como Arendt (2014, pg.246) demonstra que

[...] na prática, a primeira consequência disso seria uma compreensão bem clara de que a função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente.

Acreditamos que as relações construídas na escola permitam que o aluno e aluna seja introduzido e não fabricado e que fabrique um novo mundo, até porque o mundo já está consolidado, e só de pensarmos em construir o novo, já limitamos o novo de surgir a partir do espontâneo das novas gerações.

Resumidamente, escolher enquanto objeto de estudo as relações construídas entre lugar-escola, pretendendo atribuir a importância da geografia escolar para o desvendar da realidade que vivemos, não poderia deixar de estar conectada ao debate e valor que a educação coloca em nossa condição enquanto pessoas singulares vivendo no mundo; sendo direito de todos nós estarmos cientes sobre a história, compreendendo o que passou e o que se passa no mundo, e enquanto sujeito, entender onde estamos e quem somos nessas relações. Com isso, a escola pública permite o encontro e troca de experiências, resgatando e partindo do cotidiano destes indivíduos, possibilitando o novo e simultaneamente retomando o passado.

Em específico, a geografia escolar pode contribuir para a construção dessa consciência acerca da importância não só da educação, mas do reconhecimento dela enquanto meio para atingir uma liberdade coletiva política de ação em prol de direitos que historicamente são retirados da maioria da população, a fim de romper com as relações naturalizadas pelo passado., O ensino de geografia pode colaborar para que o morador da periferia que diariamente sofre com a espoliação urbana, que é expropriado não apenas de seus meios materiais de reprodução da vida, mas também é expropriado de seus meios de existência humana, de reprodução enquanto sujeito, apagando sua história, identidade e experiência, possa construir meios e estratégias de lutas alcançando melhores condições de vida. Sendo pertinente adotar que a luta pelo espaço público vai além da distribuição e divisão da riqueza material, estando atrelado ao reconhecimento da diversidade, da liberdade, da política e da existência humana.

Sendo assim, preparar esses seres novos para o mundo é reconhecer e apreender que lidamos com pessoas que estão no mundo com experiências e desejos particulares, da esfera do privado; é nesse âmbito das relações contraditórias, que o conflito emerge, pois se torna necessário apresentar a esses novos seres do mundo que o espaço público é comum e que faz parte da nossa existência, demonstrando que não devemos diminui-lo e media-lo por meio de nossos interesses particulares, reduzindo algo comum, em um mundo privado, onde poucos tem o direito de uso.

Situação que Arendt (2014, pg.245) relaciona com a crise na educação, expressado no trecho:

... o problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição

Ou seja, vivemos em mundo onde as relações são mediadas pelo valor de troca, onde pessoas se tornaram consumidores e onde o legado é a busca excessiva pelo progresso e pelo fim do que é atrasado, velho, em um simulacro de realidade... Conjuntura que fez lembrar uma tirinha da personagem Mafalda (QUINO, 2008, p.138), expressa abaixo:

**Figura1.** Tirinha Mafalda



**Fonte:** Mafalda e a imprescindível crítica do real na aula de História- Acesso julho/2017.

Assim, como indaga Mafalda, podemos questionar que progresso é esse que está pautado apenas em cumprir as necessidades de um projeto de sociedade regulado na lógica da produção capitalista, em que se utiliza a “educação” enquanto discurso para civilizar, trazer modernidade, o consumo e o conforto; porém o que temos há décadas presenciado, é a intensificação do desenvolvimento socioespacial desigual.

Considerando este apontamento, estudar a relação escola-lugar, onde as práticas socioespaciais localizam-se nas áreas periféricas da cidade de São Paulo que, pela lógica do mercado, são vistas apenas como reservas de solo urbano para futuros empreendimentos de valorização e especulação imobiliária; é fundamental considerarmos que a periferia também expressa complexas, contraditórias e conflituosas relações, pois lidamos diariamente com o embate entre nossas necessidades privadas de sobrevivência e as pautas que buscamos para atingirmos um modo de vida que preze por mais acesso, liberdade, identidade, justiça e direitos ao uso do espaço público.

Atualmente vem ocorrendo a tendência da nossa sociedade de romper com a luta pela sobrevivência do mundo compartilhado, estamos vivendo apenas em prol da nossa sobrevivência material, pautado no consumo e individualismo, substituindo o real debate público pelo privado. Com isso, historicamente, a maior parte da população não consegue debater no âmbito político e acaba não tendo acesso ao mínimo que corresponde ao consumo da vida, e simultaneamente perde o direito, também, no plano do imaterial, da consciência da condição humana, em que tudo torna-se ruína, perde o sentido, torna-se obsoleto, sem uso e existência. Assim exemplificado na citação abaixo em “A Condição Humana”

...Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, estar privado de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana: estar privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrentes do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. (ARENNDT, 2010, Pg.71).

A partir dessa problematização, olhar para escola pública enquanto um meio de potencialidade e possibilidades torna-se relevante, pois

... a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola. No entanto, a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo (ARENNDT, 2014, pg. 238).

A escola nos prepara para a responsabilidade em manter o mundo e o espaço público que compartilhamos, podendo criar o novo, a fim de exercitar nossa liberdade e lutando para possibilidade de uma consciência política da sociedade; ou melhor dizendo, cumprindo seu papel social. Segundo Girotto (2009, Pg.124) “... escola como espaço social, lugar das relações sociais que extrapolam seus limites e que são e estão diretamente relacionadas com o lugar social que a escola ocupa”.

Sendo assim torna-se relevante para a sequência do trabalho compreender como se realiza o “...lugar social que a escola ocupa...”, a partir das práticas cotidianas construídas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marili Dias e o bairro Morro Doce; analisando como o lugar influência nas relações que acontecem entre os muros da escola, podendo torna-se meio para desenvolver as práticas pedagógicas em específico para a geografia escolar, observando ainda se existe e como ocorre o diálogo com a realidade em que a escola

está inserida. Para isso é cabível debater onde está a escola compreendendo mais sobre seu processo de formação e quem são as pessoas que permitem, ou não, a relação escola-lugar.

Até porque torna-se necessidade e instrumento de luta saber onde estamos, subjetivamente e concretamente, tendo uma ânsia e compreendendo como os moradores, estudantes, professores, nós todos, em geral, nos apropriamos de nossos passos diários; assim colocado pelo professor Manoel Fernandes (2008)

[...] Educar na geografia, necessita dessas coisas de andar, sentir e pensar um bocado; de tal jeito que lá fora sobre o céu ou a fumaça, o chão que sob os pés nos passa, tenha sabor de brincadeira e seja coisa muito séria. Séria, solidária e boa. Boa ao ponto de andar não cansar muito. E há que se aprender, a sentir e pensar, quando se passeia pelo mundo afora (FERNANDES, 2008, Pg.38).

Encontrar as “brechas” na e para a geografia escolar, não sozinha, entrar em cena, ganhando significado e potencialidade em nossas práticas socioespaciais, possibilitando a problematização de qual projeto de sociedade, educação e escola historicamente vêm sendo construída e que diariamente nos é imposta enquanto verdade, com intuito não final, mas enquanto processo, de estabelecer novos posicionamentos de qual e por qual projetos de sociedade devemos coletivamente continuar lutando.

## **2 COM QUAL GEOGRAFIA ESTAMOS DIALOGANDO?**

Foram algumas idas e vindas desde de 2015 até os dias de hoje, que permitiram que eu conhecesse um pouco mais da geografia do Morro Doce e das dinâmicas realizadas na Escola Municipal Ensino Fundamental Professora Marili Dias. Foram muitas e muitas horas de “viagem”, sim viagem mesmo! Gastava cerca de 2 horas até chegar no meu destino final, Vila dos Palmares bairro onde a escola se encontra.

Eram dias que despertava as 5h30, pegava o ônibus sentido Terminal Lapa, em que no inverno/outono me deparava com céu escuro e um clima muito frio. Foram manhãs que encontrava o CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo) acordando, funcionários terceirizados chegando ou trocando de turno e claro, não posso esquecer a disputa que era para atravessar a rotatória do relógio de sol com os ciclistas, foram vários “bate-boca”, mas fazer o que, a “USP é pública né”!. Na primavera/ verão acordar tão cedo e esperar o demorado “Lapa”, não era assim tão penoso, tinha a recompensa de um agradável nascer do sol, em meio ao um horizonte bem verticalizado do arranha-céu paulistano, mas ainda assim compondo uma boa vista! Atravessar o Rio Pinheiros fazia parte do percurso, que só estava começando, passaria ainda pelo Tietê!

Descer no Terminal Lapa era um mix de sensações: sono e ansiedade para tomar aquele café da manhã nas variadas bancas dispostas pelo local. Partiria para minha segunda condução, sentido Terminal Britânia. Era uma perua que seguia distribuindo ao longo da Rodovia Anhanguera vários funcionários, pelas imensas empresas e lojas de distribuição (logística), além das fábricas e o SBT (Sistema Brasileiro Televisão). Ainda em minhas primeiras idas à escola, minha referência para saber se estava chegando era procurar o Pico do Jaraguá, já que rodovia Anhanguera separava de um lado o Morro Doce e do outro o distrito de Perus e o Jaraguá. O “Monte Belo” era o último ônibus que pegava para chegar até escola, era o trecho que adentrava no bairro.

**Figura 2.** Rodovia Anhanguera



**Fonte:** Foto da autora. Retirada dezembro/2017

**Figura 3.** Terminal Jd. Britânia



**Fonte:** Foto da autora. Retirada dezembro/2017

**Figura 4.** Rodovia Anhanguera e Pico do Jaraguá ao fundo



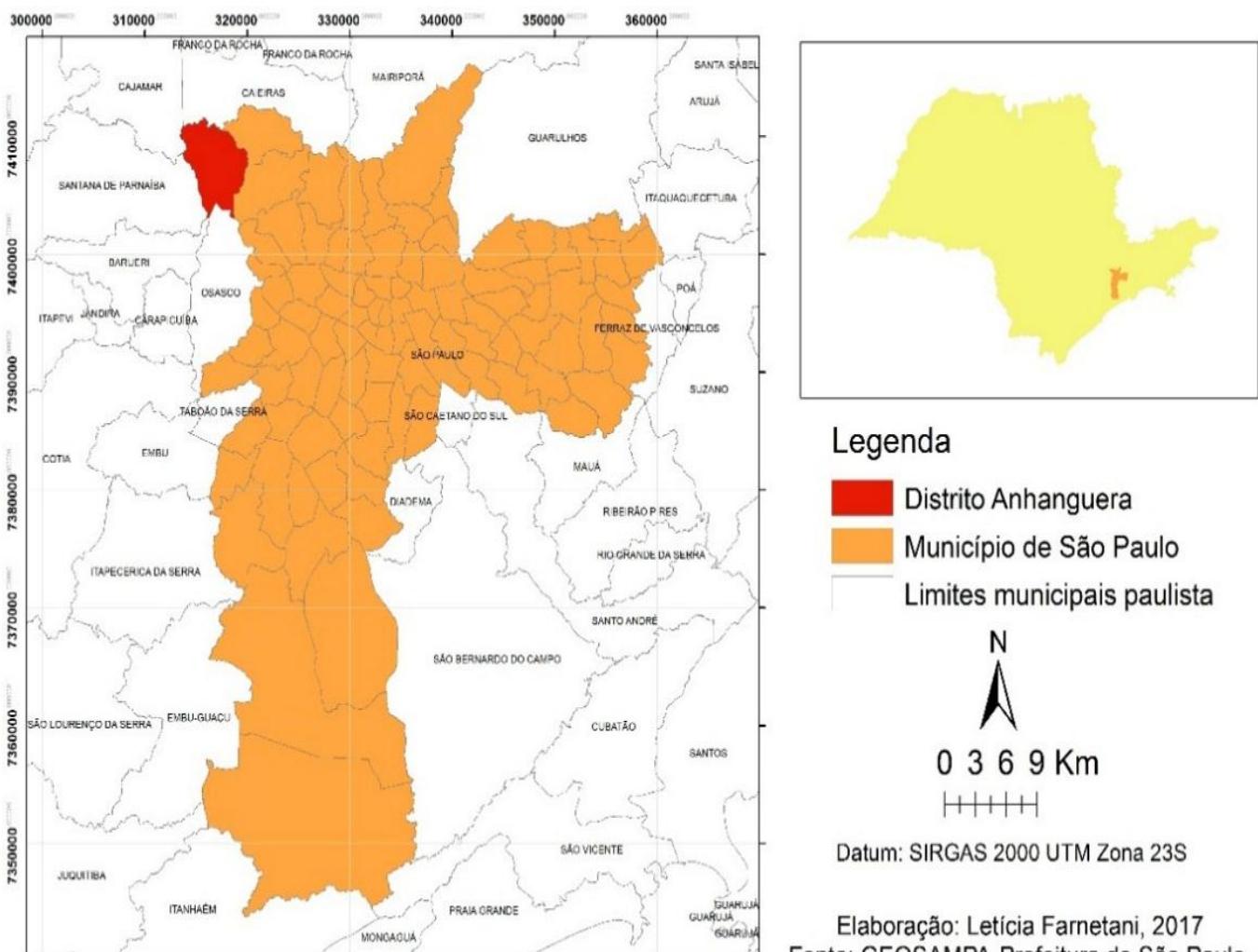
**Fonte:** Foto da autora. Retirada dezembro/2017

Geralmente por sentar nos bancos que se posicionavam em cima das rodas do ônibus, era perceptível que o local era um terreno acidentado, fazendo jus ao nome sendo composto por muitos morros. A primeira observação que notei é que o local apresentava muitas áreas verdes, terrenos vazios e que a composição das moradias seguiam um padrão de parcelamento dos solos urbanos, apresentavam características de autoconstrução e em sua maioria expandiam verticalmente.

No meio do caminho, passando pela Estrada de Pirapora, já podia observar a caixa d'água da escola que se encontra em dos pontos mais altos do Morro Doce. Assim já citado, geograficamente a escola serve como ponto de referência de localização, especificamente na Vila dos Palmares, onde atende crianças do Monte Belo, Jardim Rosinha, Filhos da Terra e Morada do Sol. E nessas idas e vindas, só pelas toponímias, já despertava uma curiosidade em compreender a história e produção espacial do bairro que se localiza no extremo noroeste do município de São Paulo, administrativamente reconhecida como Distrito Anhanguera tendo sua subprefeitura pertencente à Perus, fazendo limite com os Distritos de Perus e Jaraguá, com os municípios de Caiéiras, Cajamar, Osasco e Santana de Parnaíba, como poder ser observado no mapa administrativo:

**Figura 5.** Mapa de Localização Distrito Anhanguera

## Mapa de Localização Distrito Anhanguera, São Paulo.



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani (2017)

É um distrito que abrange, pelo censo de 2010, cerca de 65.000 habitantes em uma área de aproximadamente 33 Km<sup>2</sup>, demograficamente não sendo um local altamente ocupado. Fisicamente tem a presença da Rodovia Anhanguera como principal via de acesso e ligação a

outras localidades como a Lapa, por exemplo, e em 2002 ocorreu a construção e entroncamento de um trecho do Rodoanel Mário Covas. Pela via Anhanguera, inaugurada na década de 1940, conseguimos observar a forte distribuição e resquício do setor industrial, hoje mais relacionado com o 3º setor da produção, principalmente ligado à logística. Foi por meio dessa rodovia que ocorreu a intensificação da ocupação nos bairros lindeiros, a partir da década de 1990, onde ocorreu, pelo censo, uma nova reorganização administrativa dos distritos da capital passando de 56 para 96 distritos entre eles o Anhanguera.

Introduzir o segundo capítulo, descrevendo minha experiência construída entre os anos de 2015 e 2017 com a EMEF Profª Marili Dias e o bairro, necessita de um reconhecimento e consciência de que pertenço e diálogo de uma outra geografia e realidade espacial e temporal. Em que estou ciente e na busca constante de que realizar esse estudo necessita olhar para essa realidade e compreendê-la não apenas como objeto, mas considerando os sujeitos que exprimem contradições e, principalmente, meus limites enquanto pessoa de fora.

Sendo assim, temos o intuito de debater onde estão essas relações socioespaciais estudadas, problematizando e resgatando questões acerca, por exemplo, da acessibilidade e vida urbana, não apenas considerando a distância física, mas principalmente a distância social desses alunos e alunas, professores e professoras, trabalhadores e trabalhadoras que historicamente e diariamente sofrem com os processos de segregação socioespaciais instauradas no processo de reprodução da região metropolitana de São Paulo; assim apresentado;

[...] São Paulo cresceu tendo como uma de suas principais características, uma extensa periferia ocupada pela classe trabalhadora, (com favelas, loteamentos clandestinos e conjuntos habitacionais do Estado e Prefeitura) geralmente, essas moradias encontram-se muito distantes do centro da cidade, locais integrados de vida urbana e de tudo que esta centralidade pode oferecer [...] (PEREIRA,2005, pg. 24)

Assim apresentado, a produção e reprodução do espaço urbano, na cidade de São Paulo, está atrelada a expansão e manutenção do modo de produção capitalista, em que as consequências dessa urbanização, ideologicamente “não”<sup>3</sup> planejada afeta não apenas o acesso

---

<sup>3</sup> Nos referimos a “Não” planejada no texto usando aspas, pois acreditamos que é justamente devido ao um planejamento de âmbito político e econômico pautado no modo de produção capitalista que as periferias são criadas por meio de um processo de urbanização

à reprodução de nossas vidas materiais, mas também e, principalmente, afeta a nossa reprodução enquanto sujeitos.

A cidade em seu processo de reprodução material, torna-se uma mercadoria, em que fragmentos e parcelas do solo urbano, respeitando à lógica da valorização e desvalorização, são colocados à venda, estimulando um desenvolvimento desigual de apropriação e uso das práticas socioespaciais da cidade, pois nem todo mundo têm o privilégio e “oportunidades” de comprar um pedaço de terra ou estilo de vida. Notamos que esse movimento da produção desigual do espaço não é recente, ao contrário tornou-se meio para futuras reproduções da desigualdade social e espacial que caracteriza a capital paulista. Segundo os estudos Sachs (1999), este processo de exclusão social e segregação espacial vem se intensificando desde o processo acelerado de industrialização e urbanização do Brasil (entre 1950 e 1980), em que as consequências, principalmente nas cidades que apresentaram maior crescimento populacional, foi de uma

[...]a polarização social”, onde [...] os centros das cidades e os bairros elegantes concentram, já nesse período, maioria das infraestruturas e vivem um boom imobiliário. A verticalização afeta todas as cidades, grandes e médias. Ao mesmo tempo, a maioria pobre vê-se empurrada para uma periferia cada vez mais distante, o que leva a um crescimento horizontal desmesurado das aglomerações. (SACHS, 1999, pg.42)

Nesse sentido, foi sendo consolidado imensas áreas periféricas nas grandes metrópoles brasileiras, inclusive em São Paulo. Criando-se a relação centro-periferia, em que no seu movimento de reprodução da forma do capital industrial para o financeiro, acabaram refletindo simultaneamente em novas formas de organização espacial das cidades. Em que, atualmente não há apenas um “modelo” centro-periferia, mas múltiplas centralidades e periferias, estabelecendo-se hierarquias de relações de dependência econômica, política, social e cultural entre essas localidades.

Esse processo da produção de várias periferias ou da formação dos enclaves privados dentro da própria cidade, aumentando ainda mais na paisagem os reflexos da segregação socioespacial, teve seu auge entre as décadas de 80 e 90. Momento em que se muda a forma de distribuição das pessoas de diferentes classes sociais na cidade, assim exemplificado por Caldeira (2000);

---

desigual. Áreas periféricas que servirão como reservas de valorização de terra urbana para a manutenção do capitalismo e para a reprodução desigual do espaço.

[...] na história da São Paulo moderna, moradores ricos estão deixando as regiões centrais da capital para habitar regiões distantes. Embora a riqueza continue geograficamente concentrada, a maioria dos bairros centrais de classe média e alta perderam população no período de 1990-1996, enquanto a proporção de moradores mais ricos aumentou substancialmente em alguns municípios no noroeste da região metropolitana e em distritos no sudoeste da cidade habitados anteriormente por pessoas pobres. Nessas novas áreas, o principal tipo de habitação é o enclave fortificado (CALDEIRA, 2000, pg.231)

Nesse momento, enquanto criava-se para população abastada os condomínios fechados e luxuosos, seus muros fazendo limite com as favelas que começaram a surgir, a população de renda baixa também começava a passar por mudanças. Com uma pequena melhora na infraestrutura e regularização fundiária em algumas áreas periféricas, ocorreu a valorização dessas áreas como consequência, o que para muitos trabalhadores na crise econômica entre 80 e 90 foi prejudicial, pois a alternativa da “casa própria” e vida na periferia custaria mais caro, logo a saída foi o aumento significativo das favelas e cortiços, além das ocupações nas áreas centrais em edifícios públicos que estavam em início de ociosidade.

Desse modo podemos argumentar por meio de Girotto (2009), que o processo de produção e reprodução do modo de produção capitalista, pautado em um desenvolvimento desigual tem como principal reflexo espacial a criação das periferias, seja localizadas territorialmente em pontos mais distantes da centralidade e infraestrutura, seja em relação aos cortiços e as favelas que dividem os muros com os “enclaves fortificados”, para o autor ambos podem ser entendidos como;

[...] áreas com pouca ou nenhuma infraestrutura urbana (água encanada, rede de esgotamento sanitário”, falta de regularização fundiária, pouca presença do Estado no que diz respeito aos investimentos necessários para que os direitos humanos sejam garantidos (escolas, hospitais, áreas de lazer) [...]” (GIROTTTO 2009, Pg.112).

São áreas que ideologicamente foram produzidas, e nesse sentido Girotto (2009), problematiza que não podem ser territórios classificados como excluídos, ao contrário fazem e são essenciais para a reprodução do modo de vida pautado na valorização espacial, ou seja;

Não podemos aplicar termos como excluídos para definir tais territórios; pois é exatamente por estarem incluídas na reprodução do modo de produção capitalista que tais áreas se formam e configuram. Suas morfologias não são resultantes da exclusão, mas processo diretamente relacionado a dinâmica de expansão do modo de produção capitalista (GIROTTTO, 2009, Pg.112).

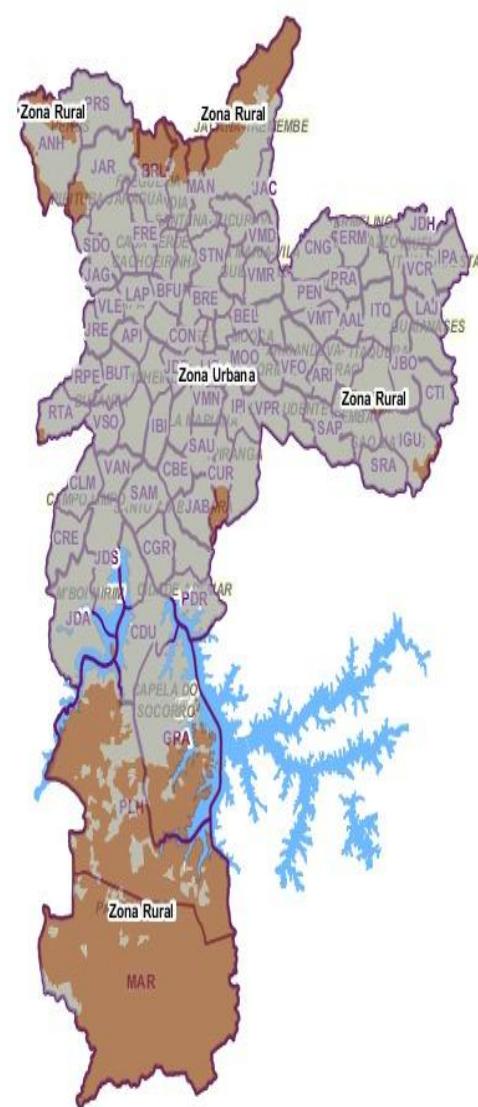
Nesse âmbito, este trabalho, se preocupa em problematizar a partir das relações no/do lugar como vem ocorrendo a produção programada da ausência do poder público no Distrito

Anhanguera, popularmente reconhecido como Morro Doce, que é composto por mais de 20 bairros entre eles, Vila dos Palmares, Parque Anhanguera, Residência Sol Nascente, Jardim Canaã, Jardim Britânia, Monte Belo, entre outros que assim como grande parte da periferia paulistana surgiu enquanto situações de “fronteiras urbanas” por consequência de processos de expulsão populacional de outras localidades que passaram por processos de valorização do terreno urbano tornando-se de difícil acesso aquisitivo para a maioria da população de baixa renda.

O distrito Anhanguera, antes pertencente territorialmente aos distritos de Perus e Jaraguá, teve seu “boom” de ocupação principalmente a partir da década de 1990, quando se intensificam os processos de migração interna na própria RMSP. Assim citado, a região historicamente é reconhecida pelos conflitos fundiários ligados a demarcação de terra em relação às ações das associações de moradores que em muitos casos funcionam como agentes imobiliários garantindo, via documentos duvidosos, o direito de posse aos moradores, mas não o título de proprietários das terras parceladas e vendidas, em um jogo de marketing que comercializa-se o sonho da casa própria.

Nesse sentido por ser um lugar de intensos conflitos, alguns estudiosos como Carvalho (2004), reconhece e define o Distrito Anhanguera como “situação de fronteira”, por se tratar de uma área que passa por um processo recente de transformação e valorização da terra rural para urbana, sendo incorporada no mercado imobiliário. Podemos notar as características rurais do uso e classificação do solo se analisarmos brevemente o Plano Diretor da Cidade de São Paulo (2016) e o banco de dado da plataforma GEOSAMPA (2017), em que por meio da categorização dada, conseguimos observar que ainda há partes da extensão territorial do distrito Anhanguera que está colocado como área rural oficialmente no mapa de uso do solo retirado da Plataforma GEOSAMPA (2017):

**Figura 6.** Mapa das Zonas Rurais e Urbanas do Município de São Paulo, 2017



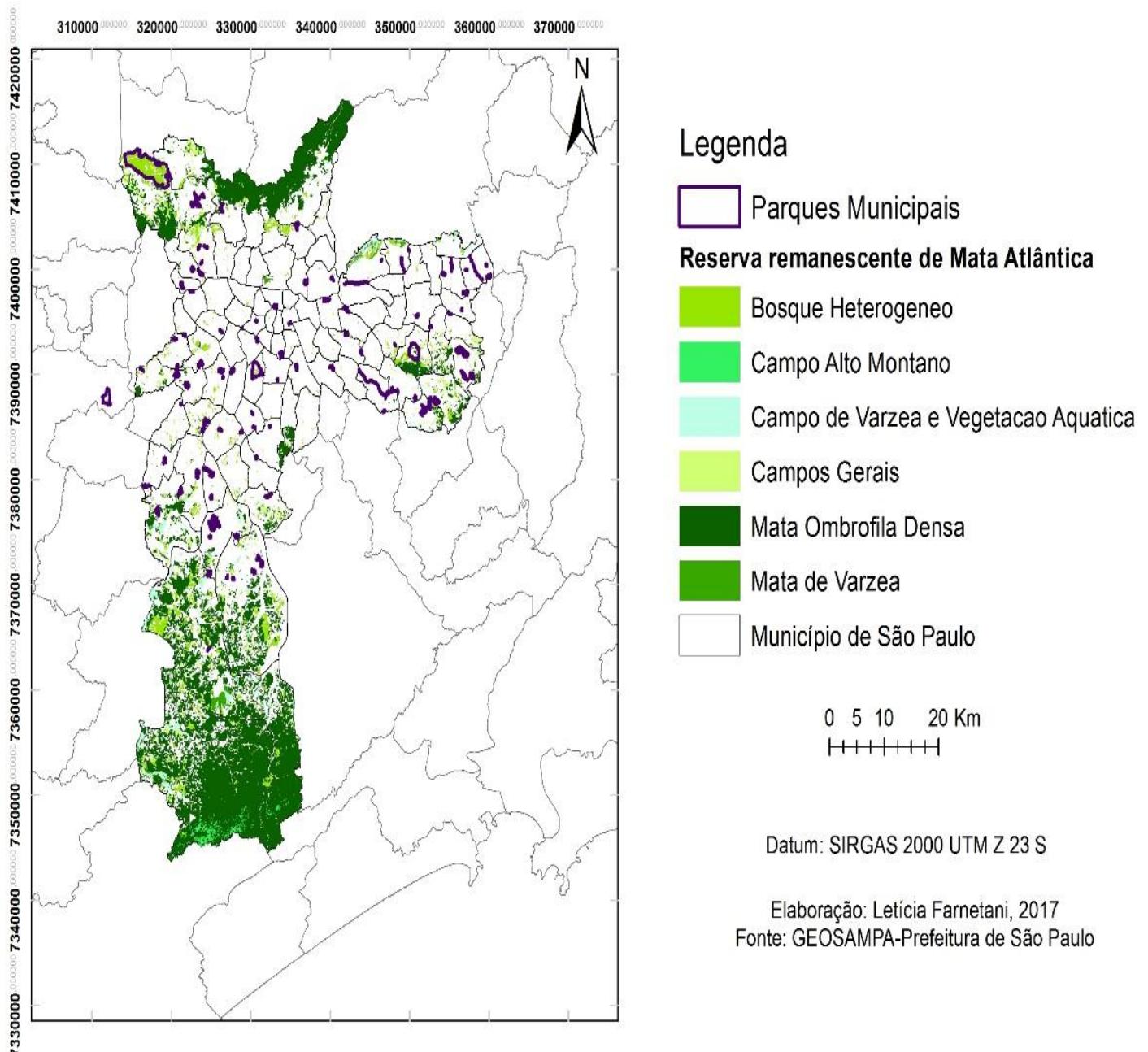
**Fonte:** Mapa digital da cidade de São Paulo, GEOSAMPA, 2017

A partir da representação cartográfica acima, podemos notar que os extremos do município de São Paulo são áreas categorizadas como zonas rurais, como nos distritos da zona

sul em Marsilac, Parelheiros ou no extremo norte/noroeste em Perus, Jaraguá, Anhanguera entre outros, apresentando contrastes com as áreas centrais já consolidadas pelo processo de urbanização da cidade de São Paulo. Além disso, podemos observar que é uma área composta por vegetação remanescente da Mata Atlântica, tendo oficialmente uma parte dessa área reconhecida legalmente como Parque Municipal Anhanguera, este sendo em extensão territorial um dos maiores parques da capital, tendo em seu interior, resquícios da ferrovia que ligava Perus à Pirapora e que estava relacionado à prestação de serviço da antiga Companhia Brasileira de Cemento Portland Perus, assim representado no mapa abaixo.

**Figura 7.** Mapa da distribuição das áreas verdes do município de São Paulo. Letícia Farnetani

## Mapa da distribuição das áreas verdes do município de São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

Essas representações nos demonstram que a capital paulista vem sofrendo intensas transformações urbanas perdendo sua área verde e a possibilidade de um modo de vida alternativo pautado no uso rural, por exemplo, pois na grande parte da sua extensão territorial,

principalmente no centro, o uso do solo está consolidado no modo de vida urbano. Em relação aos extremos podemos problematizar que são regiões que vem sofrendo com as transformações urbanas recentes, se compararmos com outras áreas periféricas da cidade de São Paulo já urbanizadas, mas não por isso com acesso igual às infraestruturas.

Sendo assim, podemos indagar e ressaltar o quanto problemático e conflituoso as relações socioespaciais nos territórios dos extremos da capital vem se tornando, impulsionado principalmente pelas questões fundiárias, relacionadas à moradia, onde grande parte da população acaba ocupando áreas de risco, ficando sem acesso às infraestruturas básicas, apontando a intensificação do processo de capitalização das terras antes rurais para terras urbanas, reforçando a reprodução do capital financeiro e a expulsão da população sem poder aquisitivo do centro e das infraestruturas da vida urbana.

Ausência demonstrada, que afetou a garantia do mínimo para a reprodução da vida material, e que tão pouco garante a promoção da vida para além do biológico, não assegurando o direito à cidade e tão pouco para vivência no espaço público. E é nesse movimento que as práticas socioespaciais de resistências surgem, onde os moradores se articulam, estabelecem estratégias nos “instantes” e “brechas” cotidianas para buscarem saídas e meios para se apropriarem do modo de vida urbano, exercendo sua cidadania.

Inicia-se uma organização de novas práticas socioespaciais que vão além do concebido e definido pelo poder público e iniciativas privadas. E nessa luta e sociabilidade diária que surgem, os centros comunitários, associação de moradores que reivindicam por novos meios de reprodução da vida cotidiana, pois; “[...] são das próprias necessidades de se viver no limite, nos extremos da reprodução da vida social e biológica, que os homens e mulheres da periferia se organizam e constroem estratégias, conscientes ou inconscientes, para o enfrentamento de tais situações [...]” (GIROTTI 2009, Pg. 122)

Sendo assim, a periferia, realmente, não deve ser definida como apenas lugar de exclusão, esquecimento e pobreza; a periferia vai além dos estigmas concebidos e esperados pelo poder público e minoria da sociedade que se privilegia a partir da periferia. A periferia é mais é muito mais: é lugar de conflito e contradições, onde as práticas socioespaciais estão em constante construção. Nesse sentido torna-se relevante olhar para o lugar, assim como coloca Carlos, (2007, Pg.14);

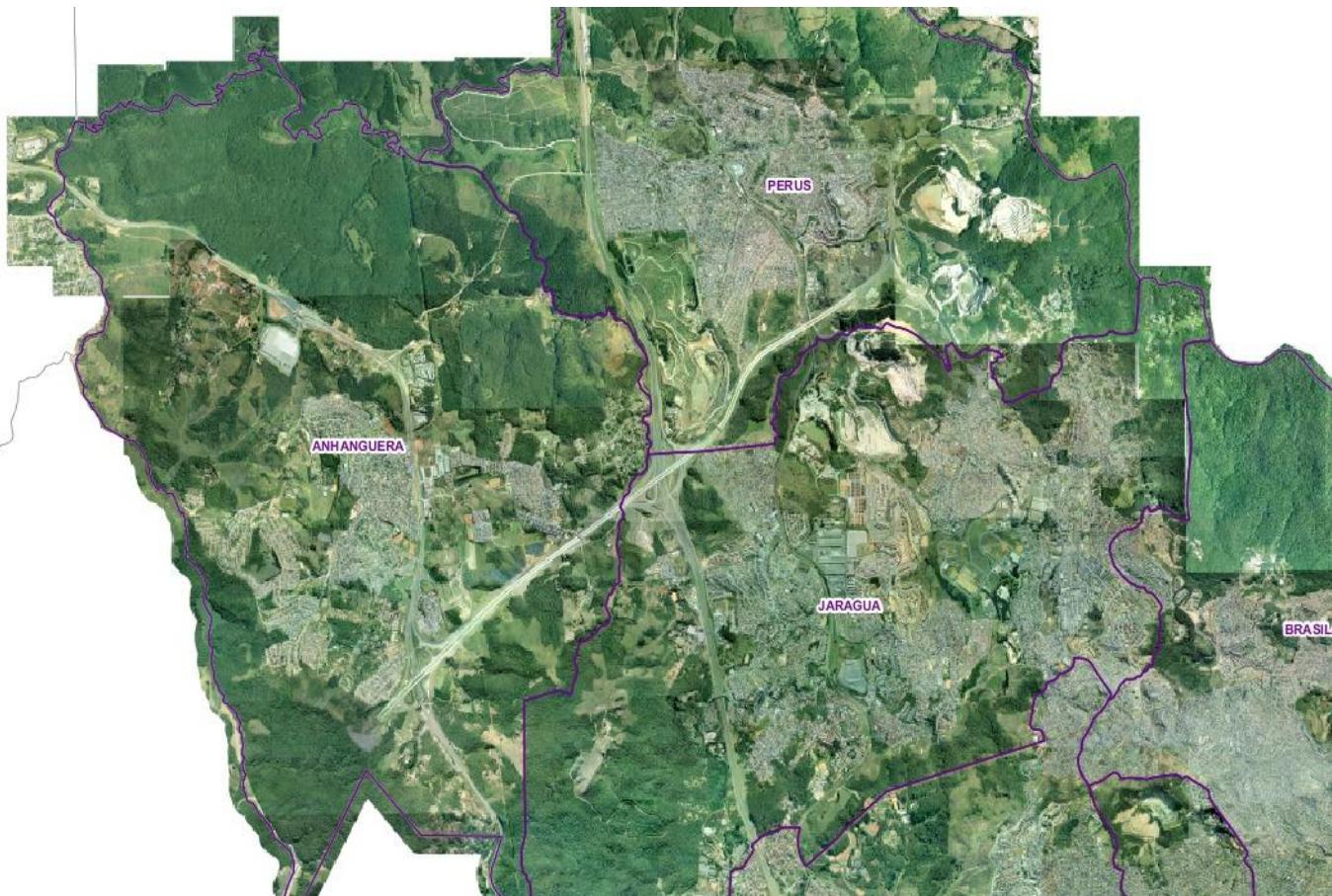
“O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se

exprimem todos os dias nos modos do uso nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

Seguindo a análise, olhando especificamente para lugar, porém sem esquecer as relações interescalares foi importante para a realização do trabalho fazermos uma breve consideração e caracterização acerca do distrito Anhanguera, por meio do levantamento da carta de uso do solo disponível no Plano Diretor (2016), além do exame dos dados quantitativos referentes aos equipamentos urbanos do distrito em relação ao município de São Paulo, a fim de esclarecer quantos e onde estão distribuídos esses equipamentos, permitindo problematizar e demonstrar a distribuição e acesso desigual da infraestrutura e recursos para reprodução da vida humana. Para isso, produzimos uma coleção de representações cartográficas tendo como fonte primária de pesquisa o banco de dados aberto disponibilizado pela prefeitura de São Paulo na plataforma GEOSAMPA (2017).

Como pretendemos entender um pouco melhor da geografia do lugar cabe apresentar uma imagem de representação da espacialidade do distrito Anhanguera a partir de uma ortofoto de 2004, mostrando onde e como estão distribuídas as áreas urbanizadas com adensamento populacional e as atividades urbanas e as áreas que presenciamos ter resquícios da Mata Atlântica, podendo ser caracterizada como já debatido como uma situação de fronteira, apresentando áreas classificadas como rurais.

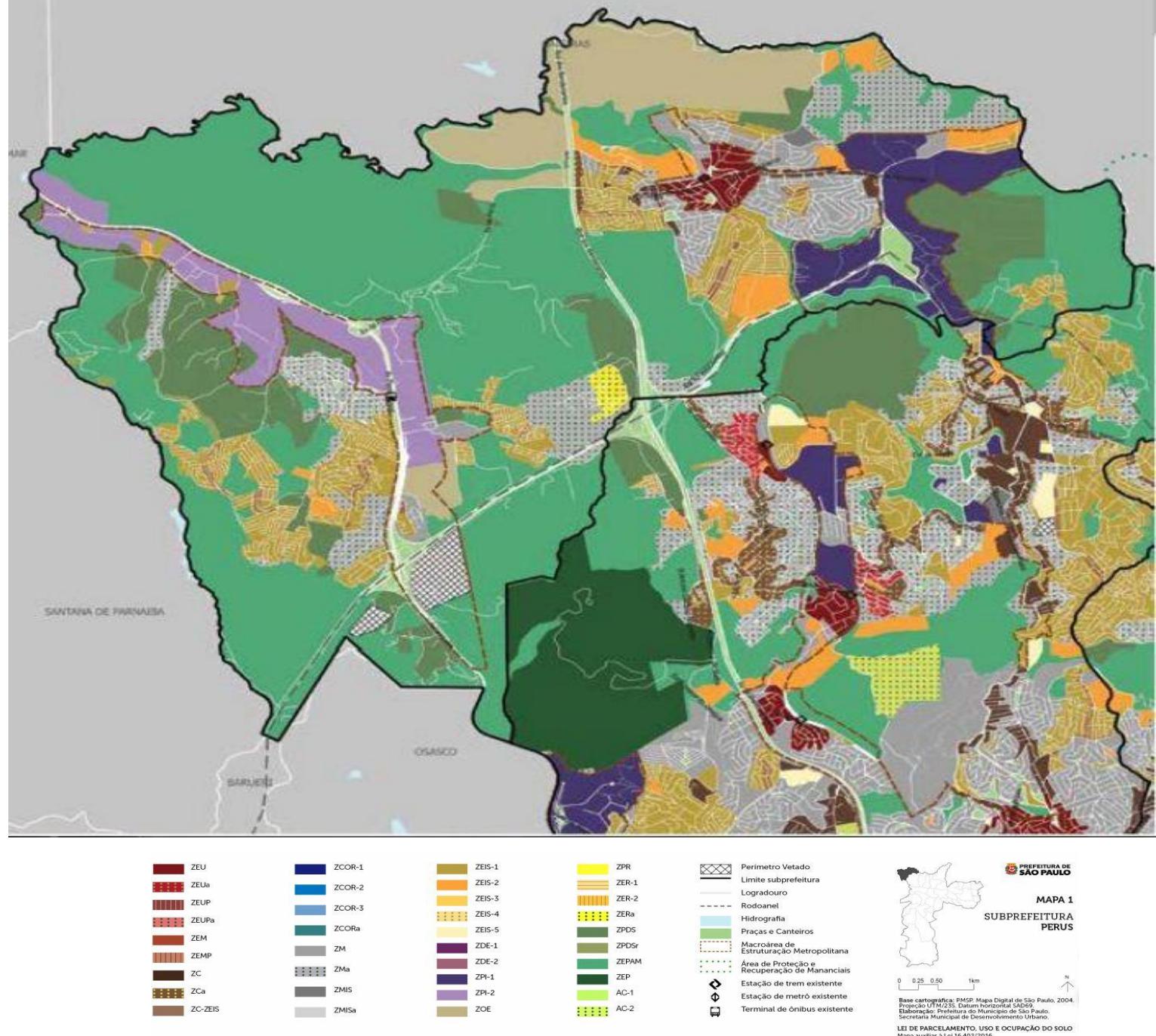
**Figura 8:** Representação da distribuição do adensamento urbano e das áreas verdes no Distrito Anhanguera.



**Fonte:** Mapa digital da cidade de São Paulo, 2017

A partir da interpretação da imagem conseguimos notar uma maior concentração do adensamento urbano às margens da Rodovia Anhanguera, ocorrendo uma dispersão de ocupação para o interior do distrito, onde, entre os morros e a vegetação, vão se consolidando as moradias. Ponderamos ainda que esta é uma ortofoto de 2004, ou seja, a expansão e adensamento populacional aumentaram.. Conseguimos perceber isso com as idas ao bairro e observação, onde notamos a ocupação em outros morros do local. A fim de compreender como o poder público classifica esse uso do solo buscamos o zoneamento do uso do solo das subprefeituras de São Paulo, disponíveis no Plano Diretor do município de São Paulo.

**Figura 9<sup>4</sup>:** Zoneamento do uso do Solo- Limites das áreas pertencentes à subprefeitura de Perus



**Fonte:** Arquivos de Zoneamento- Gestão Urbana SP (acesso 21/12/2017)

<sup>4</sup> Para melhor visualização iremos apresentar em ANEXO D a legenda da representação cartográfica.

Pela classificação de uso do solo dos limites da subprefeitura de Perus, observamos que uma parte às margens da Anhanguera estão dentro do perímetro classificado como Macroárea de Estruturação Metropolitana, em que pelo documento oficial, é entendida como zona de possível transformação urbana, onde pode se ter uso residencial e não residencial, com densidade demográfica e de construção alta, bem como qualificação paisagística e articulação com os espaços públicos e infraestrutura urbana como o sistema de transporte. Se observamos pelo zoneamento grande parte dessa área corresponde ao uso de ZPI 2 que segundo o inciso II do Artigo 14 da lei é:

II – Zona Predominantemente Industrial 2 (ZPI-2): áreas destinadas à maior diversificação de usos não residenciais compatíveis com as diretrizes dos territórios da Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental e dos Subsetores Noroeste e Fernão Dias do Setor Eixos de Desenvolvimento da Macroárea de Estruturação Metropolitana nos quais se localizam.  
(LEI Nº 16.402, DE 22 DE MARÇO DE 2016)

Em campo notamos que esse trecho descrito trata-se da área onde estão distribuídas as indústrias pela margem da rodovia Anhanguera, ocorrendo a presença de grandes empresas ligadas a circulação de mercadorias aproveitando o ponto estratégico de localização. Uma área que, segundo a lei, pode sofrer com transformações e operações urbanas, o que pode induzir futuramente para uma valorização do solo urbano podendo consequentemente ocorrer um aumento significativo nas condições de vida do local, afetando quem não conseguir suprimir com os preços.

Pelo documento no distrito Anhanguera há áreas correspondentes à ZMa (Zona Mista Ambiental, onde pode ter uso residencial ou não, mas que tenha uma baixa densidade populacional e de construção, pois são áreas que pertencem a Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental. Grande área do território do distrito como podemos analisar pela imagem está classificada como Zonas de Preservação e Desenvolvimento Sustentável (ZPDS), onde preza-se pela conservação da paisagem e ao mesmo tempo investem-se pela implantação de atividades econômicas compatíveis com a recuperação dos serviços ambientais, além de poderem estar localizadas em zonas urbanas, assim apresentado pelo Artigo 18.

[...]atividades econômicas compatíveis com a manutenção e recuperação dos serviços ambientais por elas prestados, em especial os relacionados às cadeias produtivas da agricultura, da extração mineral e do turismo, de densidades demográfica e construtiva baixas (LEI Nº 16.402, DE 22 DE MARÇO DE 2016)

Predominantemente o distrito Anhanguera tem uma classificação correspondente as ZEPAM (Zonas Especiais de Proteção Ambiental), pois assim já dito é um território do município de São Paulo com grande remanescente da Mata Atlântica e outras formações de vegetação, com a necessidade de políticas de conservação que considerem a população que lá reside irregularmente, sofrendo riscos ligados às características físicas e ambientais do lugar, principalmente, a geomorfologia, por ser um terreno com elevadas altitudes e irregularidades topográficas, e que em grande maioria já está ocupado e literalmente com o barro pisado, não pelas ações do poder público, mas pelo trabalho e luta dos moradores. Nesse sentido cabe pensar como fazer essa articulação entre os moradores e a preservação da vegetação, como buscar estratégias para uma conservação justa e democrática, em que a sociobiodiversidade seja considerada e relacionada.

Por último, observamos que há pelo documento e “garantido” na lei as ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) que pelo Artigo 14 são;

[...]porções do território destinadas, predominantemente, à moradia digna para a população de baixa renda por intermédio de melhorias urbanísticas, recuperação ambiental e regularização fundiária de assentamentos precários e irregulares, bem como à provisão de novas Habitações de Interesse Social – HIS e Habitações de Mercado Popular – HMP, a serem dotadas de equipamentos sociais, infraestrutura, áreas verdes e comércio e serviços locais, situadas na zona urbana (LEI Nº 16.402, DE 22 DE MARÇO DE 2016)

São áreas com moradias irregulares que pelos pés, mãos, corpos do trabalhadores que sem escolhas foram dividir, lotear e construir suas casas em meios aos íngremes morros que compõem o bairro, lutando pela infraestrutura básica como água, esgoto, luz e que cotidianamente continuam lutando por melhorias e acesso, foram construindo as centralidades comerciais do bairro e organizando as práticas socioespaciais.

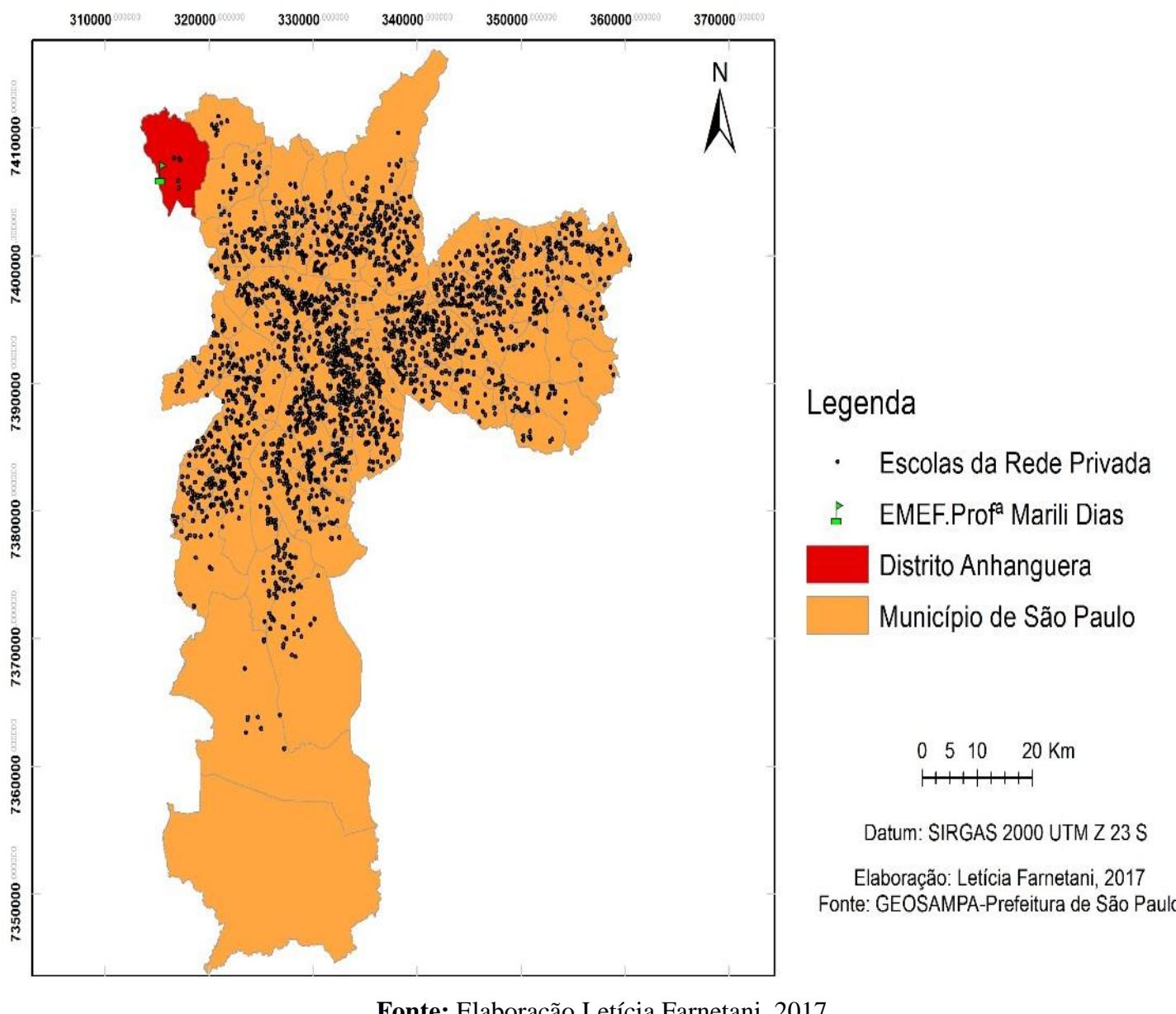
Segundo a lei são áreas destinadas à intervenções urbanísticas e sociais almejando melhorias na qualidade de vida dos residentes. O que nos instiga e incomoda é pensar que desde a década de 90, há mais de 20 anos, à população local ainda sofre com a ausência das autoridades públicas, mesmo está sendo uma lei recente, ainda assim é um fato que deve ser problematizado. Por isso, é importante questionar: caso se inicie esse processo de integração e melhorias da vida urbana para a população de baixa renda, como será esse processo? Como será cotidianamente a luta jurídica para a regularização fundiária? Quantos donos das terras aparecerão no percurso? Quantas famílias precisarão serem realojadas para outras áreas do município? Este e outros questionamentos permitem refletir como essas “garantias” previstas

nas leis são aplicadas na prática e como a população envolvida consegue participar, entender e se apropriar de fato desse processo.

Buscamos também através da produção de mapas temáticos apresentar a distribuição dos equipamentos públicos urbanos no município de São Paulo com o enfoque em analisar a relação do distrito Anhanguera com as demais localizações e problematizar como o acesso e a apropriação desses recursos são desiguais na produção socioespacial. As primeiras representações serão dois mapas que apresentarão a localização das escolas privadas e das escolas públicas da rede municipal e estadual da capital paulista.

**Figura 10.** Mapa das escolas da rede privada de São Paulo

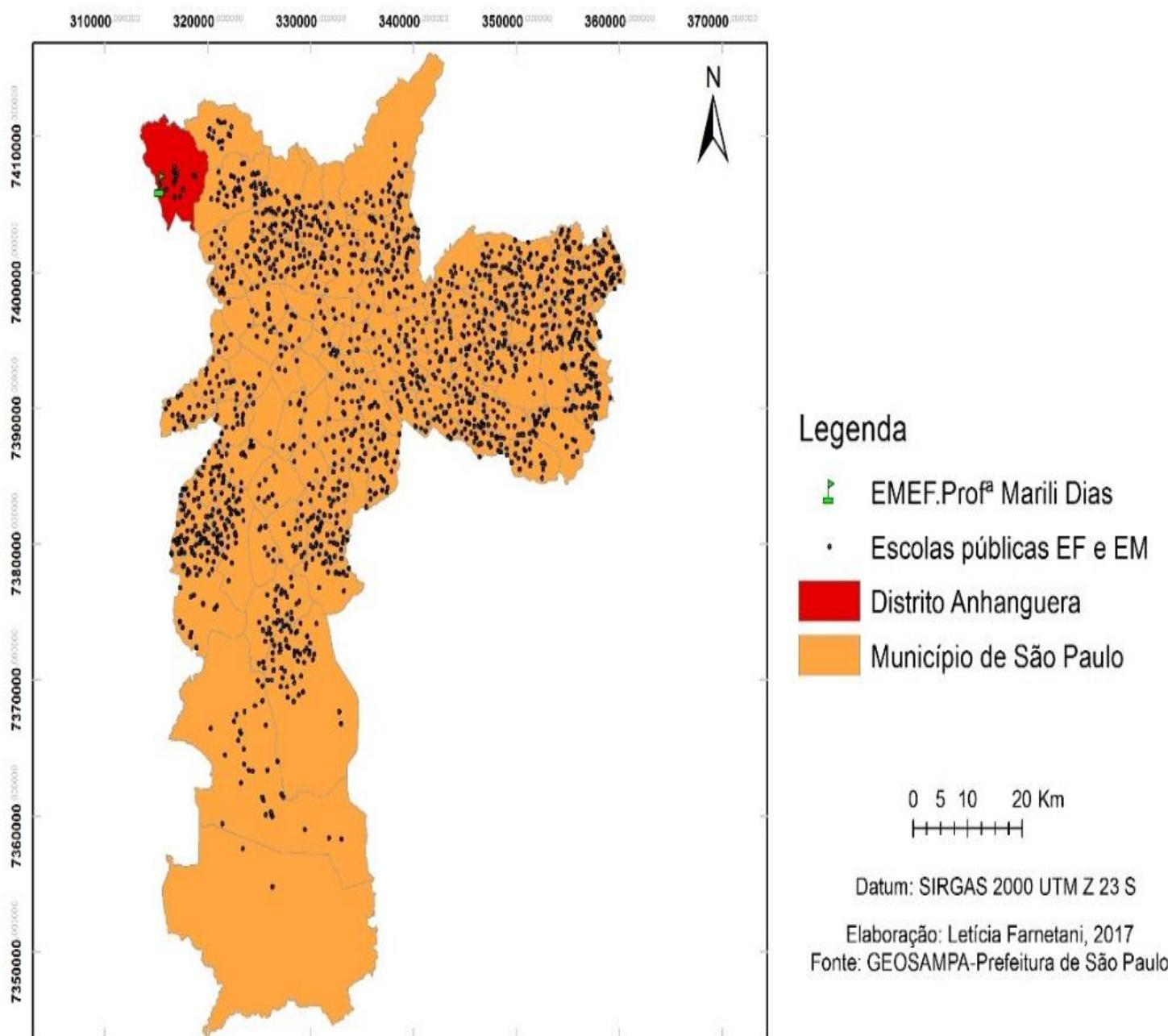
### Mapa de localização das escolas da rede privada de São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

**Figura 11.** Mapa das escolas da rede pública de São Paulo, 2017

## Mapa de localização das escolas da rede pública estadual e municipal de São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

Ao analisarmos as duas representações primeiramente na escala territorial do município conseguimos no primeiro mapa observar que as escolas públicas tanto da rede municipal quanto da rede estadual de ensino fundamental e médio<sup>5</sup> tem significativa localização nas margens do município, principalmente na zona leste, sendo que na área central há a presença das escolas, porém menos concentrada do que o segundo mapa onde representamos as escolas privadas com ensino infantil, fundamental e médio, estas estão mais concentradas no centro, nos extremos em algumas zonas há concentração, exemplo na zona oeste, mas em outras ocorre um espaçamento maior.

Focando no Distrito Anhanguera contando com a EMEF. Profª Marili Dias temos cerca de 13 escolas da rede pública de ensino e da rede privada temos 5. O que nos chama atenção é que conversando com ex-alunos e por meio de entrevistas<sup>6</sup> percebemos que o grande problema é em relação ao ensino médio que especificamente na Vila dos Palmares não há nenhuma escola próxima. Pelo que conseguimos observar há algumas escolas de ensino médio ainda localizadas no distrito Anhanguera em outros bairros, mas que no caso para os ex-alunos da EMEF. Prof.ª Marili Dias que viviam próximo à escola não tem escola pública de ensino médio próxima. Situação que os obriga a procurar escolas públicas em bairros como a Lapa ou as ETECS (Escolas Técnicas Estaduais), estas cumprindo uma outra metodologia de ensino-aprendizagem e de projeto político de escola, que não iremos debater neste trabalho.

Podemos com cautela apontar algumas consequências sobre a saída dos alunos e alunas para cursarem o ensino médio em outra escola e, simultaneamente, outro bairro. Primeiramente, ocorre uma ruptura cotidiana deste sujeito em relação as práticas diárias que construiu em ir à escola do bairro, na identidade e nas ações construídas; por outro lado iniciará uma nova relação espacial com a cidade, com um novo bairro, escola e sujeitos e outras práticas e leitura espaciais serão consolidadas.

Analizando as entrevistas realizados com ex-alunos e moradores do distrito Anhanguera, mas especificamente na área do Morro Doce, uma das reclamações foi sobre os equipamentos públicos de saúde, assim como podemos observar em trechos transcritos das respostas da entrevista realizada via e-mail com os ex-alunos e moradores do local;

---

<sup>5</sup> Nos limitamos em analisar o ensino fundamental e médio, não representamos a distribuição das escolas públicas de ensino infantil.

<sup>6</sup> As entrevistas completas estão no ANEXO C no final do trabalho.

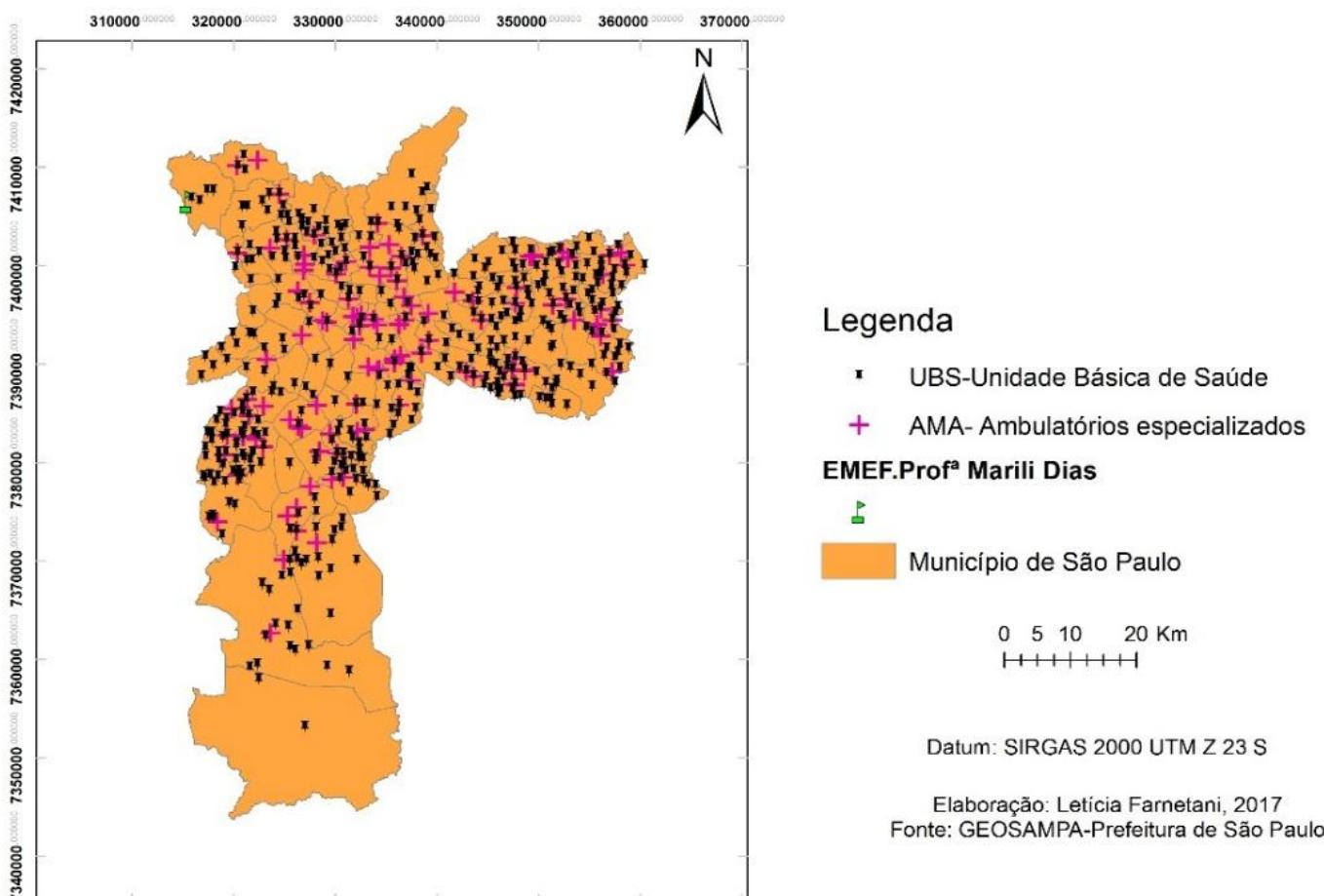
*“... relação a saúde tudo que temos é um AMA e alguns postos de saúde, então em casos mais graves temos sempre de ir nos hospitais mais próximos e gratuitos da região, normalmente em Pirituba, Taipas, Cachoeirinha, etc.”*  
*(Entrevistada X, 16 anos)*

*“Saúde especializadas em áreas mais complexas, procuro em outros lugares porque o SUS do bairro não oferece todos os serviços e quando oferece não é de boa qualidade. Bairros que busco Saúde é Lapa, Mooca.”* (Wellington Rubens de Sousa, 16 anos)

Nesse sentido, tornou-se relevante espacializar onde estão concentrados os hospitais públicos, centros de especializações, os pronto-socorros e unidades básicas de saúde.

**Figura 12:** Mapa da distribuição dos AMAS e das UBS em São Paulo.

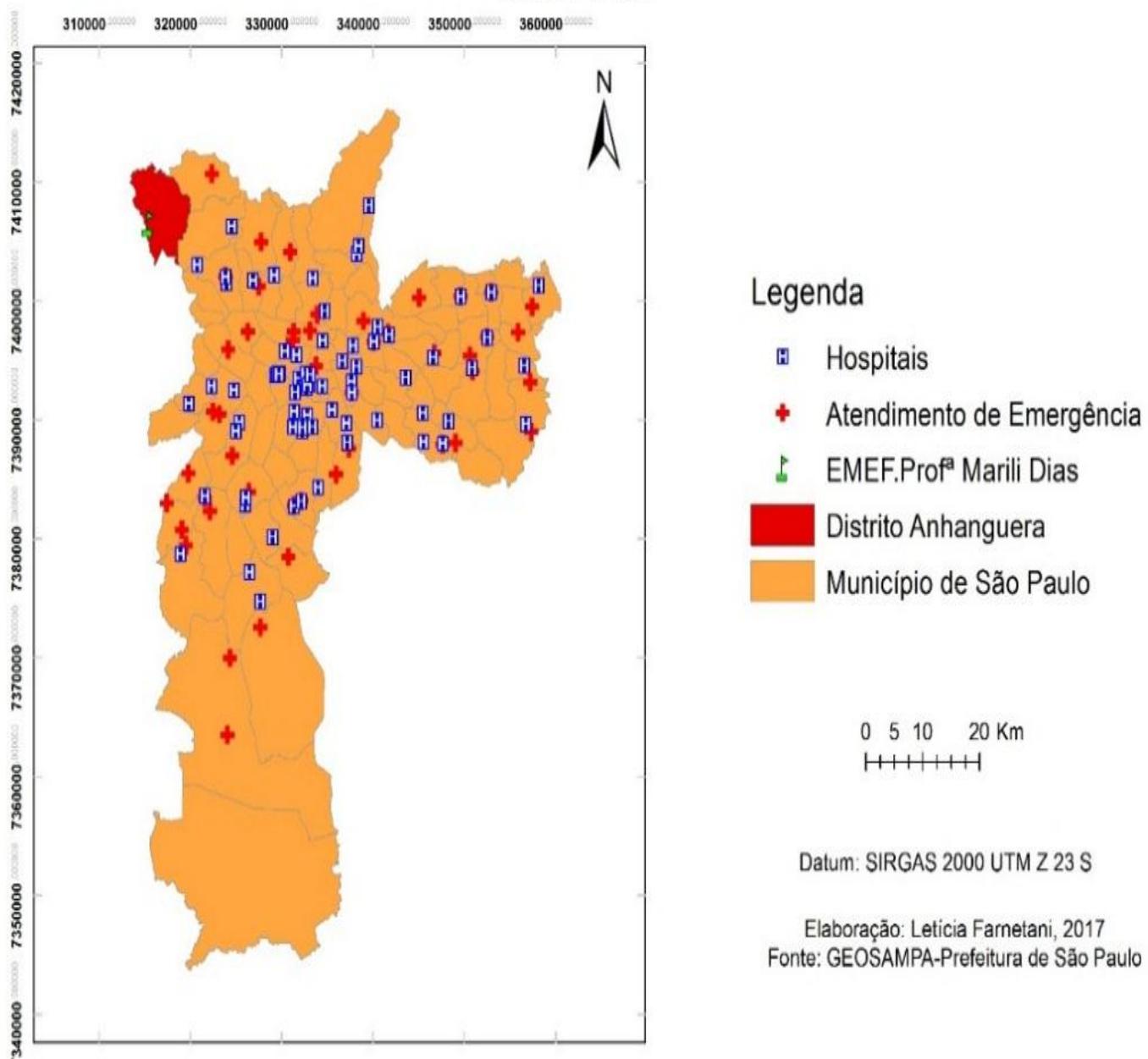
### Mapa da distribuição dos AMAS e das UBS em São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

**Figura 13:** Mapa da localização dos hospitais e dos locais de atendimento de emergência em São Paulo.

## Mapa de localização dos hospitais e dos locais de atendimento de emergência em São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

Pelas representações dialogamos com as falas e denúncias feitas pelos moradores do local, pois no primeiro mapa notamos que há Unidades Básica de Saúde, mas nenhum Ambulatório de

especializações. O segundo mapa em relação a escala municipal retrata como ocorre um “esquecimento” do poder público com os extremos do município. Conseguimos notar que há uma concentração na distribuição dos hospitais públicos e poucas Unidades de Pronto Atendimento. No caso de distritos como Anhanguera, Grajaú, Marsilac ocorre um vazio. Para a população residente no distrito Anhanguera o lugar mais “próximo” que irá buscar atendimento são nos limites do Jaraguá e Pirituba.

Outro ponto marcante presente nas entrevistas foi sobre a ausência de equipamentos e espaço público para o lazer, sociabilização e encontros principalmente para os jovens.

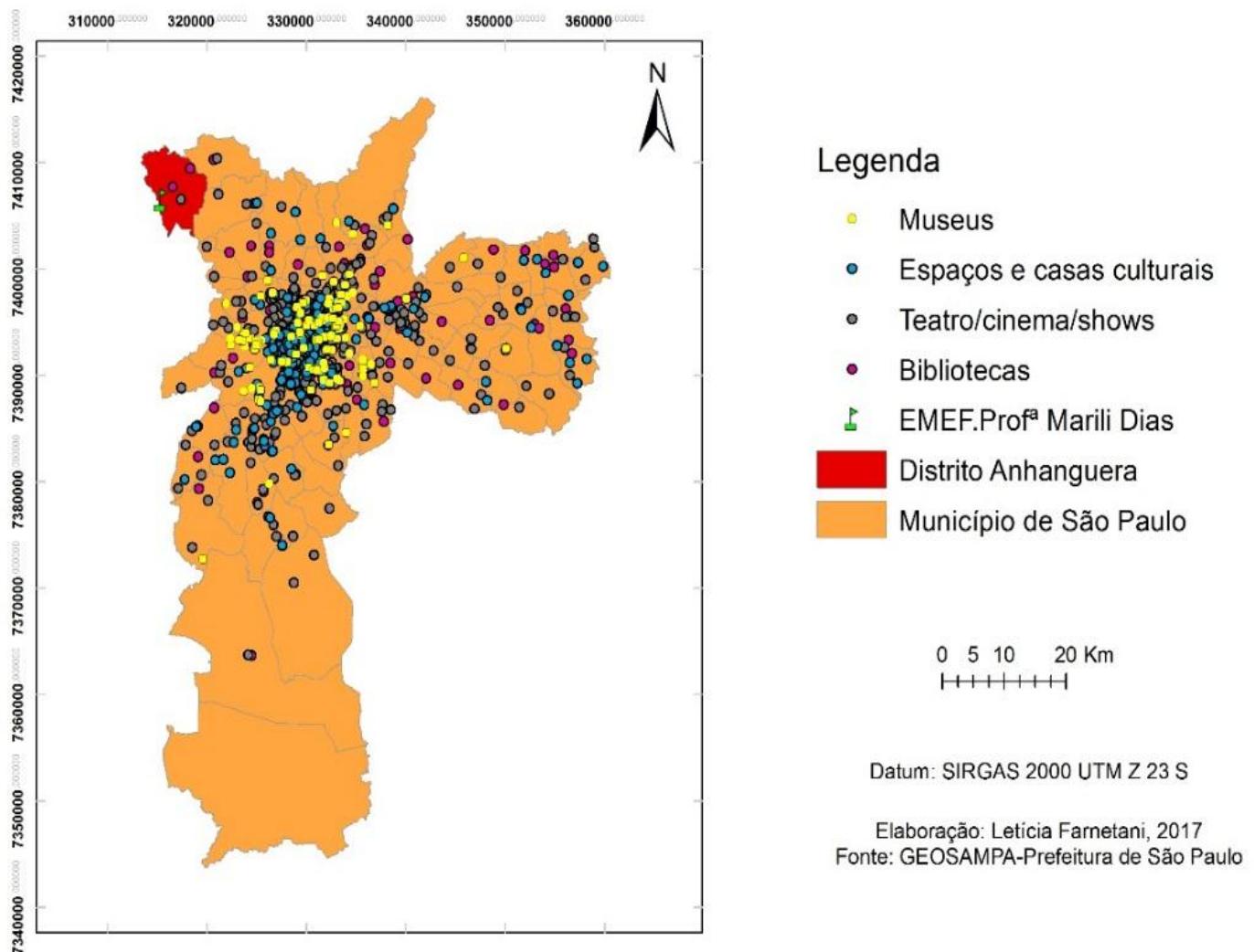
*“...Além do ensino, também procuro por lazer e participo de eventos culturais em outros lugares como a Paulista, Roosevelt, e tudo que envolva o centro de São Paulo.” (Laura Vitória Arcanjo Da Silva, 16 anos)*

*“... O lazer que temos são as praças, que não são muito frequentadas por crianças e adultos, que acabam nem sequer tendo esse momento de tranquilidade” (Entrevistada X, 16 anos)*

Representando cartograficamente a localização espacial dos espaços públicos de lazer e cultura, que possibilitam a promoção de atividades culturais, educacionais, lúdicas por meio dos museus, das bibliotecas, dos cinemas, centros esportivos entre outros espaços que permitam a realização dessas ações que poderiam ser meios estratégicos para apropriação de outro tipo de uso da cidade e da vida urbana. E simultaneamente contribuiria para a reprodução da vida além do material, para práticas socioespaciais que “alimentariam” o corpo e a mente a partir da experiência com o outro, com a diversidade.

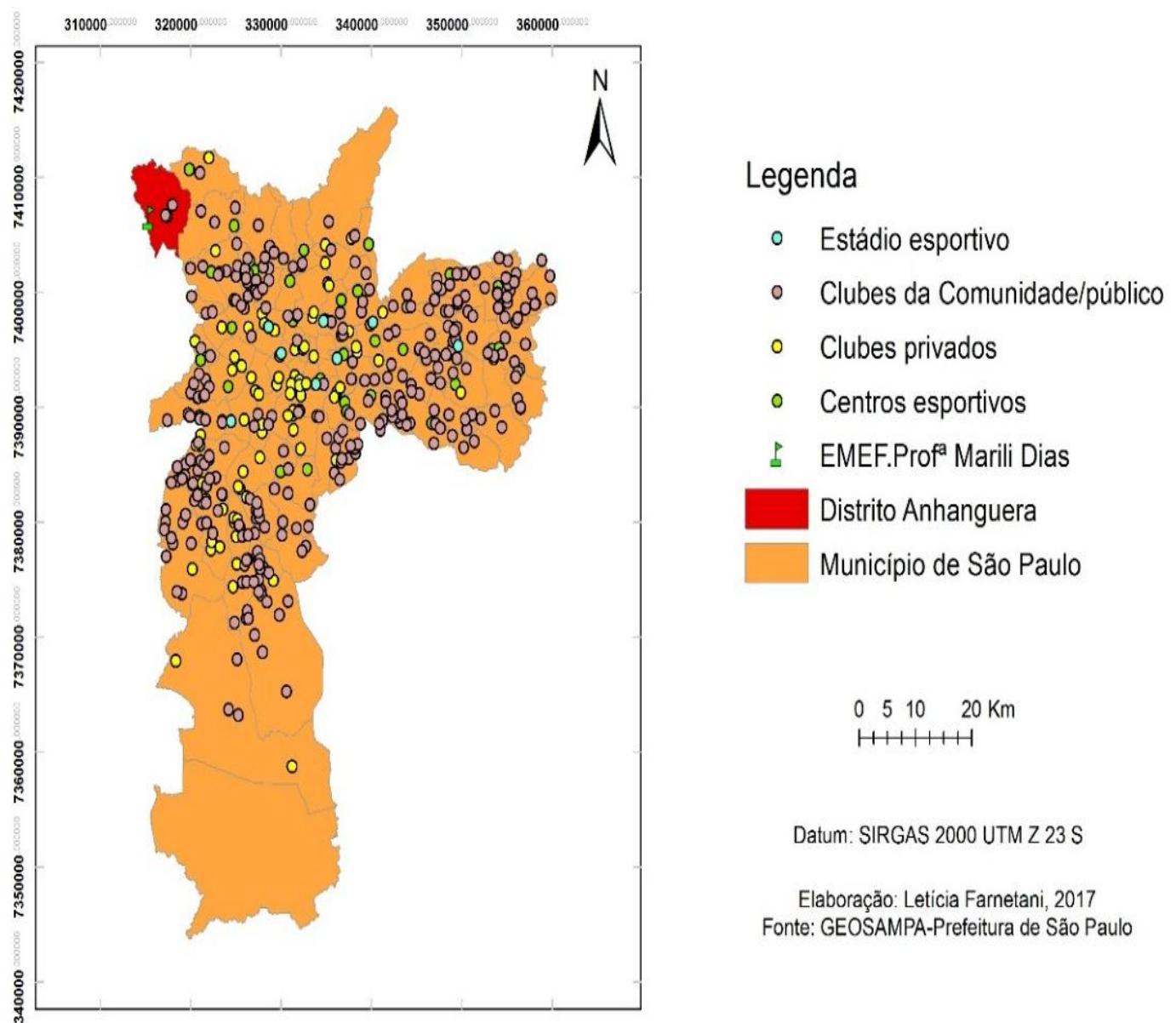
**Figura 14.** Distribuição dos espaços culturais em São Paulo

### Mapa de localização dos espaços culturais em São Paulo



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani (2017)

**Figura 15.** Distribuição dos espaços esportivos do município de São Paulo.



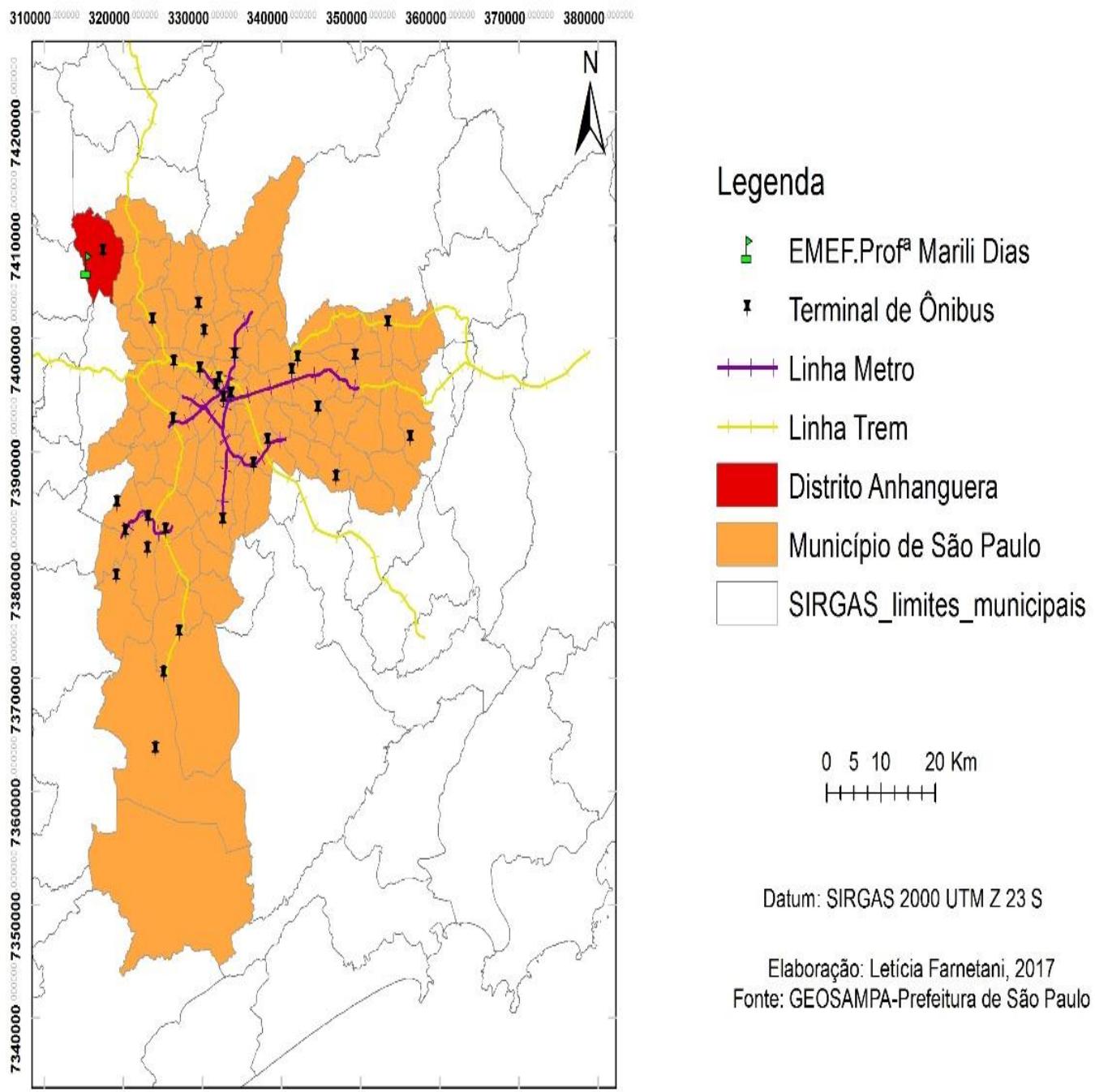
Ambos os mapas revelam a concentração desses espaços ligados ao esporte, lazer e cultura na zona central de São Paulo, reafirmando a distribuição desigual de infraestrutura no território, além de nos permitir indagar como vem sendo apropriado e usado o espaço público,

para quais classes sociais esses recursos estão chegando e como continua se reproduzindo o descaso com a periferia e ampliando a segregação socioespacial. Se olharmos especificamente para o distrito Anhanguera, o principal polo cultural é o CEU Anhanguera (Centro Educacional Unificado) onde há biblioteca, onde concentra-se as atividades esportivas, educacionais, além disso há dois campos de futebol/quadradas localizadas no distrito e uma biblioteca no Parque Anhanguera.

Como observamos nas representações anteriores, a maioria dos equipamentos públicos estão concentrados na região central de São Paulo ou em bairros valorizados, onde a maioria da população de baixa renda não tem acesso seja identitário, econômico ou físico em relação à distância, assim como iremos representar abaixo com um mapa que apresenta a distribuição da linha de trem, de metro e os terminais de ônibus.

**Figura 16.** Distribuição do sistema viário na RMSP

## Mapa da distribuição do sistema viário na RMSP



**Fonte:** Elaboração Letícia Farnetani, 2017

Pela cartografia observamos que os extremos sofrem com a ausência de malha viária e com a distribuição de terminais de ônibus, sendo que se observarmos nos distritos da região noroeste do município há apenas um terminal de ônibus o Jd. Britânia e o Terminal Lapa.

Com essa coleção representativa da espacialização dos equipamentos públicos conseguimos compreender um pouco mais como ocorre a dinâmica no bairro e da relação dos moradores com as outras localidades do município. Claro que por se tratar de um estudo e por não viver cotidianamente no bairro, não buscamos certezas e respostas, buscamos a compreensão mínima de como a distribuição desigual dos recursos afeta a vida dos moradores, melhor exposto pela fala da moradora que cotidianamente vive no bairro;

*“Aqui o pessoal é bem simples; mesmo morando na cidade de São Paulo, a região aqui é bem distante do centro, então o pessoal só costuma voltar nos horários de pico, é uma região dormitório. Para quem não trabalha, o final de semana é basicamente ficar em casa e ir à igreja, o lazer é ficar na rua jogando conversa fora e olhar as crianças brincar”. (Entrevistada X, 16 anos)*

Assim podemos observar como politicamente continuam projetando uma sociedade pautada na reprodução desigual do espaço e das práticas socioespaciais, em que pela materialização da cidade observamos territorialmente onde e como essas relações desiguais se concretizam. Um projeto de sociedade que visa que a maioria da população seja expropriada da vida urbana, da sua identidade, história e consciência, produzindo espaços politicamente esvaziados, sem identidades e memórias, limitando e estigmatizando a periferia em depósitos quantitativos de mão de obra, em reservas para futura valorização, em lugares sem vida e identidade, em que as relações passam a ser mediadas pela reprodução do modo de vida capitalista e as pessoas deixam de ser e passam apenas estar no mundo.

Nesse sentido, olhar pra as diversas periferias, é entendê-las como resultantes de relações socioespaciais complexas, contraditórias e conflituosas, que simultaneamente sofrem com a espoliação urbana, carência, pobreza, mas ao mesmo tempo têm sujeitos que cotidianamente se organizam de diferentes formas para sobreviver e lutar pelos mínimos direitos enquanto cidadãos e pela sua existência enquanto ser conscientemente único, assim demonstrado por Santos:

...O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. (...)viver tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna (SANTOS, 2004, Pg.19)

Considerando isso, olhar para realidade a partir do lugar de vivência, compreender e nos apropriarmos da geografia que cotidianamente produzimos, torna-se estratégia política, e as práticas socioespaciais construídas na escola pública podem contribuir para a construção de novas relações, a partir de uma leitura e interpretação do mundo, em que os sujeitos consigam desenvolver o raciocínio geográfico, exemplificado por Cavalcanti (2008, p.143)

[...] a escola é justamente propiciar elementos, por meio do ensino de diferentes conteúdos, especialmente os de geografia, para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo, trabalhando assim com superposições de escalas de análise, local e global.

Por isso torna-se relevante compreender a importância da relação escola-lugar, reconhecendo que o resgate das potencialidades e deficiências do lugar, permitem para o sujeito em constante formação (re) pensar suas práticas cotidianas de forma crítica e consciente, sendo o espaço social da escola um local de encontro e compartilhamento, onde essas ações cotidianas, a organização do espaço e suas complexas dinâmicas serão problematizadas. Assim como a moradora Laura Vitória demonstra em sua resposta em relação como é viver no Morro Doce:

*“Apesar de ter que me deslocar para outros lugares, é uma convivência que, as vezes se torna difícil e cansativa, pelo fato de termos que pegar ônibus lotado até o nosso destino final. Em alguns finais de semana, tem sarau feito pelos próprios moradores, os pontos de encontros são sempre praças. Há áreas de lazer, porém algumas delas não são adequadas pra crianças, porque correm o risco de se machucar já que a infraestrutura não está completa, além de que muitas vezes a própria quadra da escola é usada pelos moradores nos finais de semana pra jogar”.* (Laura Vitória Arcanjo Da Silva, 16 anos)

Desse modo, a escola tem papel ainda mais relevante e deve ser entendida em sua ampla complexidade, pois assim como demonstra Girotto (2009), a escola representa ao mesmo tempo o poder estatal, a burocratização e as regras, porém representa ainda a resistência, as oportunidades, as mudanças, pois

... é na escola também que os diferentes sujeitos buscam construir e desconstruir identidades que ora são simulações, ora são construções nascidas das lutas e conquistas coletivas. ... relações que são também escola e que a constituem como espaço social das lutas e das relações de poder em suas diferentes escalas socioespaciais (GIROTTTO, 2009, p..123)

Por isso, objetivamos compreender como vem ocorrendo a troca das relações socioespaciais entre escola-lugar no cotidiano dos alunos, professores e comunidade da EMEF.

Professora Marili Dias. Como as ações e limitações podem influenciar de forma interescalares em novas práticas socioespaciais. Além de observarmos a relevância do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem por meio dos projetos interdisciplinares que não se limitam entre os muros da escola e observar ainda como essas estratégicas contribuem para a construção de um saber geográfico onde espacialmente e socialmente os sujeitos consigam se auto reconhecer, resgatar as memórias e experiências, (re)lendo e se apropriando das relações espaço-temporal de forma diferenciada e reflexiva.

### **3 OS PROJETOS INTERDISCIPLINARES E A GEOGRAFIA ESCOLAR**

Neste capítulo iremos apresentar como foi o primeiro contato com a EMEF. Profª Marili Dias, além de debatermos acerca da importância da elaboração dos projetos interdisciplinares e o papel da geografia nesse contexto. Conheci a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Marili Dias através do Projeto de Extensão Semana de Geografia, incentivado e desenvolvido pelos alunos de graduação do Departamento de Geografia-FFLCH/USP. O projeto foi idealizado há 14 anos, em que os alunos insatisfeitos problematizavam acerca das questões e do posicionamento do Departamento, professores e colegas de curso acerca da geografia escolar e do papel social que a universidade pública deveria manter com as escolas públicas.

Compartilhava-se a ideia de que a escola pública é, e deve ser plurifuncional, promovendo a diversidade e dialogando com a comunidade, onde os alunos e professores se apropriem daquele espaço e tempo enquanto sujeitos ativos, em um contexto que lhes têm significado. Sendo assim, podemos referenciar que “... é preciso que as escolas dispunham de espaços significativos de autonomia e que a sua gestão seja assegurada de modo participativo mediante lideranças individuais e coletivas” (BARROSO, 2004, Pg.11).

É importante repensar e reorganizar o espaço-tempo da escola pública, demonstrando sua importância, capacidade e transformação para práticas socioespaciais que são construídas nestes contextos e que extrapolam para fora da escola, estimulando a formação cidadã de alunos e professores, para que quando estiverem fora da escola, tenham a responsabilidade de dialogar com seus iguais no espaço público, podendo lutar por seus direitos e por melhores condições socioespaciais.

Com esse intuito e sintonia, nasce o projeto Semana de Geografia, em relação mútua, se buscará o diálogo constante entre as práticas socioespaciais ocorridas na universidade pública e as práticas socioespaciais ocorridas nas escolas públicas, visando meios para que os envolvidos possam refletir acerca da realidade que vivem, assim demonstrado por Garcia(2008) em seus estudos, também, sobre o projeto de extensão Semana de Geografia;

Na perspectiva de superar a alienação tendo como base a cidadania é que surgiu a proposta de um projeto de extensão no Departamento de geografia com vistas ao ensino/aprendizado de geografia na construção, recuperação e uso do espaço da escola e da comunidade fortalecendo o ensino público. [...] A relação entre a sociedade e a universidade, além de diminuir suas distâncias, fomenta oportunidades de desenvolvimento e produção do conhecimento

através do fortalecimento do tripé ensino, pesquisa e extensão. (GARCIA, 2008, Pg.5)

O atrelamento entre escola e universidade pública permite uma troca de conhecimento e saberes entre os envolvidos, impulsionando ações e reflexões acerca da geografia escolar que vem sendo produzida na academia e a geografia presente nas escolas, nas salas de aula, os impulsionando a problematizar a hierarquia criada entre as instituições acerca da centralização da produção de um suposto conhecimento “verdadeiro” que vem sendo, em muitos casos, impostos através dos currículos e receitas oficiais.

E nesse sentido, desenvolver projetos que permitam a construção da ponte entre escola e universidade pode possibilitar a reflexão de novas práticas cotidianas dos sujeitos participantes, nos indagando questionamentos de como as práticas na escola podem passar de algo sem significância e representatividade para relações que permitam novas leituras e apreensão da realidade vivida. Situação que podemos presenciar nas falas de ex-alunos da EMEF. Professora Marili Dias que compartilharam, via entrevista, com o foi a experiência de ter participado do Projeto da Semana de Geografia;

*“Como a USP já nos era muito apreciada, apresentar lá foi perceber que parte da nossa realidade ainda é vista, mesmo que pouca, era um passo sendo dado, nosso pensamento mudou muito em relação a isso, se ampliou na esperança de esforçar-mos na busca de uma realidade melhor.”* (Entrevistada X, 16 anos)

*“Saber que íamos apresentar na Universidade de São Paulo era uma notícia tão empolgante e ao mesmo dava tanto frio na barriga. Ora, a USP era conhecida por todos como um pólo vivo de conhecimento. Ser instruídos por alunos da geografia era status na nossa escola. Chegou o dia, nós alunos do fundamental estávamos num auditório, de umas das melhores universidades da América Latina, apresentando temas bastante estudados para pessoas interessadas em nos ouvir. Foi o máximo!! Participei como aluno-expositor nos anos de 2013 e 2014, em 2015 acompanhei a escola como colaborador e em 2017 voltei ao auditório da geografia como palestrante. Conheci o Campus e pessoas (alunos, professores) da USP, fiz contatos e tive acesso a uma das melhores arenas de compartilhamento das experiências de escolas públicas de São Paulo. Tudo isso ampliou meu olhar perante as possibilidades no mundo, soube a partir dessas e de outras experiências, que existem espaços a serem conquistados, pessoas a se conhecer e conhecimento a ser desenvolvido, basta querer, basta lutar.”* (Cícero Ivanilson Silva Gonçalves, 17 anos).

Metodologicamente o projeto da Semana de Geografia passou por várias mudanças em seu formato de ocorrência, porém sempre com o caráter político de mostrar que a escola pública tem seu valor, que ela existe e resiste diariamente e que junto do ensino de geografia

pode contribuir para construção de novas práticas socioespaciais. O formato já foi desde apresentação de trabalhos pelos alunos de graduação e pelos professores das escolas participantes, até chegar no modelo que tive a experiência em 6 anos entre 2012 à 2017 de participar e contribuir, que esteve pautado na apresentação dos alunos das escolas públicas participantes, incentivando o protagonismo dos envolvidos.

Nos anos que participei como monitora, o projeto se pautava da seguinte maneira: a cada ano o grupo formado por alunos dos vários anos de graduação e mais os professores/coordenadores, Glória da Anunciação Alves, Valéria de Marcos e Eduardo Girotto, debatiam quais seriam as propostas dos temas guiadores que pautariam os projetos desenvolvidos pelas escolas participantes. Geralmente, a decisão coletiva do tema se baseava em alguma circunstância de relevância que estava acontecendo no cenário político, educacional, no currículo de geografia, mas no geral apresentava importância e significância à todos.

O grupo, no primeiro semestre, focava em discutir mais sobre o tema escolhido, buscando e revisando bibliografias, fazendo todas as segundas-feiras os encontros no Laboratório de Geografia Urbana, fazendo a discussão da leitura e ajustando os problemas burocráticos que envolviam o processo de execução dos projetos. Ainda no primeiro semestre, mandávamos as cartas-convites apresentando a proposta do tema geral do ano, sugerindo bibliografias, porém sem moldar o que os professores/alunos/escolas iriam desenvolver.

Os convites eram para as escolas públicas da Região Metropolitana de São Paulo e ao longo dos anos o grupo foi ampliando a extensão territorial do convite. Passamos à escolas localizadas no Vale do Paraíba. Situação que incentivou ainda mais a continuação do projeto de extensão, pois ter escolas públicas de diversas realidades, com professores e alunos com distintas experiências, história e formação, tornava o projeto ainda mais enriquecedor e estimulava a compreensão da relação que a escola fazia com a sua localidade em movimento fluído entre as práticas que ocorrem dentro da escola e simultaneamente fora dela, assim exemplificado por Girotto (2009),

... as dinâmicas socioespacial que ocorriam no interior das escolas estudadas eram também decorrentes de dinâmicas externas específicas. [...] “... as relações socioespaciais ali existentes eram marcadas também por relações de poder, intimamente ligadas a dinâmicas específicas de cada uma das localidades. Tais dinâmicas não findavam-se apenas na escola local; possuíam ramificações nas diferentes escalas geográficas de reprodução da vida. (GIROTTTO, 2009, pg.13)

No âmbito do saber geográfico, receber escolas de diferentes lugares, que a partir de um tema sugerido desenvolveriam, de distintas formas, vários trabalhos, estimulava ainda mais debater a importância da relação escola-lugar para as práticas socioespaciais cotidianas e, em específico, para os processos de ensino-aprendizagem.

Era estipulado uma data limite para que as escolas se organizassem para elaborar um projeto que de alguma forma correspondesse a sugestão do tema proposto, permitindo que os projetos de "... uma forma diferenciada de oferecer o conhecimento da referida disciplina e fazendo com que o aluno, através da prática, recebesse informações que fizessem mas sentido para sua própria realidade vivida." (GARCIA, 2008, Pg.5).

Desse modo, recebíamos diversos modelos e conteúdo de projetos, alguns já faziam parte do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, outros eram projetos iniciantes e inovadores para escolas que ainda não trabalhavam com a "pedagogia de projetos". Os professores correspondiam a vários perfis, desde os mais engajados até os que encontravam no desenvolvimento dos projetos um desafio para sua carreira profissional e pessoal, os alunos, séries, idade eram de ampla diversidade possibilitando olhar para realidade e vê-la como um processo complexo e em constante dinâmica com os sujeitos.

A escolha dos projetos pelos monitores era livre, escolhíamos conforme nossa curiosidade e objetivos de acompanhar determinada escola. Assim como em todo processo que lida com a realidade sempre nos deparávamos com limitações, como a distância e localização das escolas, sobre o ajuste cotidiano dos horários e datas correspondentes tanto ao monitor quanto ao professor e demanda da escola e a falta de monitores; mas ainda assim o grupo buscava as melhores soluções, monitoria à distância, um monitor para duas ou mais escolas, ajuste no cronograma diário, entre outros "perrengues" que no final valia a pena passar.

Eram nas reuniões que compartilhávamos como estava ocorrendo as monitorias durante o segundo semestre, relatávamos como havia sido o primeiro contato, a interação com os alunos e professores, refletíamos sobre nossas inquietações, visando aproveitar ao máximo o "papel" de ser e estar como monitor da semana de geografia. Tínhamos autonomia para observar e compreender em qual momento devíamos nos posicionar e colaborar com a execução do projeto, tendo o respeito pelos professores, alunos e direção, sem impor regras e métodos que deviam ser aplicados. O grande objetivo e "sacada" de ser monitor era de estar na escola junto com os demais sujeitos envolvidos e desenvolver as atividades pensadas. Conforme a escola, professores e alunos a monitoria ia se realizada com especificidades, ora ocorria mais intervenções, ora ocorria menos! Mas no geral a monitoria tinha o intuito de fazer parte de

forma significativa da nossa formação enquanto ex-alunos secundaristas, de graduandos em formação e enquanto futuros professores de geografia.

Mesmo cientes que o projeto de extensão era incentivado por alunos de geografia, as escolas, em sua maioria, buscava desenvolver projetos interdisciplinares, em que professores de outras disciplinas pudesse participar, uma lógica que envolvia a escola em sua totalidade, enquanto unidade escolar, dialogando principalmente com as demandas da comunidade local. A construção de um projeto interdisciplinar demanda a articulação dos professores e sua autoridade nas disciplinas que lecionam, requer integração entre os sujeitos que pertencem à escola e os que já passaram por ela.

Segundo o livro “Para ensinar e aprender geografia”, organizado por PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, desenvolver um projeto interdisciplinar necessita da consciência de todos os envolvidos, precisa pensar que:

[...] vai à busca da totalidade na tentativa de articular os fragmentos, minimizando o isolamento nas especializações ou dando novo rumo a elas e promovendo a compreensão dos pensamentos e das ações desiguais, a não fragmentação do trabalho escolar e o reconhecimento de que alunos e professores são idealizadores e executores de seu projeto de ensino. (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, pg. 150)

Planejar e desenvolver um projeto interdisciplinar não lida com resultados imediatos, o grande ponto positivo é que os resultados estão inseridos durante o processo que vai se desenvolvendo. As etapas desse processo não necessariamente precisam de uma ordem para ocorrerem, mas passam desde a fase do levantamento prévio do conhecimento e realidade dos alunos e alunas, seguindo para a etapa do confronto e mobilização dos alunos com os conhecimentos teóricos e metodológicos das disciplinas, indo para o momento de socialização e reflexão coletiva e individual dos problemas levantados, chegando a um tema/princípio gerador que guiará o projeto. Quando chega-se ao tema gerador que será desenvolvido no projeto interdisciplinar, geralmente ele está atrelado as condições presentes na realidade local, após reflexão e estudo (levantamento prévio), assim exemplificado:

“...] os principais temas geradores que vêm à tona nas escolas após o estudo da realidade local e da reflexão sobre suas relações são condizentes com as realidades espaciais e sociais do lugar, tais como moradia, trabalho, transporte, saneamento básico e convivência (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, Pg. 155)

Durante o processo para escolha de qual ou quais serão os temas debatidos em um projeto interdisciplinar torna-se necessário manter um diálogo constante com as práticas

socioespaciais do lugar para que ocorra a possibilidade da, “[...] com a explicitação dos conflitos, o processo de apropriação do conhecimento daquela realidade específica vai se desenvolvendo”. (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, Pg. 156). E é nesse momento que cada professor deve mobilizar estratégias e metodologias de sua disciplina para participar de forma significativa da construção e execução do projeto interdisciplinar.

A geografia escolar, nesse sentido, tem fundamental importância, pois por meio de estratégias metodológicas e instrumentos teóricos pode ser apresentado os conteúdos que contribuirão para melhor análise e reflexão dessa realidade, no caso específico, este trabalho apresenta a importância da categoria lugar, pois a partir das trocas cotidianas podemos compreender as relações mais complexas que são mediadas pelas relações inter escalares do local ao global, nos indagando quanto sujeitos sobre o lugar que pertencemos e simultaneamente sobre nossa identidade coletiva e individual que construiremos. CAVALCANTI, (2008), também compartilha que o ensino de geografia possibilita meios para trabalhar e desenvolver o pensamento espacial dos sujeitos, em que eles próprio constroem e vivem cotidianamente, cabe nesse aspecto, pensar como e qual geografia escolar pode contribuir para esse processo de formação e construção do conhecimento.

Assim, torna-se pertinente olhar para a geografia cotidiana dos sujeitos envolvidos, pois é no confronto entre geografia cotidiana do espaço vivido de cada um e da geografia concebida academicamente, presente nos livros didáticos que ocorre a construção de novos conhecimentos, é o momento em que se estabelece o incomodo, possibilitando novos olhares para aquela geografia que já está “dada”. Nesse intuito o lugar torna-se um elemento importante para tornar o ensino de geografia algo significativo e presente em nossa vida; assim o aluno pode; “... compreender melhor a dinâmica de sua cidade, de seu bairro e formar referências para participar de um projeto de cidade mais democrática, mais inclusiva” (CAVALCANTI. L, 2008, Pg.142). E a maioria dos projetos desenvolvidos e apresentados na semana de geografia carregam essa preocupação de olhar para realidade que a escola está inserida, nas demandas da comunidade e principalmente no teor representativo que seria para o processo de ensino-aprendizagem das alunas/alunos e os dos professores.

A vinda das escolas para a apresentação na Semana de Geografia, tradicionalmente ocorre no mês de outubro entre a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> semana. As apresentações dos projetos das escolas ocorrem no período da manhã e da tarde, sendo que as escolas que apresentam de manhã no período da tarde visitam algum espaço da USP ou participam de alguma atividade, ocorre o mesmo, porém de forma invertida para os alunos que apresentam no período da tarde. A hora

do almoço, é o momento mais esperado é quando acontece uma integração, pois todas as escolas vão comer no restaurante universitário (bandejão!).

Durante esses anos de participação no projeto observei o quanto difícil é manter um projeto de extensão na Universidade, o quanto difícil é, nos mínimos detalhes, observar o incomodo de funcionários, alunos, professores em ter a presença e ter que dividir o espaço com pessoas que estruturalmente vem sendo excluídas desse espaço, e nesse sentido compreendi a importância política e de luta pela existência e permanência de projetos de extensão como a Semana de Geografia, dentro de uma universidade estruturalmente elitizada e burocratizada, onde em muitos momentos de minha formação questionei quais as práticas sociais e políticas estão sendo construídas com e para sociedade? Até que ponto ocorre um compartilhamento do conhecimento produzido na universidade? Ou será que continua reproduzindo-se um conhecimento que ficará centralizado em alguns setores da sociedade, apenas sendo impostos para a maioria da população como verdade? E quando a relação universidade-sociedade eliminarão as várias catracas colocadas?

São alguns dos questionamentos que apareceram durante minha passagem pela universidade e acredito que continuarão, além de outros que estão por vim! São pensamentos que me permitiram refletir sobre o saber geográfico que estava (re) construindo a partir do meu cotidiano, de pensar espacialmente de onde eu vim, onde estou e simultaneamente das práticas que estou materializando e mentalizando na minha vida.

## **4 AS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS DA EMEF. Prof.<sup>a</sup> MARILI DIAS VÃO ALÉM DOS MUROS?**

Neste capítulo, iremos discorrer sobre as ações construídas na escola EMEF. Prof.<sup>a</sup> Marili Dias, apresentaremos os projetos elaborados e desenvolvidos pela escola nos anos de 2015, 2016 e 2017, na qual consegui acompanhar em ritmos diferentes ao longo dos anos como monitora da Semana de Geografia e também como estagiária cumprindo as horas da licenciatura. Adianto que mesmo conhecendo e acompanhando as atividades da escola durante 3 anos, ainda assim, reconheço estar longe de ter resultados, conclusões definitivas, defender a escola como modelo ou não, ou apontar soluções. O objetivo do seguinte trabalho é de compartilhar a experiência de estar em uma escola pública e entender como ela vem se reproduzindo e como vem assumindo seu papel diante da sociedade que não lhe é alheia.

Pode-se entender a “... escola a partir da relação que ela estabelece com o lugar, analisando assim os conflitos, os limites e as possibilidades das práticas socioespacial que nascem a partir desta relação e que podem, também, serem compreendidas a partir dela” (GIROTTTO, 2009, Pg.10), ou seja, a partir das práticas observadas na qual também interagi cotidianamente visamos entender as singularidades construídas na EMEF. Prof<sup>a</sup>. Marili Dias, atentando-nos que esta, está inserida em uma lógica global estrutural e que está em constante diálogo com a escala local, e nesse sentido se apropriar dessas relações a partir do lugar, nos possibilita (re) pensar novas práticas socioespaciais.

**Figura 17.** Rua Antônio Conselheiro, nº 1- Fachada do muro da escola



**Fonte:** Foto da autora. Retirada dezembro/2017

A escola EMEF. Professora Marili Dias tem formação recente, localizada na Rua Antônio Conselheiro, nº1, teve seu início de funcionamento no ano de 2008, onde a principal característica atribuída à ela era a de reunir os “alunos problemas”, rótulo que foi e é muito bem trabalhado na escola pelos professores para a sua desconstrução e problematização, os principais meios utilizados e apropriados pelos professores do Marili Dias são os Projetos Interdisciplinares. Estes se tornaram os principais aliados para atuação política, social e cultural que a escola visa desenvolver com todos os alunos e comunidade local.

A escola é equipada estruturalmente com 18 salas de aulas, uma sala de vídeo, uma biblioteca, uma quadra poliesportiva, sala de informática, sala dos professores, direção, secretaria, coordenação, pátio interno e externo, tem a cozinha onde se realiza a hora da merenda, a escola abriga dois banheiros e mais um para as pessoas com deficiências físicas.

A escola funciona regularmente no período da manhã das 7h às 12h com o CICLO II-Interdisciplinar- (6ºano) e com o CICLO III –Autoral- (7º e 9º ano), das 13h30 às 18h20 é o CICLO I-Alfabetização- (1º ao 3ºano) e o CICLO II –interdisciplinar- (4º e 5ºano), tendo um quadro de alunos entre os 6 e 16 anos. Essa nova nomenclatura das séries foi dada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, por meio do "Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo - Mais Educação São Paulo, instituído no decreto municipal nº 54.452 de 10 de outubro de 2013 e regulamentado pela portaria nº 5.930 de 14 de outubro de 2013 pela Secretaria Municipal de Educação. Assim, o fundamental II corresponde ao final do ciclo interdisciplinar para o ciclo autoral, momento em que os nonos anos devem desenvolver um Trabalho Colaborativo Autoral (TCA), em que o tema proposto varia conforme a decisão conjunta da unidade escolar.

A equipe gestora é composta por uma diretora, dois assistentes de direção e duas coordenadoras pedagógicas, além do corpo docente. Em relação ao local de habitação desses funcionários uma parte é vinda de bairros próximos, parte do município de Osasco, cabe citar a professora Rosélia do Ciclo I que é residente e militante local. Mesmo a maioria dos professores não residindo, cotidianamente o vivem, pois percebemos o envolvimento tanto do corpo docente (em partes) tanta da gestão para fortalecer a relação com a comunidade, buscando aproximar os conteúdos escolares com o cotidiano do educando.

Nas idas, conversas, observações de aulas e do bairro, notei que a escola se tornou referência de acesso à cultura e ao lazer dos moradores, sendo um local de articulação entre o bairro, estudantes e moradores, buscando construir uma forte mobilização política em prol da

comunidade, de sua identidade, memória e seus direitos. Geograficamente a escola está localizada no ponto mais alto do Morro Doce, podendo ser ponto de referência para localização, especificamente na Vila dos Palmares, atendendo crianças do Monte Belo, Jardim Rosinha, Filhos da Terra, Morada do Sol, Parque Anhanguera, assim observado na imagem a seguir, em que destacamos a escola,

**Figura 18.** Foto da paisagem do bairro, em destaque a escola.



**Fonte:** Foto da autora. Retirada dezembro/2017

Assim já citado, só pelas toponímias, já desperta uma curiosidade em compreender a história e produção espacial do bairro. Afastado do centro da cidade é um bairro caracterizado pela autoconstrução e loteamentos irregulares, na qual surge enquanto consequência da especulação imobiliária. As pessoas que fazem o Morro Doce, em sua maioria são vindas ou dos processos de expulsão das regiões centrais da cidade de São Paulo ou vindas pelos processos migratórios do Norte e Nordeste. A ausência de políticas públicas ativas, afeta a infraestrutura e necessidades básicas de sobrevivência, como a falta de postos de saúde, áreas de lazer e cultura, praças, enfim falta de espaços públicos que permitam a essas pessoas a apropriação e novos usos de sociabilização e encontro.

Nesse sentido a escola acaba construindo e estabelecendo novas funções e relações, indo além da reprodução e conservação dos padrões hegemônicos, pelo contrário acaba se tornando foco de resistência. E é devido a esse contexto histórico de formação do bairro, ao fato do isolamento, que a escola justifica a importância do desenvolvimento de projetos enquanto ações políticas que levam temáticas acerca da necessidade constante da luta pelo espaço público da cidade.

Os projetos pedagógicos desenvolvidos na escola, em especial o de geografia, pretendem explorar a geografia do cotidiano dos alunos, a partir do entendimento da categoria de lugar, ideia presente no texto, “A cidade, o lugar e o ensino de geografia: a construção de uma linha de trabalho” (2012) em que os autores demonstra que:

O conhecimento das potencialidades do lugar e das capacidades de ação das pessoas que ali vivem é condição fundamental para fazer do lugar aquilo que interesse a quem nele vive. Essas potencialidades são marcas decorrentes da estrutura física do lugar, do contexto em que se insere, das formas de organização das pessoas para realizar seu acesso aos bens e da forma com que se constitui o tratamento da diferença e da justiça social. (CALLAI, CAVALCANTI, CASTELLAR, 2012, Pg.105)

Preza-se pelo desenvolvimento de projetos interdisciplinares que objetivam o processo de reflexão e questionamento pelos alunos/professores acerca do lugar que vivem, buscando ampliar as relações com outras escalas geográficas, descrições, interpretações, além de se localizarem espacialmente não só no bairro que moram, mas também na cidade de São Paulo. Ainda levantam o debate acerca da questão da identidade coletiva e individual, a fim de problematizar os estigmas que diariamente são colocados nos jovens de periferia.

Antes de apresentar os projetos desenvolvidos pela escola, é relevante, apontar que o Projeto Político Pedagógico (PPP), tem como principal eixo guiador a articulação com a demanda da comunidade, visando ressaltar a importância do lugar para a construção do conhecimento interdisciplinar. A escola tinha com PPP o foco de explorar a interdisciplinaridade, a integração e transformação com o tema “Identidade e Autonomia: a caminho da autoria” objetivando transformar a escola para toda a comunidade em um espaço não somente para o estudo e lazer, mas que permitisse a construções de relações ativas, na qual os sujeitos envolvidos alcançassem a autonomia e consciência para o entendimento da sua realidade, assim podendo agir sobre a mesma.

Em algumas de minhas visitas à escola conversei com a pedagoga Susete Mendes que,, em nosso “papo”, relatou sobre a origem da escola, sobre a atuação dela enquanto militante no bairro e pela educação, pois o Marili Dias não era a primeira escola que ela atuava no bairro.

Contou que acompanhou as transformações e crescimento do bairro e a cada história e experiência compartilhada, fui percebendo o quanto real e possível, apesar de difícil, era transformar a escola, a sala de aula a profissão de professor em uma ação que se mescla com a nossa história de vida e experiências e, consequentemente, tornando-se ação política. O mais curioso que ela transpareceu, é que realmente estamos em formação constante, inacabada, pois disse que por mais que já tenha feito muitas coisas durante sua trajetória em várias escolas e comunidades ainda tinha muito que fazer, aprender, repensar e que cada dia era um dia, para quem escolhesse estar/ser escola pública.

Susete ainda relatou que ela foi uma das iniciadoras e incentivadoras dos projetos interdisciplinares dentro do Marili Dias, e que segundo ela, “... escola e comunidade caminham junto”, que não devemos ver a escola como algo a parte, fora da sociedade, pelo contrário a escola é um dos principais meios de emancipação da sociedade. Foi acreditando nisso que entre os anos de 2011 e 2012, Susete idealizou e concretizou um projeto que envolveu a comunidade escolar e sociedade. Foi a elaboração de um livro chamado “Kizomba Literária”; o nome Kizomba se relaciona muito com os objetivos da política defendida pela escola. É uma palavra de origem africana que significa encontro de identidades e confraternizações. Foi exatamente o que aconteceu, pois o livro reuniu autores de formação, identidades e histórias diferentes, como os próprios alunos das aulas de leitura, como seus familiares, vizinhos e também professores e funcionários da escola, mas também contou com a participação de graduandos e graduados de pedagogia de algumas universidades do estado de São Paulo.

A idealização do livro foi uma estratégia que contribuiu para a formação de leitores, para a valorização e incentivo da produção cultural na comunidade, no protagonismo e valorização desses sujeitos, onde ocorreu troca e compartilhamento de experiências vividas em sala de aula e fora dela, dando visibilidade, voz e criando novas relações sociais à aqueles que muitas vezes se tornam estatísticas ou têm sua história apagada.

Em 2015, o grupo da XII Semana de Geografia teve como tema “*A construção da identidade do aluno e da aluna no espaço escolar a partir do lugar*”, em que o objetivo era observar em prática por meio das monitorias como vinha ocorrendo nas escolas públicas a formação da identidade do aluno e como o lugar poderia contribuir nesse processo.

A proposta de projeto a ser desenvolvido pela escola neste ano foi “*A construção da identidade do educando no espaço escolar a partir do lugar*”. O professor responsável era Fábio Augusto Machado, de geografia, entretanto havia a interação com alguns outros professores de outras disciplinas Daniela, Adriana, Susete, Rosélia, Rosemiro entre outros, pois

o próprio projeto zelava por uma interdisciplinaridade, a fim de gerar maior integração da escola. O objetivo do projeto era que os alunos envolvidos compreendessem o lugar de vivência correlacionando com os processos globais da produção do espaço urbano que não estão separados do processo de formação dos lugares. São nos lugares que os processos se materializam, além de serem ponto de articulação entre o global e o local, assim presente no trecho do projeto da escola; “Se por um lado não podemos nos furtar de discutir com eles a influência dos processos globalizantes na constituição do indivíduo, por outro não devemos negar a força do lugar como local de resistência a esses processos homogeneizantes.” (Projeto Escola EMEF Professora Marili Dias, 2015. Pg.2).

A metodologia de como seria desenvolvido o projeto com os alunos se resumia da seguinte forma: no 1º momento ocorreria a explicação sobre os conceitos de identidade, lugar, globalização, espaço, território, tendo o auxílio de um vídeo “Bairros de São Paulo: Distrito Anhanguera”, para situa-los em relação a localização do lugar que vivem. O 2º momento foi desenvolvido atividades que resgatassem a importância do espaço escolar para a identidade do aluno, sendo construído a partir de oficinas e nas próprias aulas textos, vídeos e poesias. Já o 3º momento fez-se o levantamento da história e memória do lugar, por meio de entrevistas e conversas com os moradores, além de visitas aos espaços públicos do bairro. O 4º momento ocorreu o aprofundamento dos conceitos já apresentados através de rodas de debates e exibição de filmes e documentários sobre as questões discutidas. Por fim, já se tornando parte da apresentação na XII Semana de Geografia foi desenvolvido um documentário em vídeo, com os registros das atividades desenvolvidas, complementando o documentário “Palmares Vive”<sup>7</sup>, criado pela escola no ano de 2014.

No dia 29/04/2015, em uma de minhas idas à escola conversei com o professor Fábio de geografia, que me explicou como funcionaria a execução do projeto. Segundo ele, as reuniões para o projeto da Semana de Geografia ocorriam no horário das aulas, onde os demais

---

<sup>7</sup> Segue o link do vídeo produzido pela escola que relata sobre a formação especificamente do bairro Vila dos Palmares, os processos de luta dos moradores para a infraestrutura mínima, ressaltando ainda os pontos positivos de se viver e resistir em Palmares.

professores envolvidos disponibilizavam suas aulas para a realização dos debates e construção do projeto. Houve momentos que o projeto continha atividades “extracurriculares”, encontros no contra turno, saraus, que de certa maneira tornaram-se “rituais” e estratégias fazendo parte do cotidiano escolar e da Vila dos Palmares, apesar de nem todos os alunos conseguirem integralmente participarem, pois trabalhavam, tinham que cumprir deveres de casa, cuidar do irmão ou faziam outros cursos. O professor Fábio deixou claro que os alunos escolhiam se queriam ou não participar dos projetos, que os professores só cumpriam o papel de instigá-los, apenas exigiam comprometimento em qualquer um dos projetos que fossem participar. (Acabou funcionando, pois a escola, neste ano, 2015, levou cerca de 70 alunos para a apresentação na XII Semana de Geografia).

Na noite do dia 29/04/2015 foi promovido o III Fórum Participativo Palmares Vive, na qual teve a presença dos funcionários da escola, alunos e moradores, além do subprefeito Roberto e do diretor regional de Pirituba, Marcos Manuel. A principal reivindicação era por melhoras no bairro, como a coleta de lixo, iluminação dos escadões de acesso e a construção de um CEU (Centro Educacional Unificado), mas próximo que o localizado na beira da Rodovia Anhanguera (CEU Anhanguera), para a ocorrência de atividades culturais e lazer.

Essa cena nos permite questionar como a escola vem cumprindo seu papel social de diálogo com a comunidade, mostrando as coisas boas e ruins do bairro, a fim destes se apropriarem subjetivamente e concretamente do lugar de vivência. Além disso, acaba por criar um espaço de debate e ação política, promovendo o incomodo e o questionamento crítico entre as pessoas participantes, visando superar os processos ditos “naturais” e a reprodução da escola como formação de sujeitos sem um questionamento crítico da sua realidade.

Do Fórum foram tirados alguns pontos que deveriam ser cumpridos e cobrados em relação as autoridades locais. Sobre o CEU foi tirada uma data da vinda da Vice-secretária Tereza Herlim de desenvolvimento urbano, a fim de investigar as possibilidades estruturais para iniciar um projeto de instalação de um CEU na Vila dos Palmares. Com essa ação ficou marcado a importância da escola na comunidade, pois no final do fórum a escola foi louvada por um morador, que agradeceu e disse “continuar na luta e resistindo”.

Outra atividade que participei foi o II Fuzuê dos Palmares, que tinha como objetivo o envolvimento da escola com a comunidade em atividades e oficinas realizadas na própria escola nos finais de semana. Objetiva-se construir conhecimentos e obter a troca deles, como por exemplo, as oficinas de leituras com livros infantis que tratavam de forma simples e lúdica a história e cultura afro-brasileira, a indígena e sobre a cultura regional, além de oficinas de

artesanatos e reciclagens. Ocorreu ainda, apresentações do “Sarau Social”, um projeto também desenvolvido na escola pela professora Adriana de língua portuguesa, onde os atores principais eram os alunos que levaram através do poema e da música os conteúdos desenvolvidos nas aulas, lembro que a temática principal era sobre a globalização, sua influência tanto na formação dos lugares, na sociedade e na identidade das pessoas, e músicas que denunciavam o cotidiano de quem vive e resiste na periferia. Um exemplo são os versos<sup>8</sup> produzidos e problematizados por Vitória na época aluna do 9º e do rap reflexivo feito por Laura também aluna do 9º ano.

No final da tarde, quando acabou o Fuzuê dos Palmares, tinha entendido objetivo daquele “barulho” todo, era de colocar para fora da sala de aula aquele conteúdo e conhecimento construído e discutido dentro da escola, e trazer de fora e do cotidiano aquelas relações que influenciam e se reproduzem na própria escola, porém introduzindo e (re)construindo conhecimentos de uma maneira que gerasse possíveis reflexões e transformações.

EDUCOM (“Nas ondas do Marili”), é uma outra ação que se relaciona tanto com o projeto da Semana de Geografia, como com outros projetos desenvolvidos na escola. Os alunos formaram uma rádio e equipe jornalística na própria escola para realizar atividades que denunciem os problemas e as qualidades do bairro. Nas reuniões do projeto eram discutidas as questões teóricas que estavam presentes na proposta do projeto e que se relacionavam com o conteúdo dado nas aulas das disciplinas envolvidas com o projeto. Em uma das rodas de conversa sobre o projeto o professor pediu que eu falasse sobre a política de cotas para universidade, sobre o ENEM, além de explicar como funciona a universidade desde o vestibular até o cotidiano universitário. Conversa que rendeu vários questionamentos, perguntas sobre o vestibular e a permanência na universidade, partimos nossa reflexão sobre o racismo estruturado na sociedade brasileira a partir dos versos da música “A vida é desafio” do álbum “Nada como um dia após o outro” (2002) do grupo de rap Racionais Mc’s:

"Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: "Filho! por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor". Ai passado alguns anos eu pensei, "Como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos 100 vezes atrasado? atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, enfim por tudo que aconteceu, duas vezes melhor como?"

---

<sup>8</sup>

Tanto a letra da música da aluna Laura e os versos do poema de Vitória estarão dispostos no ANEXO B do trabalho.

No dia 10/9/2015, acompanhei o professor Fábio e logo de início fui para a apresentação de um documentário que foi apresentado na Semana de Geografia da USP. Este vídeo foi editado pela professora também de geografia Daniela Gissoni e tinha imagens da escola, histórico de todo desenvolvimento do projeto, as reuniões, as outras atividades “extracurriculares” debate em sala e entrevistas com os alunos. Além de mim e dos professores estavam presentes os próprios alunos envolvidos no projeto tanto do 6º ano, tanto do 9º ano.

Ao longo do vídeo resolvi anotar algumas frases faladas pelos próprios alunos que remetiam ao tema principal (A construção da identidade do educando no espaço escolar a partir do lugar), falavam sobre a construção da identidade, lugar, escola e globalização como: “...minha identidade está em construção”; “identidade da escola é o aluno”; “com os projetos os alunos fazem parte da escola”; Após a passagem, os alunos se propuseram a discutir sobre o vídeo e suas aparições, expuseram aos professores responsáveis possíveis mudanças, o que gostaram e o que não gostaram, aproveitaram o momento e começaram juntos a discutir o formato que seria a apresentação deles no dia 21/10/2015 na XII Semana de Geografia. Foi um momento que percebi o entusiasmo dos alunos e professores de juntos estarem desenvolvendo aquele projeto que correspondia a um sentimento e expectativa que estava muito além de apenas terem como fim a apresentação na USP.

Em seguida o professor Fábio começou a discutir, uma forma de revisão do conteúdo presente no vídeo. O próprio professor nomeou o momento de retomada de “fundamentos teóricos”,. Começou oralmente perguntando aos alunos “Qual a diferença entre os conceitos de espaço e lugar?”, “Qual seria a identidade da Vila dos Palmares?” “Você acha que os lugares sofrem com rótulos?”, “Você se identifica com a Vila dos Palmares, por quê?” e “Esses rótulos interferem na sua identidade?”, tivemos algumas respostas como “lugares estão em construção...”, “Vila dos Palmares representa luta, conquistas”, “expressa alegria, cultura, simplicidade”, “tem problemas com infraestrutura”, “Rótulos na Vila dos Palmares como violento, drogas e marginalidade” e sobre a questão se esses rótulos interferirem na construção da identidade deles, a maioria afirmou que sim.

Comecei a compreender, dessa forma, que a ideia é que os projetos colocados e vistos como “extracurriculares” se tornem parte de um todo, algo ‘costurado’ e que não seja visto de forma fragmentada pelos alunos, mas como outro momento e outra forma de abordagem de um conteúdo e debate que já está sendo visto, servindo como parte estratégica para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem, em que os envolvidos se enxerguem enquanto sujeitos do processo estudado.

Um processo que professores e demais funcionários participam e se baseiam na ação coletiva, utilizando os Direitos Humanos, História e Cultura Afro-brasileira e indígena e Educação Ambiental, como base e meios para articularem com suas disciplinas e conteúdos obrigatórios presente nos currículos. Observando tanto o Projeto Político Pedagógico, as reuniões sobre o projeto da semana de geografia e os envolvidos, conseguimos notar a organização e gestão dos funcionários dentro da escola, além da forte relação e preocupação em tornar a escola um lugar de articulação política dos moradores entre eles e com o bairro.

No ano de 2016 o projeto desenvolvido pelos professores para a XIII Semana de Geografia, que tinha como tema “*Qual escola temos? Qual escola queremos?*”, a decisão do tema pelo grupo levou em consideração o contexto da educação pública brasileira que estamos passando. Momento crítico, onde a educação pública vem sofrendo ataques pelo poder público que propõe uma política de reorganização escolar<sup>9</sup>, onde afetaria a comunidade escolar como um todo. Essa reforma estaria ligada com a diminuição de gastos com a educação. Nesse sentido os impactos seriam o fechamento de escolas estaduais, pois a ideia principal da proposta é de municipalizar e dividir o funcionamento da escola em ciclos, podendo acabar por exemplo com as aulas do noturno, aumentando a evasão do aluno trabalhador, afetando a carga horária do professor, fragmentando as práticas socioespaciais, sucateando e esvaziando a escola pública de ações políticas e transformadoras. Nesse contexto a reação foi a ocupação de muitas escolas públicas da rede pública do estado de São Paulo, entre 2015 e 2016, pelos alunos e alunas insatisfeitas com essa política que estava sendo imposta, sem ter tido consulta popular.

Por esses motivos foi importante propor aos principais afetados essa temática, a fim de compreender como eles estavam vendo e reagindo frente à esse ataque político. A EMEF. Professora Marili Dias, elaborou o projeto com o título; “*Identidade e Autonomia: Qual escola temos e qual escola queremos?*”, entre os objetivos da realização do projeto está ligada a questão da autoestima, na qual os envolvidos esperam que os estudantes e consequentemente toda a comunidade escolar reflitam sobre as questões de autonomia e identidade, buscando a

---

<sup>9</sup> REORGANIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO (2012): Proposta política do governo do Estado de São Paulo. Não iremos neste trabalho fazer um debate aprofundado sobre a implementação e as consequências desse ataque à educação e escola pública. Segue o link do documento oficial para maiores informações sobre a proposta e discurso presente.

reversão e problematização dos estigmas construídos que interferem no seu cotidiano, assim apresentado nas linhas do projeto desenvolvido pela escola;

“...contribuirá mais uma vez para que nossos alunos fortaleçam não somente a sua percepção como agentes transformadores do espaço, mas que atuem de maneira estratégica e planejada para mitigar essa contraditória hierarquização que há dos espaços públicos na cidade (incluindo aqui, evidentemente, a própria escola - inclusive dentro dela), que se caracteriza por uma apropriação seletiva e diferenciada destes espaços (a própria universidade pública é um retrato, por excelência, desta apropriação seletiva e diferenciada dos espaços públicos). (EMEF Profª Marili Dias. 2016. Pg 02).

Notamos que mais uma vez, a escola busca por meio dos projetos problematizar situações presentes no cotidiano dos alunos e alunas, que se reproduzem dentro e fora da escola. Neste ano, tivemos acesso ao Projeto elaborado pela escola para o Programa Mais Educação São Paulo, em que a escola apresenta todos os projetos interdisciplinares idealizados por toda comunidade escolar. O projeto titulado “Nós somos Marili: Diversidade, Identidade, Autonomia e Socialização Programa *Mais Educação São Paulo*”, não está desvinculado das ideias defendidas no Projeto Político Pedagógico que tem o tema “Identidade e Autonomia: a caminho da autoria”, ambos documentos se pautam na ideia central de que a escola deve cumprir um papel social:

A escola tornou-se para os alunos e para toda comunidade um espaço privilegiado não somente para o estudo e o lazer, mas para a construção de relações mais sólidas (e solidárias), capacitando os alunos a compreenderem a sua realidade e assim, agirem sobre ela. Entendemos que a pedagogia de projetos hoje na escola (e que, portanto é algo já institucionalizado) tem sido a via pela qual nosso aluno tem ampliado a sua noção de pertencimento. (EMEF MARILÍ DIAS, 2016, Pg.4)

São projetos realizados por vários professores da unidade escolar, com temas variados à serem desenvolvidos, mas que partem da ideia comum de a partir da realidade do aluno e aluna instigar a leitura, a escrita, interpretação e reflexão dos conteúdos envolvidos em cada projeto, estabelecendo novas práticas no processo de ensino-aprendizagem. Apresentaremos abaixo uma tabela produzida pela escola apresentando os projeto, suas temáticas e os professores envolvidos. Cabe apontar que não será detalhado os objetivos, meios e resultados dos demais projetos, pois este trabalho dedica-se na análise dos projetos atrelados à Semana de Geografia, porém tendo o cuidado para não fragmentar o processo da pedagogia de projetos desenvolvidos pela escola.

**Figura 19:** Projetos Interdisciplinares EMEF. Professora Marili Dias

Temática	Projetos	Professores
Educação e Práticas Leitoras	Sarau Social: Expressão e Arte	Adriana
	Música do Palmares	Rosemiro
Educação, Esporte e Cidadania	Esporte Educacional e Cidadania	Malber e José Eduardo
Educação e Tecnologia	Cultura Digital na Escola: Oficina de Produção Audiovisual e Robótica	Daniela e Elaine
	Imprensa Jovem: Nas Ondas do Marili	Fábio
Geografia	A construção da identidade no espaço escolar	Fábio

**Fonte:** Tabela retirada do Projeto Nós somos Marili: Diversidade, Identidade, Autonomia e Socialização’ Programa ‘Mais Educação São Paulo, 2016

Cada projeto tem seus objetivos e propostas a serem desenvolvidas de forma articulada com o conteúdo estabelecido pelo currículo oficial para cada etapa da organização do tempo e espaço escolar, porém diariamente a unidade escolar inserida em uma lógica sistemática de burocratização e normalização das relações cotidianas, buscam estratégias para ultrapassarem os muros que o poder público e privado visam impor para a educação, ocultando e inviabilizando o seu principal papel, o político.

**Figura 20.** Cenas das atividades realizadas durante o desenvolvimento dos projetos



**Fonte:** Fotos de Renato de Sousa Ribeiro. Mai/ 2016

Sendo assim, podemos apontar que a ação de elaborar um projeto para participar do Programa Mais Educação São Paulo, pode ser um exemplo de estratégia e de apropriação dessas políticas por parte da escola, onde pode se encontrar nas “brechas” meios de ações que vão além das receitas prontas e esperadas. Segundo GIROTTTO (2009) as práticas socioespaciais da escola reagem, reinventam-se buscando articular-se com a devida espacialidade em questão possibilitando a “... ressignificação do espaço social escolar, da construção de outras sociabilidades para além da mera relação professor-aluno.” (GIROTTTO, 2009, Pg.111).

Assim como colocado, minha experiência com o cotidiano da escola também foi a partir da realização dos estágios da licenciatura, No primeiro semestre de 2016 tive que construir uma sequência didática. O principal objetivo da sequência titulada, “Escala Geográfica: Explorando a geografia do cotidiano”, era de ser um projeto de intervenção, que dialogando e considerando a cultura escolar, os projetos pedagógicos desenvolvidos, em especial o de geografia, pudesse explorar a geografia do cotidiano dos alunos, a partir do entendimento da categoria de lugar; ideia presente no texto usado como referência;

Compreender o mundo, estudando o lugar, ou “estudar o lugar para compreender o mundo” passa a ser a possibilidade de teorizar a partir da realidade local, ou sempre a incorporando nas análises de modo a que os alunos se sintam sujeitos envolvidos naquilo que acontece no lugar, percebendo que a sua forma de agir pode fazer a diferença. Nesse sentido, construir a cidadania vai além dos objetivos apresentados nos planos

curriculares, pois é parte do trabalho que acontece no cotidiano da escola  
(CALLAI, CAVALCANTI, CASTELLAR, 2012, Pg.98)

Objetivando que eles desenvolvessem um processo de reflexão e questionamento acerca do lugar que vivem, podendo fazer relações com outras escalas geográficas, descrições, interpretações, além de se localizarem espacialmente não só no bairro que moram, mas também na cidade de São Paulo. Dentre os objetivos específicos, visei considerar uma relação de diálogo com os alunos, mobilizando a curiosidade, questionamentos, reflexões de suas práticas e experiências pessoais, evitando o despejo de conteúdo, a fim de que ambas as partes conseguissem (re) construir saberes.

Visei ainda, abordar questões das diferentes formas e meios de formação, transformação e apropriação dos lugares, na qual a partir do conhecimento e experiência que eles trouxessem dos lugares que conheciam e se identificavam na cidade de São Paulo e em outras localidades, pudesse instigá-los à pensar acerca das diferentes relações construídas com estes lugares, das desigualdades que compõem a cidade de São Paulo. Assim levando-os ao incomodo e a reflexão sobre as questões de acessibilidade, infraestrutura, apropriação e uso de outros lugares da cidade que vivem, até porque

... a cidade é reproduzida a partir da articulação de áreas diferenciadas com temporalidade diferenciais que se reproduzem, fundamentalmente, da constituição de uma forma de apropriação para uso que envolve especialidades, que dizem respeito à cultura, aos hábitos, costumes, etc, que produzem singularidades espaciais.... (CARLOS, 2007, Pg. 51).

Além de outros levantamentos que lhes provocassem a olhar mais para seu cotidiano, para o lugar que vivem, conseguindo entender as potencialidades e deficiências do Morro Doce e o mais importante de que eles estão dentro desse movimento e que se tiverem essa consciência, poderão intervir de alguma forma.

Minha última ida à Escola, no primeiro semestre, foi no dia 18/06 para participar da Festa Junina. A festa durou o sábado todo, percebi que tinha a participação de grande parte da comunidade, a escola estava aberta. Todos os professores, alunos e voluntários do bairro prepararam a organização da festa, comidas, o bingo e a decoração. A Festa Junina da EMEF. Professora Marili Dias, teve em seu conteúdo e formato atrações, decorações e atividades que remetessem ao bairro e suas características e aos acontecimentos que lá ocorrem, como se estivessem reproduzindo uma festa junina “própria” do bairro. Por exemplo, as quadrilhas não

seguiram o mesmo formato tradicional, e além das crianças, os pais também dançaram. A roda de capoeira, de um grupo tradicional do bairro também fez parte da festa.

**Figura 21.** Festa Junina.



**Fonte:** Foto da autora. Jun/2016

Durante a festa notei que estava em ação alguns grupos dos projetos interdisciplinar da escola, como por exemplo, a “Imprensa Jovem”, eles estavam cobrindo todo evento. A turma do projeto da Semana de Geografia, também estavam trabalhando, gravando algumas cenas do curta que estavam construindo para ser exibido em outubro. Uma das atrações da festa era o parque que foi instalado na escola recentemente e observando a euforia e animação das crianças e até de alguns pré-adolescentes com o parque, lembrei que durante a visita nos espaço da USP, especificamente no Centro de Práticas Esportivas da USP, na Semana de Geografia de 2015, as professoras Cristiane e Dani vendo a alegria, euforia e desespero das crianças ao se depararem com o “parquinho”, as quadras e todo aquele espaço, disseram “ isso concretiza o descaso com o Morro Doce, a falta de espaço público para outros usos e por isso nossa luta não pode parar!”.

Por mais que neste ano de estágio/monitoria não tenha conseguido acompanhar de forma integral a execução do projeto atrelado à XIII Semana de Geografia, tive o privilégio de estar na escola, elaborar e exercer à docência e ainda notar que as pessoas que fazem a escola, lutam bastante para ter sentido para todos estarem ali cotidianamente, não só passando, despejando conhecimento, ao contrário de tornar a escola um lugar de (re) construção e troca.

**Figura 22.** Apresentação na XIV Semana de Geografia.



**Fonte:** Fotos de Renato de Sousa Ribeiro. Out/2016

Sendo que todo o trabalho idealizado e realizado através dos projetos interdisciplinares, dos Fóruns Participativos “Palmares Vive”, das festas acabam criando uma cultura escolar, ações que refletem e fazem parte das aulas, em especial na disciplina de geografia, onde a partir e com essas intervenções se constrói uma geografia escolar singular e ativa, em que o cotidiano programado esperado e controlado acaba encontrando resistências, assim apresentado por LESTEGÁS (2015)

... a geografia escolar não é a tradução simplificada ou reelaborada de uma geografia científica, senão uma criação particular e original da escola que responde às finalidades sociais que lhes são próprias é uma das condições básicas que podem possibilitar uma didática renovada da geografia ao serviço da problematização do conhecimento e da construção de aprendizagens significativas, funcionais e além disso, uteis para os alunos (LESTEGÁS, 2015, Pg. 25)

Um processo escolar que preocupa-se em evitar a fragmentação da produção e compartilhamento da geografia escolar, considerando a dinâmica das práticas socioespaciais entre lugar-escola.

No ano de 2017, a XIV Semana de Geografia, teve como proposta a reflexão; “*A geografia serve, em primeiro lugar, para...*”; nos fazendo questionar que geografia vêm sendo desenvolvida nas escolas públicas, como, para que e quem está sendo feita. Permitindo-nos ainda retomar o papel da geografia produzida na universidade, questionando com quem está

conversando, qual seu papel social, a serviço de qual discurso ela está sendo usada, principalmente diante de um contexto político e social, onde a educação pública, os professores e alunos, constantemente continuam sofrendo os ataques, sucateamento e precarização, minando a sua função de estar em diálogo com e para a sociedade, além das intensas interdições dos discursos e da construção de conhecimento de grande parte da população brasileira.

Ressalto mais uma vez que em meio ao “caos” político, prosseguir com o desenvolvimento de um projeto de extensão, que também não está livre dos ataques e cortes que vêm ocorrendo na universidade pública, receber vários projetos de escolas públicas da Região Metropolitana e de outras cidades, nos permite ponderar que a luta continua, que professores, alunos e comunidade resistem e que de certa forma a geografia ela vem servindo para alguma coisa!

Neste ano a EMEF. Prof<sup>a</sup> Marili Dias, no desenvolvimento do projeto, continuou se preocupando com a realidade local e contexto político nacional e internacional, priorizando mais uma vez a relação interescalares das relações socioespaciais. Reforçando ainda mais a discussão de temáticas que envolvem a necessidade constante da luta pelo espaço público e da cidade, esse ano em específico problematizando as questões e “garantias” presente na Declaração dos Direitos Humanos.

Construindo metodologias de ensino-aprendizagem que estejam atreladas de forma interdisciplinar a partir da pedagogia de projetos, assim já apontado, buscando ampliar as relações intraescolar e também as relações extraescolares, assim como demonstram nas linhas do projeto desenvolvido este ano pelos docentes;

... EMEF professora Marili Dias está visível na diferença com que trabalha com os projetos. A unidade educacional busca construir a “pedagogia de projetos” norteando tempos e espaços de maneira a abarcar toda a comunidade escolar e local. Durante os anos letivos (2009-2017) a escola procura desenvolver atividades que possam fazer sentido aos seus educandos por meio de projetos interdisciplinares compartilhados com outras instituições, onde a parceria tem sido constante para o processo de ensino e aprendizagem.”. (EMEF. Prof.<sup>a</sup> Marili Dias, “Direitos Humanos e Questões Identitárias” - PROJETO DE GEOGRAFIA, 2017. Pg.2)

Trata-se de uma escola que diariamente visa consolidar uma cultura escolar que esteja pautada em um ensino-aprendizagem que preze a participação e interação de professor, aluno e comunidade considerando que conhecimento é construído pelos sujeitos na sua relação com os outros e com a leitura e interpretação do mundo em que vivemos.

Este ano o projeto desenvolvido foi titulado, “*Direitos Humanos e Questões Identitárias*”, em que os professores buscaram trabalhar assuntos que dialogassem com o cotidiano e acontecimentos locais, mas que também não estão isolados das relações globais, como demonstrado por Alves:

... o cotidiano é mais presente ou melhor, dá maior visibilidade à ordem do lugar, da vida, mas como ele se repete, enquanto uma tendência da mundialização, em vários lugares, o cotidiano se torna global, ainda que algumas particularidades permaneçam e marquem determinados lugares, mas sem deixar de fazer parte da mesma lógica de reprodução da sociedade capitalista moderna.(ALVES, 2007, Pg.4.)

A proposta geral do projeto da escola teve como objetivo trazer para o debate e problematização nas aulas, temas e conceitos sobre os direitos humanos, o papel da ONU no mundo, o racismo, a xenofobia, a discriminação, trabalho escravo e os refugiados no mundo. Os professores, mesmo desenvolvendo em parceria este projeto, seguiam atentos para o conteúdo bimestral exigido nos currículos oficiais, mas também observei que buscavam “brechas” para ampliar novas metodologias e ferramentas que mobilizassem os alunos, até porque, como analisado por Vasconcellos (1992):

... objeto deve ter um significado, ainda que mínimo num primeiro momento, para o sujeito. Aqui se encontra a primeira grande preocupação que o educador deve ter no trabalho de construção do conhecimento. A mobilização corresponde a uma sensibilização para o conhecimento. (VASCONCELLOS,1992, pg3).

Sendo assim, cabe apontar que este ano ocorreram algumas mudanças no quadro de pessoas da escola, o que simultaneamente interferiu nas relações intrapessoal e interpessoal e na construção do projeto. Alguns professores saíram da escola e a direção mudou. Durante minhas idas à escola, acompanhava as aulas da professora Vivian, que tinha acabado de assumir a turma, após a convocação da prefeitura. Professora jovem que se formou há pouco tempo, mas que já tinha certa experiência com a docência. As turmas que acompanhei foram os sétimos e nonos anos do fundamental II, alunos na faixa etária de 11 a 14 anos.

Como já conhecia a escola há alguns anos, notei que a mudança do antigo professor de geografia, para um temporário, chamado Gustavo e pôr fim a nomeação da professora Vivian como a nova efetiva, acabou interferindo no processo de elaboração e participação das aulas de geografia, mesmo havendo esforço de ambas as partes (alunos e professores). Notei que em cada mudança de professor era como se tivesse ocorrido uma “quebra”, o que faz sentido se

considerarmos que cada professor tem sua identidade, seus meios e metodologias para planejar e compartilhar suas aulas.

Diferente dos anos anteriores a dinâmica para desenvolver o projeto da Semana de Geografia havia sofrido algumas alterações, já não ocorriam com tanta frequência os encontros fora do período de aula, nem as retiradas dos alunos participantes do projeto em horário de aula de outras disciplinas, o que acarretou a adaptação de outra metodologia cotidiana para o projeto caminhar, objetivando, segundo a professora Daniela (geografia e informática) agrupar um número maior de professores para participar, porém sem prejudicar os horários das aulas, evitando que as aulas fossem “interrompidas pelos projetos”.

Sendo assim, acompanhei algumas aulas de geografia, pois o que notei era que a ideia central era desenvolver o conteúdo proposto nos objetivos do projeto em sala e dialogando com o conteúdo da aula. Não havendo mais com tanta frequência os encontros, rodas de conversa, ao menos não consegui participar de nenhum este ano. As atividades que reunia toda a comunidade ainda continuavam acontecendo aos sábados, como os Fuzuês onde ocorria os saraus, brechós e a sociabilização da comunidade.

Foquei minha interação com os nonos anos.les estavam estudando os conteúdos relacionados as questões geopolíticas do Oriente Médio, ocorrendo aulas sobre a guerra no Iraque e o 11 de setembro, guerra da Palestina e Israel, sobre a formação e histórica e avanço do Estado Islâmico. Conversando com a professora Vivian, essas aulas eram de importância considerando o tema geral que estava sendo desenvolvido no projeto “Direitos Humanos e Questões identitárias”, além disso eram conteúdos que estavam ligados com o desenvolvimento dos TCA (Trabalho Colaborativo Autoral).

A principal ideia de trabalhar esses conteúdos era de impulsionar a desconstrução crítica acerca das visões e representações preconceituosas que os alunos, em grande maioria, carregavam sobre o Oriente Médio e suas especificidades religiosas e culturais, em que a maioria homogeneizava e diminuía tudo em uma simples palavra: “terrorismo”. Seria ainda problematizado os países que contribuíram historicamente para as guerras e conflitos atuais que ocorrem em vários países não só do Oriente Médio, mas africanos e latino-americanos também, analisando qual o papel da ONU (Organização das Nações Unidas) perante essas ações, visando relacionar atualmente com um dos principais agravantes e consequências dessas guerras, a crise dos refugiados no mundo, e como a Declaração dos Direitos Humanos interfere nessa conjuntura política, social e cultural que envolve milhares de pessoas. E por último, retomaria o olhar ao próprio bairro e sua formação, este sendo composto por grande parte por população

migrante, com outras identidades e histórias, ou seja, prezou-se fazer essa relação escalar de análise partindo de um contexto mundial, mas que simultaneamente reflete e está presente no cotidiano e na história dos alunos e alunas.

No segundo semestre ocorreu mais uma ruptura. O professor Fábio estava de volta! E nesse contexto ele teve que dar continuidade ao conteúdo da professora Vivian, ficar a par dos TCA's dos alunos e contribuir para a apresentação do projeto na XIV Semana de Geografia.

No dia 18 de outubro o pessoal da EMEF. Prof<sup>a</sup> Marili Dias compartilhou o desenvolvimento do projeto executado durante o ano. Com alunos do fundamental I e II, apresentaram poemas abordando temáticas sobre ser diferente e sofrer por isso, problematizaram as questões acerca da falta de seguridade social que sofremos em nosso país, indicando como as desigualdades sociais estão cada vez mais latentes em nosso cotidiano e como nenhum direito humano vem sendo garantido, estando principalmente em risco para as estatísticas, corpos e vidas que historicamente já vem sendo silenciados.

Emocionaram todos presentes no anfiteatro com um curta que reproduzia a história de vida de uma garota da periferia que teve que escolher entre a escola e a sobrevivência e que acabou morrendo no final, permitindo refletir acerca de quem e para quem os direitos humanos “garantidos” vem servindo, quais as vidas que de fato importam, como o discurso da meritocracia vem naturalizando relações desiguais de poder que se reproduzem historicamente em nosso país, excluindo e discriminando grande parte da nossa sociedade, alunos e alunas da EMEF. Prof<sup>a</sup> Marili Dias que nos fizeram em seus 30 minutos de apresentação nos indagar que “livres escolhas” são essas que estão sendo “dadas” à sociedade? Terminaram com uma apresentação de dança onde dialogavam com os demais participantes presentes no anfiteatro, assim representado abaixo:

**Figura 23:** Apresentação de dança da EMEF. Profª Marili Dias



**Fonte:** Blog. Portal Emef Professora Marili Dias-18/10/2017

Por meio destes 3 anos de acompanhamento da dinâmica escolar da EMEF. Professora Marili Dias e buscando compreender um pouco melhor sobre a geografia do bairro, sobre o processo de formação e como ocorre as relações diárias naquele local, compreendi o quanto complexo é se apropriar conscientemente e politicamente da realidade em que se vive, e que se trata de um processo constante de formação dos sujeitos.

Nesse sentido a escola cumpre um papel importante diante da sociedade, vem buscando a partir das práticas socioespaciais dos envolvidos ampliar a relação escola-lugar, demonstrando que escola deve estar com e para a sociedade, que as ações ocorridas entre seus muros são reflexos das experiências vividas para além deles, e que devemos ter o cuidado para evitar a fragmentação, a partir de muros concretos e simbólicos que diariamente são impostos. O diálogo entre escola-lugar é relevante para a formação de sujeitos que consigam exercer e exigir por sua cidadania de forma autônoma e consciente, que consiga refletir e reivindicar pelo seu posicionamento na sociedade, que olhe para o lugar de origem e vivência e aponte as precarizações e necessidades, mas que a mesmo tempo consiga reconhecer a sua identidade coletiva e individual perante à sociedade e no território, problematizando acerca da distribuição espacialmente desigual dos recursos materiais e imateriais.

Nesse aspecto a geografia escolar pode contribuir por meio do processo de ensino-aprendizagem para a construção do raciocínio geográfico, na qual possamos olhar e pensar espacialmente e socialmente onde estamos, como nos organizamos cotidianamente, refletindo sobre a localização dos lugares, das coisas, das pessoas, resgatando a importância concreta e

simbólica da construção da relação sociedade-espacó para a subjetivação do nosso ser. Situação que em nossa sociedade, na maioria das vezes, acaba definindo os sujeitos, ou melhor limitando-os, condenando-os e silenciando-os em estigmas e normalizações “aceitáveis”, assim apresentado por Santos:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais, ou menos, cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhe são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam. (SANTOS, 2004, Pg.107)

Conhecer a geografia que pertence e se reconhecer enquanto um ser com identidade, com história, experiências, lutas, um ser político que coletivamente com o outro construímos ações políticas onde nos afirmamos como sujeitos, indo além das necessidades biológicas ou das necessidades impostas pelo consumismo.

Sendo assim, o processo escolar pode ser um institucionalmente um espaço social que introduzirá e apresentará um mundo já existente, naturalizado, mas que a partir das práticas construídas pode apontar novas leituras, novas ações e olhares sobre esse mundo que já é velho para quem está chegando, colocando dúvidas, incitando o poder de escolha, possibilitando ir além do imposto e normalizado permitindo a ação, esta correspondendo ao “... nascimento político e social, reinvenção, mesmo que insuficiente, mas necessária, da ordem das relações entre os homens e a sociedade.”(GIROTTTO, 2009, Pg.158). A escola é o primeiro espaço social institucionalizado que passamos, e que pode nos permitir olhar e refletir acerca do mundo que vivemos. Nesse sentido as práticas devem estar constantemente em diálogo com a sociedade, impedindo que escola se torne um depósito de pessoas e politicamente esvaziada.

Cotidianamente observamos que a minoria normalizada e hegemônica no poder vem pensando em um projeto de escola e, consequentemente, em um projeto de sociedade que continue a ocultar as complexas relações socioespaciais que pertencemos, induzindo a sociedade a um conhecimento dito como verdadeiro que também é produzido e centralizado na minoria, em prol da reprodução de um modo de vida pautado na desigualdade socioespacial e nos privilégios de alguns, em que a maioria da população brasileira continua estrutural,

econômica e politicamente excluída, estigmatizada e limitada estatisticamente em números, na maioria das vezes de forma negativa.

Por isso, reforçamos a importância da existência e resistência da escola pública principalmente nas periferias brasileiras, das práticas socioespaciais lá resgatadas e questionadas, nos impulsionando olhar para realidade e compreendê-la em suas complexas relações, nos indagando onde estamos e simultaneamente quem somos, para que façamos essa (re) leitura e (re) interpretação do mundo com autonomia e liberdade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Intentamos neste trabalho, resgatar a importância do debate acerca da educação e escola pública para a sociedade enquanto direito social e político de todos nós. Assim, objetivamos problematizar a relação escola-lugar, em que buscamos compreender como esse diálogo pode possibilitar, ou não, (re) pensar e (re) fazer nossas práticas socioespaciais. Práticas ligadas ao processo de apropriação da nossa consciência e pensamento espacial, em que o onde estamos pode contribuir para a reflexão de quem somos em determinado contexto escalar.

O desenvolvimento do nosso raciocínio geográfico não se limita ao conhecimento produzido academicamente e nem na escola, deve estar relacionado e em confronto com o saber socioespacial que construímos ao longo das nossas experiências e dia a dia. Assim, a geografia escolar junto às práticas construídas e executadas na escola devem estar em articulação constante com as práticas socioespaciais que extrapolam os muros da escola, situação que nos permitiu problematizar a questão da hierarquia e produção do conhecimento dito como verdadeiro, que historicamente vem desconsiderando tudo aquilo que não corresponde ao padrão hegemônico pautado no modo de vida capitalista. Sendo assim, torna-se relevante olhar para o lugar que está a escola, onde estão os sujeitos, as memórias, a fim de (re) construir e fortalecer a identidade social e política, permitindo que os sujeitos sejam e não apenas estejam no mundo.

Nesse âmbito desenvolvemos um debate, tendo como principal referência a problematização realizada por Hannah Arendt em a “Crise na educação”, em que pontuamos que esta crise não se limita e se solucionará com o fim dos problemas de infraestrutura, ou na culpabilização individual do sujeito, assim como prega as pautas da gestão neoliberal por meio da meritocracia. Ao contrário, esta crise abrange uma discussão maior que se liga a condição da existência humana, pois com a consolidação e constantes manutenções do modo de produção capitalista, as relações e práticas socioespaciais estão se esvaziando politicamente, socialmente, culturalmente resumindo-se, apenas, por meio das mediações mercadológicas e do consumo.

Historicamente vem ocorrendo a transformação da educação em mercadoria, o que simultaneamente reflete em modelos de escolas públicas, sem significado, sem identidade, memória e resistência. Vêm se projetando um modelo de sociedade, mecanizado socialmente em práticas intrapessoal e interpessoal supérfluas, hierarquizadas, racistas, machistas que alimentam o desenvolvimento geográfico desigual. Nesse sentido olhar e resgatar o debate sobre a educação pública, é ao mesmo tempo pensar no reconhecimento e apropriação da nossa

consciência enquanto seres políticos que devemos lutar pela (re) existência do espaço público que compartilhamos e que nos permite, a partir das relações de sociabilização e diálogo, nos reproduzir e identificar enquanto pessoas que vão além do biológico, carregando memória, identidade, sonhos, conflitos, lutas e que subjetivamente estão em constante transformação e existência, assim apresentado por Girotto (2009:101)

a partir da escola; desvendar as múltiplas implicações que o lugar no qual a escola está inserida possui possibilitar aos sujeitos que participem da construção da escola como espaço social, permitir aos sujeitos que se reconheçam agentes da escola e que se organizem para resistir a todo e qualquer movimento que queira implodir seu caráter público e favor de interesses privados

Partindo desse ponto, analisamos as práticas socioespaciais entre a EMEF. Profª. Marili Dias e o Morro Doce e de como vem se construindo as relações de resistência e luta frente a esse movimento de homogeneização e fim do caráter público dos espaços sociais. A escola é de formação recente e encontra-se no extremo noroeste da cidade de São Paulo. Assim como levantamos por meio das referências bibliográficas e da espacialização dos dados na coleção cartográfica, é uma área periférica que sofre com a distribuição e acesso desigual de infraestrutura pública, demandando uma carência social do uso do espaço público por parte dos sujeitos que lá vivem e se reproduzem cotidianamente. Nesse âmbito, o espaço institucional da escola pública, pode ser (re) pensado e problematizado, já que esta pode ser considerada o primeiro lugar que fará a ligação e reconhecimento de nossa passagem da vida privada institucionalmente representado pela casa e família, para a nossa vida em âmbito público para o mundo que socialmente e politicamente iremos compartilhar e dialogar com o outro, com o diferente, com os nossos desejos e os desejos dos outros.

Nesse sentido este trabalho preocupou-se em ressaltar a importância e necessidade de pensar as práticas pedagógicas e escolares a partir das demandas do lugar e das relações cotidianas, em especial na construção de uma geografia escolar com significado. Em que, por meio da categoria do lugar, das relações que pertencemos e participamos, conseguimos ampliar nossa análise de escala problematizando e relacionando as práticas locais com as globais, podendo reconhecer as limitações e potencialidades de onde vivemos, reconhecendo os nossos direitos e construindo estratégias e meios para que possamos conquistar maior justiça socioespacial.

Com nosso recorte temporal de análise, 2015 à 2017, conseguimos notar que a EMEF. Prof<sup>a</sup> Marili Dias, vem desenvolvendo uma política pedagógica que busca construir o processo escolar em simultâneo diálogo com o lugar e vida dos alunos, alunas, professores, professoras, funcionário, funcionárias e toda a comunidade local. Adotaram a pedagogia de projetos, ainda em construção, além de se apropriarem das próprias políticas educacionais, geralmente impostas de forma verticalizada, como um meio estratégico para consolidar o papel social que a escola pública deve cumprir, de preparar esses novos seres para a responsabilidade de continuarem o mundo e no mundo de forma que tenham meio para (re) lerem suas práticas socioespaciais, (re) interpretarem e atuarem de diferentes formas.

Nos capítulos 3 e 4, debatemos a relevância, atualmente, do desenvolvimento dos projetos interdisciplinares na EMEF. Prof.<sup>a</sup>. Marili Dias, principalmente para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia, em que os professores Fábio, Daniela, Vivian entre outros demonstraram a importância que até o momento a elaboração e desenvolvimento dos projetos tem permitido, apesar das dificuldades e barreiras interpessoais, burocráticas e estruturais que diariamente são impostas, sentidas e reproduzidas, ainda assim, a geografia escolar pode ganhar novos significados e sentidos tanto para o educador tanto para o educando, assim demonstrado,

... busca da construção de uma geografia ligada com a vida das pessoas. Isso significa construir uma Geografia que sirva para que cada um possa se reconhecer como cidadão, para que os sujeitos possam compreender o espaço em que vivem como resultado da ação humana e como contribuição na construção do conhecimento para o cidadão cuidar da sua vida de modo a viver em dignidade. (CALLAI, CAVALCANTI, CASTELLAR, 2012, Pg.107)

Assim, os projetos segundo nosso estudo vem ampliando o espaço de sociabilização e formação dos sujeitos envolvidos, em que as paredes das salas de aulas e os muros da escola não são limites para o diálogo com os problemas e potencialidades encontrados na realidade, possibilitando a reflexão e confronto diário com as desigualdades historicamente produzidas. Apresentamos no corpo do trabalho os projetos desenvolvidos pela comunidade escolar, mas focamos nos projetos que estavam principalmente ligados à geografia, mesmo havendo a articulação com as demais disciplinas e professores. Cabe lembrar que este trabalho<sup>10</sup> não

---

<sup>10</sup> Por não conseguirmos reproduzir e citar todos os trabalhos e iniciativas que a EMEF. Professora Marili Dias produziu e vem produzindo, iremos disponibilizar no fim desta nota os

conseguiu reproduzir e apresentar todos os projetos, iniciativas, encontros, aulas, festas, conversar, sentimento e ideais que tivemos a oportunidade de compartilhar com toda comunidade local.

O interessante a ser enfatizado é que por mais que a escola e alguns professores acabassem ganhando destaque por prêmios ou até nas apresentações realizadas no projeto de extensão da Semana de Geografia-USP, essas situações não resumem, não limitam e justificam a produção desses projetos, pois percebe-se a luta em preservar a escola enquanto um lugar que construa uma identidade e memória, reforçando a luta e resistência por meio das práticas socioespaciais construídas entre escola-lugar.

Ressaltamos ainda que este trabalho não teve como objetivo trazer respostas, soluções ou impor um modelo de escola ideal. Nossa principal intuito era de trazer o debate sobre a importância da educação pública para nossa sociedade, problematizando como a relação escola-lugar possibilita ampliar o debate acerca do papel da geografia na universidade, nas escolas e em nosso cotidiano. Cientes de que ter como objeto de estudo um recorte espacial e uma escola em específico não se torna um modelo à ser seguido. A ideia foi de compreender as relações espaço-temporal de determinada geografia, tendo o movimento cotidiano como principal aliado, ciente que a relação escola-lugar vai se modificando conforme a realidade estudada e os sujeitos, mas que diretamente ou indiretamente estão se relacionando.

Assim como todo trabalho encontramos limitações e dificuldades pessoais e interpessoal. Não conseguimos problematizar com maior precisão e propriedade as questões que envolvem a crise no mundo do trabalho que simultaneamente afeta a vida cotidiana dos

---

links do blog da escola, onde há informações dos projetos e outras atividades realizadas na escola; além de alguns vídeos e textos elaborados pelos alunos, professores e comunidade. Ainda assim ressaltamos que cabe compreender, ainda mais sobre a comunidade escolar e local estudada, pois algumas páginas de um trabalho de conclusão de curso não irá reproduzir e nem limitar as práticas cotidianas que lá ocorrem, assim torna-se um convite compartilhar com outras pessoas a experiência de entender a escola pública em suas amplas complexidades, contradição e diversidade, deixando a curiosidade em outros sujeitos para entender as práticas socioespaciais construídas entre escola-lugar que vão além dos seus muros.  
<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/>

trabalhadores, ou seja, torna-se importante compreender ainda mais sobre os problemas e conflitos encontrados na profissão dos professores da escola. Podíamos trazer um debate que problematizasse as condições e reflexos da precarização dessa profissão no dia a dia, ou como as imposições burocráticas e verticalizadas afetam cotidianamente a atividade desses que também são sujeitos com práticas socioespaciais que vão e estão além dos muros da escola, visando questionar ou desnaturalizar a discussão que limita os problemas da escola pública no trabalho do professor “ruim” ou no aluno “bagunceiro”, alimentando um discurso meritocrático e de culpabilização individual, reproduzindo as pautas presentes na política neoliberal. Situação que contribui ainda mais para o esvaziamento político das relações e do fim do espaço público, onde o privado, o pago e as conquistas pela “força de vontade” ganham destaque nas falas, consciência e vida da maioria da população que continuam sendo segregadas desse sistema, pois nem todos partem do mesmo lugar!

Para isso, torna-se necessário olhar para práticas socioespaciais entre escola-lugar considerando os conflitos, as contradições interescalares e ao mesmo tempo resgatando as estratégias de luta e resistência cotidianas que mulheres e homens vem construindo, a fim de amenizar e burlar a manutenção do modo de reprodução do sistema capitalista, que historicamente executa um projeto de sociedade, em que o sujeito vem sendo expropriado do seu próprio ser, não se reconhecendo em suas práticas socioespaciais. Nesse sentido, lutar pela apropriação do nosso raciocínio geográfico, nos permite batalhar pela nossa identidade, pelos questionamentos, dúvidas, incômodos, cidadania, lugar e existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, G. A. XI Coloquio Internacional de Geocrítica: Los Problemas Del Mundo actual. Soluciones y alternativas desde La geografia y las ciencias sociales. O lugar como possibilidade de conhecimento na realidade escolar. Porto Alegre, 2007.
- ALVES, G. da A. O direito à cidade e a luta pelo devir. In: XIV Coloquio Internacional de Geocritica: Las utopias y la construcción de la sociedad del futuro. 2016. Barcelona. *Resumos...* Universitat de Barcelona. P. 14.
- ALVES, G. da A. Privação, justiça espacial e direito à cidade. In: CARLOS, A.F.A.; ALVES,G e PADUA, R.F de. Justiça espacial e o direito à cidade. São Paulo: Contexto, 2017, pp. 167-178.
- ARENDT, Hannah. A Crise na Educação. In: *Entre o passado e o futuro*. (tradução Mauro W. barbosa). São Paulo perspectiva, 2014. Pp. 221-247.
- ARENDT, Hannah. O domínio público: o comum. In: A condição Humana. 13º ed- GEN (Grupo Editorial Nacional), 2016. Pp. 61-71.
- BARROSO, João. Os professores e os novos modos de regulação da escola pública: das mudanças do contexto de trabalho às mudanças da formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). Trajetórias e perspectivas da formação de professores. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. pp. 49-60
- CALDEIRA, T. P. do Rio . Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000. 400 páginas.
- CALLAI, H.C.; CASTELLAR, S.M.V.; CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e sua investigação: A cidade, o lugar e o ensino de Geografia: a construção de uma linha de trabalho. In: CALLAI, H.C.; CASTELLAR, S.M.V.; CAVALCANTI, L. de S (Orgs.). *Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos*. São Paulo: Xamã, 2012. pp. 85-109.
- CARLOS, A.F, A. A Cidade. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARLOS, A.F, A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p. 2007.
- CARVALHO. M. de A. A “conquista” de Anhanguera: situação de fronteira na Metrópole de São Paulo. In: Seminário Temático, Cidades: perspectivas e interlocuções nas ciências sociais. 31º Encontro anual da ANPOCS. 2007.

CAVALCANTI, Lana De Souza. Lugares Periféricos da Cidade, vida cotidiana e o ensino de geografia. In: *A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaios Sobre o Ensino de Geografia para a Vida Urbana Cotidiana*. Editora Papirus; Ano 2008. p. 125-146.

GARCIA, F.P. *Conhecer e Resgatar os Valores de um Lugar de sua vivência: O Bairro*. São Paulo, 2008-203f.

GIROTTI. E. D. *Escola, Lugar e Poder: as aventuras de um professor-pesquisador entre o subúrbio e a periferia*. 2009. 227 f. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. FFLCH-USP.

LESTEGÁS, R. A construção do conhecimento geográfico escolar: do modelo transpositivo à consideração disciplinar da geografia.

PEREIRA, S. de C. *Os loteamentos clandestinos no Distrito do Jaraguá (SP): Moradia e Especulação*. 2005. 111 f. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. FFLCH-USP. p.1- 38.

PONTUSCHKA, N.N; TOMOKO, I.P; CACETE, N.H. Capítulo II. A interdisciplinariedade e o ensino de Geografia. In: *Para ensinar e aprender Geografia*. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2009. Pp.143-168. (Coleção docência e formação. Série Ensino Fundamental).

PROJETO GEOGRAFIA: “A construção da identidade do educando no espaço escolar a partir do lugar”- EMEF Professora Marili Dias-2015.

PROJETO GEOGRAFIA: “Identidade e Autonomia: Qual escola temos? Qual escola queremos? EMEF Professora Marili Dias-2016.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: “Identidade e Autonomia: a caminho da autoria” - EMEF Professora Marili Dias-2016.

PROJETO: “Nós somos Marili: Diversidade, Identidade, Autonomia e Socialização”. – Programa “Mais Educação São Paulo”. 2016.

PROJETO GEOGRAFIA: “Direitos Humanos e Questões Identitárias”- EMEF Professora Marili Dias-2017.

SACHS, Céline. *São Paulo: Políticas Públicas e Habitação Popular. (TRADUÇÃO DE Cristina Muracho)* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SANTOS, M. O Espaço do Cidadão. 7- ed. reimpr.- São PAulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 176 p.

SEABRA, O. C de L. (2004). Territórios do Uso: Cotidiano e Modo de Vida. *Cidades*. (LOCAL), V.1, n.2, p. 181-206, 2004.

SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e algumas crônicas**. 2<sup>a</sup>ed. Campina Grande: Bagagem, 2008

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n.83).

VAZ, S. Manifesto da Antropofagia Periférica. In: VAZ, S. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

Sites acessados:

Blog Portal Emef Marili Dias

Gestão Urbana SP- Prefeitura de São Paulo.

GeoSampa-Mapa Digital da cidade de São Paulo –Prefeitura de São Paulo.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Prefeitura de São Paulo- Secretaria regionais

**ANEXO A – Coleção de fotos escola-lugar**

**Figura 1.** Ladeira do bairro Monte Belo-Morro Doce



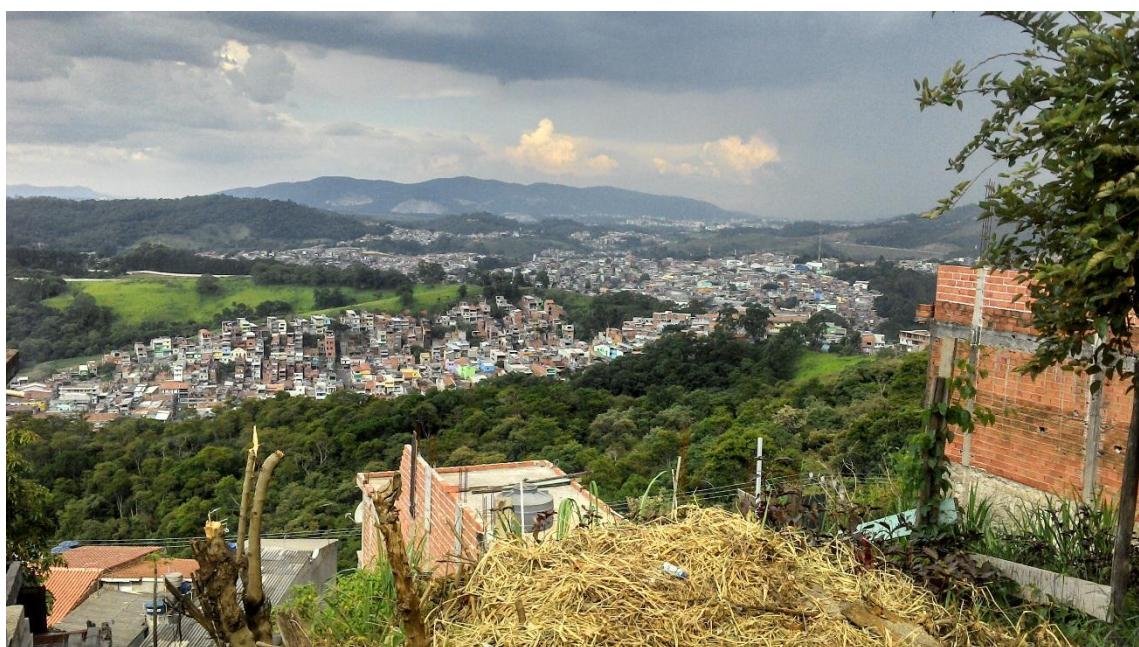
**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 2.** Presença dos resquícios de vegetação da Mata Atlântica cercando o bairro.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 3.** Vista da Vila dos Palmares para os demais bairros que compõem o Morro Doce



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 4.** Parada do 1012-Monte Belo. Ponto da escola.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 5.** Rua principal do comércio do bairro



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 6.** Trecho da Estrada de Pirapora que separa a centralidade comercial e residencial mais consolidada dos recentes bairros loteados e de altitudes superiores como a Vila dos Palmares e Monte Belo



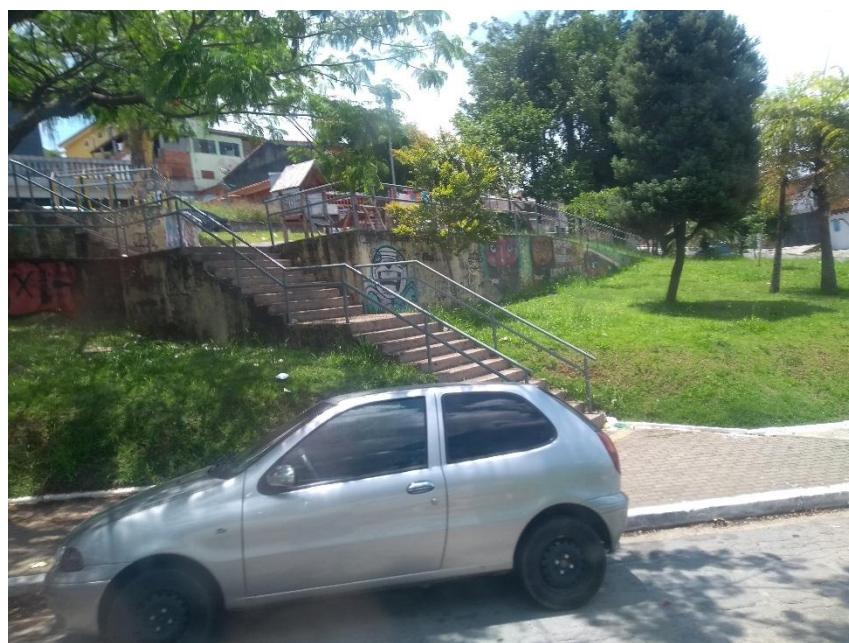
**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 7.** Subindo para a escola-Vila dos Palmares.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 8.** Pracinha do Morro Doce



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 9.** Muro da escola



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 10.** Muro da escola. Os grafites e pixos foram realizados pelos alunos e alunas da escola na realização de oficinas do projeto de geografia de 2015.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 11.** Pátio externo da escola.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 12.** Muros da escola.



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 13.** Qual identidade estamos construindo? Autoras Laura Vitória e Karina Carvalho



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 14.** Cozinha da escola



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 15.** Pátio e parque da escola



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 16.** Frente do prédio da escola



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**Figura 17.** Escola-bairro



**Fonte:** Letícia Farnetani, dez/2017

**ANEXO B – Transcrição da letra de uma música e de um poema produzido pelas alunas  
da emef. Prof.<sup>a</sup>. Marili dias- (2015)**

**MÚSICA: GLOBALIZAÇÃO**

“A nossa formação está em nossas mãos Cabe a você ter a sua decisão Ser feliz ou não? uma única união em comprar e gastar “mó” dinheirão. O mundo te influencia através de tudo em troca de dinheiro, em troca do lucro. As empresas trabalham por que tem objetivo, E o objetivo é ter dinheiro e serem reconhecidos. Mas reconhecidos de uma forma errada, Enchem nossas cabeças numa TV na mesa da sala. Mostram produtos baratos e de última geração mas na verdade o preço não reflete na produção Aquele trabalhador Que gastou seu tempo Trabalhou e Trabalhou E mesmo assim não teve aumento Se aproveitam de trabalhadores inocentes Instalando fábricas em vários países, pobres e carentes. A conexão que os países tem A conexão que pode ser do bem Tudo sempre tem Seu lado positivo Mas não esquecemos dos lados negativos. Além da informação Além da mercadoria Além da consumação Além da harmonia Existe uma coisa que muda tudo É a conexão da cultura no nosso mundo E a mídia tá no meio, você pode ver Sempre estão do lado de quem tem mais poder Quem não tem condições geralmente é excluído Passa por tudo sem ao menos ser percebido. As empresas crescem E o estado cai Estratégias utilizadas Para crescerem cada vez mais A ganância do homem É um horror Em Primeiro lugar vem o dinheiro E depois vem o amor Crescemos em volta de produtos somos consumidores Tantos comerciais mas somos apenas trabalhadores nos moldaram para comprar para consumir nos influenciam através de tudo e não temos como sair Praticamente manipulados Os sem conhecimento Vão ser todos enquadrados Pelo mercado E pela mídia Não podemos deixar que ele controlem nossas vidas O meio ambiente tá no meio Será que eles não prestaram atenção Ou será que eles já sabem Mas escondem do mundão Se for pra esconder tá sendo muito difícil Por que aqui tem pessoas lutando por seus benefícios. E a natureza é utilizada Mas com o tempo, e dessa forma Ela vai ser executada O que ela produz nada é em vão Todos sabemos disso, Mas cadê a consideração? A matéria-prima é extraída E desse ponto adiante tudo perde vida Estão sempre produzindo Pra dar vida a um novo produto O problema é que ele quebra depois dois minutos Eles possuem estratégias Para sempre comprarmos Para o fluxo de pessoas aumentar no mercado Nós podemos mudar isso Mas eu sei, que é muito difícil Pelo simples fato das estratégias Que eles tem usufruído O que compramos tem destino Nossa casa, o uso e o fim Esse fim quer dizer problemas pra vc e pra mim Pq vai poluir o meio ambiente E de um jeito ou de outro isso vai atingir a gente Então vamos apenas tentar ajudar

Ajudar a sí mesmo e todos que vão precisar Obsolescência programada Obsolescência perceptiva Conexão de pessoas Conexão de mercadorias”

**Autora: Laura Vitória Arcanjo Da Silva, 16 anos (Marili Dias, 2015)**

### **POEMA: NOMES IGUAIS**

“Pessoas sem imagem Uma identidade Vivem com outra Personalidade  
Uma foto, Revela, engana Descreve, reescreve  
Se faz, se cria, me fiz! Já nem sei se é Não sei Se é real, anormal, do mal.  
Não se aceitam Se enfeitam  
E a mídia que ajuda Me engana, me encanta me cega.  
Quem é ? Se é Será ? Talvez! Então ouço um grito  
Que fala: O belo e o feio, escolha o certo!  
Se faça, refaça compre, recompre Conquiste, insista. E eu ouço e compro.  
Já sou um robô Controlado Um soldado Que segue o comando mandado.  
Te dou um Conselho Controle a si mesmo  
Pra não ser mais um Manipulado.”

**Autora: Vitória Carvalho, 16 anos (Marili Dias, 2015)**

## ANEXO C– Entrevistas

### ENTREVISTA 1:

**1. Qual seu nome completo e idade?**

“Entrevistada X”, 16 anos

**2. Onde mora? (Endereço; rua e bairro/distrito/cidade)**

Moro em São Paulo - SP, na região do morro doce; bairro Morada do Sol; Rue dos anhambus

**3. De onde veio?**

Até os dias de hoje, moro neste mesmo lugar.

**4. Já morou em outros lugar (es)? Se sim, qual?**

Até o momento, não me mudei da mesma localidade.

**5. Qual a sua relação com o bairro que vive?**

Tenho uma boa relação com o bairro onde vivo, isso não só em relação ao habitat (que tem muitas árvores e morros) como com a vizinhança, que me é muito amiga

**6. Você precisa buscar em outras localidades fora do seu bairro recursos e serviços como saúde, lazer, educação, cultura, trabalho? Poderia relatar melhor para qual (is) bairros você buscava esses recursos e serviços?**

Aqui o bairro ainda é muito precário, em relação a saúde tudo que temos é um ame e alguns postos de saúde, então em casos mais graves temos sempre de ir nos hospitais mais próximos e gratuitos da região, normalmente em Pirituba, taipas, Cachoeirinha, etc. O lazer que temos são as praças, que não é muito frequentada por criança e adultos, que acabam nem sequer tendo esse momento de tranquilidade. As escolas que temos perto são direcionadas ao ensino infantil e fundamentais, então quando vamos para o ensino médio, temos de buscar escolas mais distantes.

**7. Qual série e escola estuda atualmente?**

Atualmente estudo na Escola Estadual Manuel Ciridião Buarque. Finalizei este ano o 2ano do ensino médio.

**8. Onde fica sua atual escola?**

Alto da Lapa

**9. Qual ano você estudou na EMEF Professora Marili Dias?**

Estudei na EMEF Marili Dias do 1ano ao 9ano

**10. Porque foi estudar na EMEF Professora Marili Dias?**

Era (e ainda é) a escola mais próxima da minha casa.

**11. Durante seus anos na escola (EMEF Professora Marili Dias) quais experiências, negativas e positivas, mais te marcaram?**

A escola sempre foi boa, no começo era meio conturbada em relação ao comportamento dos alunos, mas com o tempo fomos nos adaptando. O desenvolvimento dos projetos certamente foi o mais marcante para mim, por meio dele nos encaixamos melhor a escola, entendemos mais da nossa região e de nós mesmos, foi um passo e tanto pra o melhor desempenho de todos.

**12. Quais projetos interdisciplinares você participou na escola Professora Marili Dias? Poderia descrever brevemente como ocorria os encontros e as atividades?**

Participei do projeto de ciências, o de leitura, e o da geografia da USP. No de ciências limpávamos a escola e plantávamos as plantas que a professora nos trazia, registrávamos tudo, para então colocarmos no blog da escola. No de leitura, líamos, além de conversarmos bastante, lembro bem que na época eu e um amigo, o Pedro, representamos o projeto num evento que por lá teve, e cantamos a música “Terezinha de Jesus”. Já no de geografia, aprendíamos acerca do tema, que íamos apresentar na semana de geografia da USP, como o tema era identidade, aprendemos mais de nós mesmos do que do modo acadêmico.

**13. Como era o envolvimento e participação dos professores nos projetos? Quais professores participavam?**

O projeto de ciências era dado pela professora Iracema, ciências. O de leitura, pela professora Suse, leitura. E o geografia da USP, pelo professor Fábio, geografia. Em todos os projetos houve um grande envolvimento dos professores, isso em relação ao próprio desenvolver do projeto, quanto a proximidade dos professores para com os alunos dos projetos, eram bastante meticulosos e nos permitiam entreter sem impecilhos.

**14. Nessas atividades que eram desenvolvidas nos projetos você sentia que a abordagem dos professores era diferente em relação ao dia a dia na sala de aula? Porque?**

Sim, na sala o assunto era o conteúdo de determinada disciplina, era uma relação "aluno/professor". Já no projeto, nos sentíamos mais soltos, desprendidos das obrigações, era algo mais prazeroso, gostávamos de estar ali

**15. Poderia relatar de forma mais detalhada qual projeto (tema/objetivos/ano) você participou?**

Lembro-me que comecei a participar dos projetos desenvolvidos na escola quando estava no 5º ano, tinha 10 para 11 anos, entrei no projeto de geografia da USP, na época era dado pela professora Ivone, geografia, falávamos sobre os camponeses, reforma agrária e os latifundiários. No 6º ano, continuei no de geografia, agora com outro tema; entrei no projeto de ciências, que tinha o objetivo de fazer uma pequena horta na escola; já no de leitura, o incentivo era desenvolver o gosto de ler nos alunos

**16. Pessoalmente (vida particular) como foi participar de algum projeto na escola? E na esfera escolar, de sua formação, das aulas, das disciplinas, ter participado de algum projeto na escola contribuiu de alguma forma?**

Participar dos projetos foi muito importante para mim, principalmente do de geografia que discutia sobre identidade, lembro bem que na época eu pesava um pouco mais do que indicava o meu IMC, era muito insegura, o projeto me ajudou muito na minha própria aceitação pessoal, foi uma fase de autoconhecimento, comecei a ouvir músicas menos populares e a partilhar de culturas eruditas, desenvolvi talentos que não fazia ideia possuir, foi uma fase de grande marco em mim. Em outras áreas da vida, devo dizer que me acresceu

mais quanto ser humano, me trouxe mais ética e empatia, me ajudou a viver melhor em sociedade e a conviver com as diferenças, a conviver comigo mesma

**17. Poderia relatar como foi apresentar na Semana de geografia-USP? O que mudou para você?**

Como a USP já nos era muito apreciada, apresentar lá foi perceber que parte da nossa realidade ainda é vista, mesmo que pouca, era um passo sendo dado, nosso pensamento mudou muito em relação a isso, se ampliou na esperança de esforçar-mos na busca de uma realidade melhor

**18. Em relação ao lugar que vive pode comentar um pouco como é viver cotidianamente? O que têm para fazer nos finais de semana? Há pontos de lazer e encontro?**

Aqui o pessoal é bem simples; mesmo morando na cidade de São Paulo, a região aqui é bem distante do centro, então o pessoal só costuma voltar nos horários de pico, é uma região dormitório. Para quem não trabalha, o final de semana é basicamente ficar em casa e ir à igreja, o lazer é ficar na rua jogando conversa fora e olhar as crianças brincar

**19. Você acha que os anos que você estudou na escola (EMEF Professora Marili Dias), durante as aulas, participando dos projetos, ocorria um debate sobre o lugar que você morava? Se sim de qual forma?**

Durante as discussões realizadas no desenvolvimento do projeto de geografia, discutir acerca do lugar era muito comum, até porque o lugar está muito relacionado a identidade, foi por meio disso que percebemos sua interferência em nossa postura e aprendemos a nos aceitar como moradores do Morro doce

**20. E na sua escola atual, acontece atividades parecidas com as que ocorria na EMEF Professora Marili Dias? Se sim, como? Se não, porquê?**

Sim, na escola que estudo atualmente ocorre projetos parecidos, o que os difere dos que participava no Marili é que eles acrescem o aluno de forma mais acadêmica do que pessoal

**21. O que você mudaria no lugar que vive atualmente e como a escola poderia contribuir?**

No lugar onde vivo, mudaria sua infraestrutura, contendo hospitais com um bom atendimento, boas escolas e espaços de lazer para a população, além disso, mudaria esse aspecto de atraso educacional dos moradores com a construção de uma biblioteca e atividades extra educacionais direcionada especialmente aos idosos e as pessoas mais velhas que não tiveram oportunidade de estudar quando jovem; juntamente com o apoio da escola, seria desenvolvido eventos culturais no bairro, trazendo entendimento a população sobre a história da região do Morro doce, incentivando cada vez mais o interesse de todos nos movimentos realizados na região.

**ENTREVISTA 2:**

**1. Qual seu nome completo e idade?**

Cícero Ivanilson Silva Gonçalves, 17 anos.

**2. Onde mora? (Endereço; rua e bairro/distrito/cidade)**

R. Cons. Cândido de Oliveira, 68, Vila Anastácio, Lapa, São Paulo-SP.

**3. De onde você veio?**

Município de Crato no Ceará

**4. Já morou em outros lugar (es)? Se sim, qual?**

Morei durante 2 anos e 6 meses no Bairro de Vila dos Palmares, distrito Anhanguera, aqui em São Paulo.

**5. Qual a sua relação com o bairro que vive?**

Quando morei em Vila dos Palmares, onde fica a EMEF Professora Marili Dias, tinha uma relação ativa para com o bairro, participava de uma comunidade católica e isso me fazia conhecer muitas pessoas, também tinha consciência das muitas realidades que o lugar abrigava e como se deu a história de conquista de criação do distrito.

Hoje, morando na Vila Anastácio, tenho uma relação passiva – de receptor. Por ser um bairro funcional, me mudei para cá por conta dos serviços que o local me oferecia, estava próximo da minha nova escola, do trabalho dos meus pais e fica em um ponto mais acessível a meios de transporte.

**6. Você precisa buscar em outras localidades fora do seu bairro recursos e serviços como saúde, lazer, educação, cultura, trabalho? Poderia relatar melhor para qual (is) bairros você buscava esses recursos e serviços?**

Exceto a Escola, todos os outros equipamentos públicos inclusive os de lazer ficavam em outros bairros. O posto de saúde ficava em um bairro próximo. Já para chegar ao trabalho dos meus pais tínhamos que pegar ao mínimo duas linhas de ônibus.

**7. Qual série e escola estuda atualmente?**

Conclui este ano o ensino médio na ETEC Professor Basilides de Godoy.

**8. Onde fica sua atual escola?**

No Bairro da Villa Leopoldina, r. Guaipá.

**9. Qual ano você estudou na EMEF Professora Marili Dias?**

Fiz o 8º e 9º ano (7ª e 8ª série) do Fundamental durante os anos de 2013 e 2014.

**10. Porque foi estudar na EMEF Professora Marili Dias?**

Em 2013, quando me mudei do Ceará para São Paulo o Marili era a escola mais próxima da minha casa, ficava na esquina da rua onde eu morava. Fiz o cadastro em fevereiro esperei algumas semanas, e no começo de março, assim que surgiu a vaga, comecei a estudar.

**11. Durante seus anos na escola (EMEF Professora Marili Dias) quais experiências, negativas e positivas, mais te marcaram?**

Negativas: Logo nas primeiras semanas tive que me adaptar ao ritmo e ao ambiente escolar novo. Nesse período enfrentei preconceitos quanto à fala, cor de pele, e até mesmo pelo modo de me comportar. Houve um episódio, em um dos primeiros intervalos, que um garoto jogou banana em minha camisa, esbravejei indignado, a assistente de direção viu nos levou para diretoria. Lá soube o quanto a escola estava atenta a minha condição, pois a Diretora já sabia meu nome, eles (os funcionários e colegas) foram o apoio decisivo para o meu enfrentamento do preconceito sofrido.

Positivas: Assim que soube sobre o projeto de monitoria de sala de leitura e informática, que acontecia no contra turno à tarde, me apresentei para participar e iniciei nas atividades em meados de abril. A partir daí, muitas experiências boas aconteceram.

- 12. Quais projetos interdisciplinares você participou na escola Professora Marili Dias? Poderia descrever brevemente como ocorria os encontros e as atividades?**
- Projeto de monitoria de sala de leitura e informática: no contra turno (à tarde), em revezamento de escala de dois ou três dias na semana. (Professoras Cristiane e Sandra)
- Nas Ondas do Marili (Imprensa Jovem): Trabalhava a Educomunicação como carro chefe da aprendizagem e do entrosamento escolar. Um ou dias na semana. (Professoras Cristiane, Sandra, Roselha / professores Plínio, Eduardo, Fábio e outros(as) Colaboradores)
- 13. Como era o envolvimento e participação dos professores nos projetos? Quais professores participavam?**
- Nossos professores eram conhecidos justamente pelos projetos que encabeçavam, eram compromissados conosco e com a escola, sabiam muito sobre as atividades que desenvolviam e o mais importante estavam próximo de nós alunos.
- 14. Nessas atividades que eram desenvolvidas nos projetos você sentia que a abordagem dos professores era diferente em relação ao dia a dia na sala de aula? Porque?**
- Sim. Nos projetos os professores não eram apenas “expositores de matérias”, eles eram nossos parceiros, trabalhavam conosco (botavam a mão na massa), aprendiam conosco e se preocupavam em ter uma relação próxima, divertida, estimulante e crítica.
- 15. Poderia relatar de forma mais detalhada qual projeto (tema/objetivos/ano) você participou?**
- O Projeto “Nas Ondas Do Marili” desenvolveu no ano de 2014 o Fórum Participativo “Palmares Vive” e o 1º Fuzuê dos Palmares entre outros.
- Relato do Projeto: ()
- Vídeo: ()
- Participação na Semana de Geo. da USP 2014: ()
- 16. Pessoalmente (vida particular) como foi participar de algum projeto na escola? E na esfera escolar, de sua formação, das aulas, das disciplinas, ter participado de algum projeto na escola contribuiu de alguma forma?**
- Pessoalmente foi um ganho imensurável, conheci pessoas incríveis que se tornaram amigos pessoais, estive em lugares que nunca pensei estar e ampliei o meu pensamento para questões humanísticas, políticas e sociais.
- Na esfera formacional, pude desenvolver habilidades que apenas na sala de aula seria quase inviável, o raciocínio lógico, as técnicas de percepção, de resolução de dificuldades, o improviso, a expressão comunicativa e a o pensamento crítico foram apenas alguns dos muitos aspectos contributivos de ter participado de projetos.
- 17. Poderia relatar como foi apresentar na Semana de geografia-USP? O que mudou para você?**
- Saber que íamos apresentar na Universidade de São Paulo era uma notícia tão empolgante e ao mesmo dava tanto frio na barriga. Ora, a USP era conhecida por todos como um pólo vivo de conhecimento. Ser instruídos por alunos da geografia era status na nossa escola. Chegou o dia, nós alunos do fundamental estávamos num auditório, de umas das melhores universidades da America Latina, apresentando temas bastante estudados para pessoas interessadas em nos ouvir. Foi o máximo!!

Participei como aluno-expositor nos anos de 2013 e 2014, em 2015 acompanhei a escola como colaborador e em 2017 voltei ao auditório da geografia como palestrante.

Conheci o Campus e pessoas (alunos, professores) da USP, fiz contatos e tive acesso a uma das melhores arenas de compartilhamento das experiências de escolas públicas de São Paulo.

Tudo isso ampliou meu olhar perante as possibilidades no mundo, soube a partir dessas e de outras experiências, que existem espaços a serem conquistados, pessoas a se conhecer e conhecimento a ser desenvolvido, basta querer, basta lutar.

**18. Em relação ao lugar que vive pode comentar um pouco como é viver cotidianamente?**

**O que têm para fazer nos finais de semana? Há pontos de lazer e encontro?**

Atualmente moro um bairro que possui vantagens em relação à disponibilidade de recursos como: posto de saúde, bancos, praças, parques, meios de transporte (linhas de ônibus e trens), escolas e supermercados. Quando passei a morar na Vila Anastácio ficou evidente a dicotomia que existe entre os bairros centrais e os periféricos. Pois em se tratando da Vila dos Palmares (Local da EMEF Prof. Marili Dias) os recursos eram raros, bastava observar que a quadra da escola servia como área de lazer.

**19. Você acha que os anos que você estudou na escola (EMEF Professora Marili Dias), durante as aulas, participando dos projetos, ocorria um debate sobre o lugar que você morava? Se sim de qual forma?**

“A gente foi fazer a pesquisa, mas como moramos aqui, acabamos vendo a importância de trabalhar com outras questões. Nós vimos os problemas”, explica Cícero, ao citar o que motivou a realização do fórum com a comunidade. A professora de português, Sandra Santella, que coordena o projeto, logo concordou com seus alunos. Segundo ela, “eles reclamaram porque queriam que algo melhorasse no bairro”. E completa: “a gente tem que dar voz para que eles falem sobre o que os incomoda mesmo”. Trecho do relato/reportagem sobre o Projeto.

**20. E na sua escola atual, acontece atividades parecidas com as que ocorria na EMEF Professora Marili Dias? Se sim, como? Se não, porquê?**

Por se tratar de uma Escola Técnica (ETEC Prof. Basilides de Godoy) o perfil é outro, os projetos acontecem com outro foco. A escola não tem um engajamento direto com o bairro em que ela está inserida, pois é um bairro majoritariamente comercial, os estudantes são de localidades diversas e estão lá porque passaram por um processo de seleção. A EMEF Prof. Marili Dias é o oposto, já que é pública (mas sem processo de seleção para vagas), de bairro residencial e atende a estudantes daquela localidade, especialmente.

**21. O que você poderia no lugar que vive atualmente e como a escola poderia contribuir?**

No terceiro ano, na escola técnica, nós alunos do Ensino Médio Regular desenvolvemos um projeto que funciona como “TCC” na matéria de ADPMA - Ações de Defesa e Proteção ao Meio Ambiente (em sentido lato sensu). A equipe que fiz parte desenvolveu ações para defesa do Bioma Mata Atlântica, por se tratar do domínio vegetal predominante na região de São Paulo. A ETEC deu o apoio necessário e conseguimos um intercâmbio com uma escola de ensino fundamental para realizarmos um dia de atividades com estudantes do 3º ano do fundamental.

**ENTREVISTA 3:**

**1. Qual seu nome completo e idade?**

Wellington Rubens de Sousa, 16 anos.

**2. Onde mora? (Endereço; rua e bairro/distrito/cidade)**

São Paulo, morro doce, rua estrada de pirapora.

**3. De onde você veio?**

Osasco - SP.

**4. Já morou em outros lugar (es)? Se sim, qual?**

Sim, Osasco.

**5. Qual a sua relação com o bairro que vive?**

Tranquila.

**6. Você precisa buscar em outras localidades fora do seu bairro recursos e serviços como saúde, lazer, educação, cultura, trabalho? Poderia relatar melhor para qual (is) bairros você buscava esses recursos e serviços?**

Saúde especializadas em áreas mais complexas, procuro em outros lugares porque o SUS do bairro não oferece todos os serviços e quando oferece não é de boa qualidade. Bairros que busco Saúde é lapa, mooca. Educação aqui não é tão boa, atualmente curso o ensino médio aqui no bairro mesmo, anteriormente era na vila madeleena. Lazer costumo ir para parques fora do bairro, vila lobos, Ibirapuera ou praça como Roosevelt no centro. Trabalho seria fora do bairro porque aqui não oferece boas oportunidades de serviço.

**7. Qual série e escola estuda atualmente?**

Segundo ano do ensino médio, escola Gusmão.

**8. Onde fica sua atual escola?**

Morro Doce.

**9. Qual ano você estudou na EMEF Professora Marili Dias?**

Do primeiro até o último.

**10. Porque foi estudar na EMEF Professora Marili Dias?**

Porque era a escola mais próxima.

**11. Durante seus anos na escola (EMEF Professora Marili Dias) quais experiências, negativas e positivas, mais te marcaram?**

As negativas, só alguns convívios sociais mas nada tão marcante quanto as amizades que fiz, os projetos e os professores.

**12. Quais projetos interdisciplinares você participou na escola Professora Marili Dias? Poderia descrever brevemente como ocorria os encontros e as atividades?**

Teatro, não lembro bem como ocorria os encontros, faz bastante tempo. O outro foi o projeto de geografia, as atividades envolvia debates e vídeos, os encontros ocorria na escola mesmo.

- 13. Como era o envolvimento e participação dos professores nos projetos? Quais professores participavam?**  
Eles nos auxiliava nos trabalhos, debatiam com nós também. Só lembro do professor Fábio, a de informatica e a Suzy.
- 14. Nessas atividades que eram desenvolvidas nos projetos você sentia que a abordagem dos professores era diferente em relação ao dia a dia na sala de aula? Porque?**  
Não, pelo o que me lembro, interagiam com nós alunos da mesma forma como era nos projetos. Em minha particular visão.
- 15. Poderia relatar de forma mais detalhada qual projeto (tema/objetivos/ano) você participou?**  
O projeto de geografia, discutia sobre problemas do bairro, e também sobre identidade.
- 16. Pessoalmente (vida particular) como foi participar de algum projeto na escola? E na esfera escolar, de sua formação, das aulas, das disciplinas, ter participado de algum projeto na escola contribuiu de alguma forma?**  
Participar de um projeto na escola foi ótimo, contribuiu bastante para minha aprendizagem.
- 17. Poderia relatar como foi apresentar na Semana de geografia-USP? O que mudou para você?**  
Foi ótimo e gratificante. O que mudou para mim foi a expansão do meu conhecimento, coisas que eu ainda era leigo e que aprendi durante as apresentações que ocorreu na USP.
- 18. Em relação ao lugar que vive pode comentar um pouco como é viver cotidianamente? O que têm para fazer nos finais de semana? Há pontos de lazer e encontro?**  
Cotidianamente é tédioso em particular, por falta de amizades mesmo. Nos finais de semana, costumo sair para outros lugares, fora do bairro. Pontos de lazer tem alguns mas falta mais praças, para encontros (eu sei que não foi perguntado o que falta mas.. rs)
- 19. Nos anos que você estudou na escola (EMEF Professora Marili Dias), durante as aulas, participando dos projetos, ocorria um debate sobre o lugar que você morava? Se sim de qual forma?**  
Sim, ocorria alguns debates mas me falha a memória, de qual forma era.
- 20. E na sua escola atual, acontece atividades parecidas com as que ocorria na EMEF Professora Marili Dias? Se sim, como? Se não, porquê?**  
Não, a escola não tem um bom ensino, os professores não se preocupam em engajar em projetos para nós alunos, que discutam os piores problemas que escola de periferia sofre que é drogas e violência.
- 21. O que você mudaria no lugar que vive atualmente e como a escola poderia contribuir?**  
Mudaria as escolas, muitas estão com as infraestruturas precárias e falta incentivos para alunos estudar, a escola poderia engajar em projetos e também conscientizar para não fazer uso de drogas, que é um grande problema.

#### **ENTREVISTA 4:**

**1. Qual seu nome completo e idade?**

Laura Vitória Arcanjo Da Silva, 16 anos.

**2. Onde mora? (Endereço; rua e bairro/distrito/cidade)**

Rua Particular, nº65. Bairro Morro doce - São Paulo, SP.

**3. De onde você veio?**

Nasci e cresci no mesmo bairro em que me encontro atualmente, Morro Doce.

**4. Já morou em outros lugar (es)? Se sim, qual?**

Já morei um ano no Maranhão.

**5. Qual a sua relação com o bairro que vive?**

É possível identificar de longe os aspectos negativos do bairro onde eu moro, assim como os positivos. Mas minha relação se dá a partir dos aspectos positivos que encontro aqui, o Morro Doce é um lugar vivo, a cultura aqui aflora, e isso sempre contribuiu e acrescentou na minha formação.

**6. Você precisa buscar em outras localidades fora do seu bairro recursos e serviços como saúde, lazer, educação, cultura, trabalho? Poderia relatar melhor para qual (is) bairros você buscava esses recursos e serviços?**

Temos área de lazer, e postos de saúde, porém não é suficiente. As necessidades básicas não são supridas de maneira que possa ser aproveitado pela população. Em consequência disso os moradores se deslocam daqui. Inclusive eu, que estudo em outro bairro, atualmente na Vila Ipojuca (Lapa), e já cheguei a estudar na Vila Madalena. Além do ensino, também procuro por lazer e participo de eventos culturais em outros lugares como a Paulista, Roosevelt, e tudo que envolva o centro de São Paulo.

**7. Qual série e escola estuda atualmente?**

Estou no 2º ano do Ensino Médio, E.E Romeu De Moraes.

**8. Onde fica sua atual escola?**

Vila Ipojuca, Lapa.

**9. Qual ano você estudou na EMEF Professora Marili Dias?**

Estudei da 2º série, até o 9º ano do Ensino Fundamental.

**10. Porque foi estudar na EMEF Professora Marili Dias?**

Porque na época era a escola que tinha vaga para mim.

**11. Durante seus anos na escola (EMEF Professora Marili Dias) quais experiências, negativas e positivas, mais te marcaram?**

O Marili Dias foi um dos lugares que me influenciaram de uma maneira muito forte e positiva. Acontecimentos que me marcaram foram muitos, todos os dias aquele lugar me acrescentava alguma coisa. Não lembro de nenhuma experiência negativa que tenha me marcado tão forte quanto a despedida no 9º ano. E lembro de muitas coisas boas, desde as aulas, os projetos, os campeonatos, os professores, meus amigos, a escola em si e entre outras coisas que ao lembrar só sinto felicidade e principalmente saudade.

**12. Quais projetos interdisciplinares você participou na escola Professora Marili Dias? Poderia descrever brevemente como ocorria os encontros e as atividades?**

Participei de projetos que envolviam o nosso conhecimento tecnológico, que ocorria depois das aulas. Tivemos muitos projetos que envolviam esportes dentro e fora da escola. Assim como oficinas de grafite, música e etc.

**13. Como era o envolvimento e participação dos professores nos projetos? Quais professores participavam?**

O entusiasmo e força de vontade eram grandes, vários professores participavam dos projetos, como o Fábio Machado, Susete Mendes, Malber Luis, e entre outros, praticamente todos os professores ajudavam em alguma coisa.

**14. Necessas atividades que eram desenvolvidas nos projetos você sentia que a abordagem dos professores era diferente em relação ao dia a dia na sala de aula? Porque?**

Era nítido que fora da sala de aula, estavam mais tranquilos apresentando ou ensinando algo. Creio que, os alunos que participavam desses projetos se sentiam em harmonia junto à aula, com isso não haviam os alunos que não se interessavam e acabavam atrapalhando as aulas. E eles abordavam com uma didática mais fácil de ser compreendida.

**15. Poderia relatar de forma mais detalhada qual projeto (tema/objetivos/ano) você participou?**

Em 2012 participei da IX Semana de Geografia: “A geografia na escola e na formação de professores: estado da arte, desafios e perspectivas” na USP.

Em 2013 participei da X semana de geografia: “Escola e universidade: Aprendendo juntos” na USP.

Em 2014 participei da XI Semana de geografia: “A formação e autonomia do professor de Geografia: o papel da Universidade e da Escola” na USP.

E em 2015 participei da XII semana de Geografia: “A construção da identidade do aluno no espaço escolar a partir do lugar”.

Além dos projetos dentro da escola envolvendo os esportes: Handebol, basquete, tênis de quadra e futsal, que tinham todos os anos.

E o projeto cultura digital em 2015.

**16. Pessoalmente (vida particular) como foi participar de algum projeto na escola? E na esfera escolar, de sua formação, das aulas, das disciplinas, ter participado de algum projeto na escola contribuiu de alguma forma?**

Participar dos projetos contribuiu tanto para mim, quanto para as aulas, foi uma melhora em todos os aspectos, porque ganhei experiência e conhecimento de uma forma que eu estava ali por querer, e não por ter que estar lá.

**17. Poderia relatar como foi apresentar na Semana de geografia-USP? O que mudou para você?**

Para nos apresentarmos, sempre tivemos um projeto no qual nos reunimos depois das aulas. E desde as reuniões e debates que tivemos estávamos sempre nos ajudando e em harmonia, e isso só foi crescendo cada vez mais até o dia da apresentação. E era sempre assim, o nervosismo tomava conta, a ansiedade era grande, mas sempre conseguíamos terminar com aplausos e com a sensação de satisfação por ter feito aquilo de coração e apresentado de coração. Conhecemos pessoas novas, trocamos conhecimento e a harmonia nos motivava a continuar.

**18.Em relação ao lugar que vive pode comentar um pouco como é viver cotidianamente? O que têm para fazer nos finais de semana? Há pontos de lazer e encontro?**

Apesar de ter que me deslocar para outros lugares, é uma convivência que, as vezes se torna difícil e cansativa, pelo fato de termos que pegar ônibus lotado até o nosso destino final. Em alguns finais de semana, tem sarau feito pelos próprios moradores, os pontos de encontros são sempre praças. Há áreas de lazer, porém algumas delas não são adequadas pra crianças, porque correm o risco de se machucar já que a infraestrutura não está completa, além de que muitas vezes a própria quadra da escola é usada pelos moradores nos finais de semana pra jogar.

**19.Você acha que os anos que você estudou na escola (EMEF Professora Marili Dias), durante as aulas, participando dos projetos, ocorria um debate sobre o lugar que você morava? Se sim de qual forma?**

Sim, a escola tratava do bairro de uma forma coletiva, já que somos moradores do local, tínhamos total liberdade de expressar aquilo que vivemos aqui.

**20.E na sua escola atual, acontece atividades parecidas com as que ocorria na EMEF Professora Marili Dias? Se sim, como? Se não, porquê?**

Não, as atividades não são tão valorizadas, geralmente os professores não se empenham nos projetos.

**21.O que você mudaria no lugar que vive atualmente e como a escola poderia contribuir?**

Eu focaria na saúde e educação, que está precária, e nas áreas de lazer. A escola poderia contribuir ensinando os alunos sobre o que temos que mudar no nosso bairro, podendo criar projetos e campanhas para melhorar o ambiente. Um bom lugar, se constrói com a ajuda de todos.

**ANEXO D– Legenda da Figura 9- Zoneamento do uso do solo- Limites pertencentes à subprefeitura de Perus**

